

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO**

FABIANE MARIA RIZZARDO

**SEPULTAMENTOS DOS MORTOS ENTRE ANTIGAS
POPULAÇÕES DO TRONCO TUPI:
Confrontando Arqueólogos e Cronistas Quinhentistas**

São Leopoldo

2017

FABIANE MARIA RIZZARDO

**SEPULTAMENTOS DOS MORTOS ENTRE ANTIGAS
POPULAÇÕES DO TRONCO TUPI:
Confrontando Arqueólogos e Cronistas Quinhentistas**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em História da América Latina, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz

São Leopoldo

2017

R627s Rizzardo, Fabiane Maria.
Sepultamento dos mortos entre antigas populações do Tronco Tupi: confrontando arqueólogos e cronistas quinhentistas / Fabiane Maria Rizzardo. – 2017.
120 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História da América Latina, São Leopoldo, 2017.

“Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz.”

1. Índios Tupi. 2. Sepultamentos. 3. Arqueologia. 4. História. I. Título.

CDU 97/8=6

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Bruna Sant’Anna – CRB 10/2360)

Este trabalho é dedicado aos povos indígenas do território brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os desafios enfrentados ao longo desses dois anos, os quais não poderiam ter sido vencidos sem a ajuda de diversas pessoas. Aproveito esse espaço para lembrar as que foram essenciais.

Em primeiro lugar, agradeço ao apoio do meu marido, Edu, por todo carinho, por todas as palavras de incentivos, pelo companheirismo e parceria. A ajuda psicológica que me deste foi fundamental para seguir em frente durante as inúmeras fases que atravessei nos últimos meses. Juntos, nós descobrimos que é verdade que a escrita de uma pesquisa sempre vem acompanhada de muitos problemas... hehehe. Também descobrimos, felizmente, que somos muito bons em ajudar um ao outro.

Banguela, meu segundo companheiro de lar, também merece ser lembrado. As diversas vezes que larguei os livros para ficar contigo no colo fizeram toda a diferença nesse período de tensão.

Agradeço aos meus pais e irmãs, pelo apoio, carinho e parceria. Foi ótimo contar com vocês! Os finais de semana com a Lili, os almoços de domingo entre nós e mesmo os breves encontros, funcionaram como respiros e pausas dos meus dias introspectivos e ansiosos. Conto com vocês para o início da minha nova fase!

Agradeço aos amigos que fiz durante o curso, meus queridos colegas. Agradeço, especialmente, à Cyanna, Bruninha, Cinara e ao Gustavo, com quem compartilhei muitos momentos bons e muitas angústias relacionadas à escrita, tanto pessoalmente quanto via WhatsApp. Também aproveito para agradecer os laços reforçados com a amiga de graduação, Natália.

Todos os professores com quem estive em contato merecem agradecimentos, especialmente aqueles que contribuíram para a escrita da dissertação, seja através das aulas ou de conversas informais: Professores Jairo, Eliane Fleck e Maria Cristina. Meu orientador, Prof. Pedro Ignácio, também merece todo o meu reconhecimento e agradecimento.

Agradeço à equipe do IAP por compartilhar comigo muitos cafezinhos e boas conversas! Depois de sete anos de convívio, certamente sentirei muitas saudades...

Por fim, aproveito esse espaço para agradecer a Capes e UNISINOS pela oportunidade de realizar o mestrado com bolsa integral.

RESUMO

A presente pesquisa é referente aos sepultamentos e demais práticas mortuárias das antigas populações do tronco Tupi, que se desenvolveram no território que hoje compreende o Brasil. O recorte temporal contempla do século I da Era Cristã ao início da colonização pelos europeus. O trabalho foi dividido em duas partes, sendo que a primeira é composta por dois capítulos, ambos inteiramente dedicados às fontes bibliográficas arqueológicas e os seus respectivos dados mortuários; a segunda parte, por sua vez, é composta por outros dois capítulos, um exclusivamente interessado nas fontes quinhentistas, produzidas por viajantes e cronistas em contato com o Tupinambá, e outro no cruzamento entre os dados etno-históricos e os arqueológicos; este último capítulo também contém outras problematizações do universo mortuário Tupi. Cada parte do trabalho conta com um referencial teórico específico: a primeira se vale de conceitos-chave da Arqueologia das práticas mortuárias, e a segunda, dos conceitos próprios da História, capazes de provocar a reflexão acerca das retóricas da alteridade. Como resultado, a pesquisa aponta a validade do diálogo entre a Arqueologia e a História, capaz de matizar a compreensão das práticas ameríndias antigas.

Palavras-chave: Sociedades Tupi. Práticas mortuárias. Sepultamentos. Diálogo interdisciplinar.

ABSTRACT

The present research is related to the burials and other mortuary practices of the ancient populations of the Tupi trunk, that were developed in the territory that today comprises Brazil. The temporal clash contemplates from the 1st century of the Christian Era to the beginning of the colonization by Europeans. The work was divided in two parts, the first one is composed of two chapters, both entirely dedicated to archaeological bibliographical sources and their respective mortuary data; The second part, in turn, is composed of two other chapters, one exclusively interested in the 16th-century sources, produced by travelers and chroniclers in contact with Tupinambá, and the other at the junction between ethno-historical and archaeological data; This last chapter also contains other problematizations of the Tupi mortuary universe. Each part of the work has a specific theoretical reference: the first uses key concepts of Archeology of mortuary practices, and the second part of the concepts of History, capable of provoking reflection on the rhetoric of otherness. As a result, the research points to the validity of the dialogue between Archaeology and History, capable of clarifying the understanding of ancient Amerindian practices.

Key-words: Tupi societies. Mortuary practices. Burial. Interdisciplinary dialogue.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Sepultamento indireto	44
Figura 2 - Sepultamento indireto e detalhe da vasilha que serviu de urna	45
Figura 3 - Vasilhas com remanescentes ósseos humanos.....	47
Figura 4 – Vasilhas que servem de urna acompanhada por tampa; vasilha que serve de urna, sem tampa	47
Figura 5 - Sepultamento indireto com crânio protegido por peça cerâmica.....	49
Figura 6 - Sepultamento indireto, acompanhado por vasilhames para bebidas.....	50
Figura 7 - Sepultamento indireto com “sobre-tampa”; com “tampa”; apenas a vasilha que servia de urna; vasilha abaixo da superfície	52
Figura 8 - Suposição de como a estrutura funerária foi organizada	53
Figura 9 - Estrutura funerária completa e detalhe de uma das ‘tigelas’	54
Figura 10 - Reprodução das ‘tigelas’ encostadas	54
Figura 11- Vasilha que serviu de urna e buraco de estaca.....	55
Figura 12 - Ilustração de sepultamento indireto	56
Figura 13 - Estrutura no sítio e reconstituição da urna.....	57
Figura 14 - Pingente e pote associados ao sepultamento	57
Figura 15 - Detalhe dos remanescentes ósseos e do basalto no interior do vasilhame.....	61
Figura 16 - Sítio-cemitério Scapini.....	63
Figura 17 - Vasilhame que serviu como urna, sem evidência de tampa	63
Figura 18 - Vasilhame que serviu de urna e vasilhame que serviu de tampa do primeiro sepultamento da estrutura	64
Figura 19 - Vasilhame que serviu de urna para o segundo sepultamento e os respectivos anexos funerários	65
Figura 20 - Sepultamento direto do corpo e indireto do crânio.....	66
Figura 21 - Detalhe do vasilhame e das contas do adorno	67
Figura 22 - Vasilha que serviu de urna e vasilha que serviu de tampa.....	68
Figura 23 - Calota craniana com suturas não fusionadas	69
Figura 24 - Vasilha usada como urna e vista lateral da mandíbula	70
Figura 25 – Sepultamento em covas circulares	77
Figura 26 - Sepultamento direto no solo, mas com crânio protegido.....	81
Figura 27 – Tratamento dado ao doente e ao morto.	86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 A Temática Mortuária	8
1.2 A Pesquisa	9
1.3 A ‘Tradição Cerâmica Tupiguarani’ e as ‘Sociedades Tupi’	11
2 OS SEPULTAMENTOS TUPI A PARTIR DAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS PRODUZIDAS PELA ARQUEOLOGIA	14
2.1 Região Norte: O Caso da Amazônia	14
2.2 Região Nordeste: Achado Fortuito e Breve Síntese Regional.....	18
2.3 Região Centro-Oeste: O Contexto do Mato Grosso do Sul e Goiás.....	21
2.4 Região Sudeste: O Contexto de São Paulo e Rio de Janeiro.....	25
2.5 Região Sul: As Sistemáticas Pesquisas Arqueológicas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina e a Densidade de Práticas Mortuárias.....	29
2.6 Reflexão com Base nas Fontes Bibliográficas	38
3 DADOS MORTUÁRIOS: ANÁLISES E COMPARAÇÃO	41
3.1 Caso 1: Análise de Sepultamento em Vasilha, Localizado por Pereira et al. (2008), PA ...	43
3.2 Caso 2: Análise de Sepultamento em Vasilha, Abordado por Carlos Etchevarne (2009), BA.....	45
3.3 Caso 3: Análise de Área de Enterramento, Localizada por Igor Chmyz (1974), MS	46
3.4 Caso 4: Análise de Área de Enterramento, Localizada por Kashimoto e Martins (2009), MS	49
3.4.1 Sepultamento A (Sítio VN1)	49
3.4.2 Sepultamento B (Sítio VN1).....	50
3.5 Caso 5: Análise de Sepultamento em Vasilha, Localizado por Ondemar Dias (2009), RJ.	51
3.6 Caso 6: Análise de Sepultamentos em Vasilhas, Localizados por Buarque (2010), RJ.....	54
3.6.1 Sepultamento A (“Estrutura 2”: Sítio “aldeia Morro Grande”).....	54
3.6.2 Sepultamento B (“Estrutura 1”: Sítio “Aldeia Serrano”)	56
3.6.3 Sepultamento C (“Estrutura 1”: Sítio “aldeia Bananeiras”)	57
3.7 Caso 7: Análise de Área de Enterramento, Localizada pelo ‘Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE’, SC.....	58
3.7.1 Sepultamento A (“Estrutura Funerária I”).....	58
3.7.2 Sepultamento B (“Estrutura Funerária 7”)	59
3.8 Caso 8: Análise Sepultamento em Vasilha, Analisado por Müller e Souza (2011), SC ...	60

3.9 Caso 9: Análise de área de Enterramento, Localizada por Sérgio Klamt (2004), RS	62
3.9.1 Sepultamento A (“Estrutura A”: Sítio Scapini).....	63
3.9.2 Sepultamento B e C (“Estrutura D”: Sítio Scapini).....	64
3.10 Caso 10: Análise de Sepultamentos Estudados por Marlon Pestana (2007), RS.....	66
3.10.1 Sepultamento A (Sítio RS-LC-09: Manoel Mariano Machado).....	66
3.10.2 Sepultamento B (Sítio RS-LC-45: Lino Azevedo).....	68
3.10.3 Sepultamento C (Sítio RS-LC-49: Bacopari I).....	70
3.11 Comparação entre os Dados Mortuários	71
4 OS SEPULTAMENTOS E DEMAIS PRÁTICAS MORTUÁRIAS TUPINAMBÁ A PARTIR DE FONTES ETNO-HISTÓRICAS	74
4.1 Doença e Morte entre os Tupinambá na Observação do Aventureiro Hans Staden .	75
4.2 O Sepultamento dos Mortos, o Luto e as Festividades Fúnebres entre os Tupinambá na Observação do Frei Franciscano André Thevet.....	78
4.3 A doença, o Tratamento Diferencial dos Mortos e as Festividades Fúnebres entre os Tupinambá na Observação do Teólogo Jean de Léry.....	83
4.4 Diferenças no Tratamento Funerário de Homens, Mulheres, Lideranças e Filhos de Lideranças entre os Tupinambá na Observação do Governador Gabriel Soares de Souza ...	88
4.5 A Comparação entre as Retóricas da Alteridade	91
5 O UNIVERSO MORTUÁRIO TUPI.....	96
5.1 Projeção Etnográfica: Cruzamento entre Dados Etno-Históricos e Arqueológicos... 	96
5.2 Fonte Etnográfica: o Trabalho de Egon Schaden (1974).....	101
5.2.1 Projeção Etnográfica: Cruzamento entre Dados Etnográficos e Arqueológicos.....	106
5.3 Considerações Acerca das Projeções Etnográficas.....	108
5.4 Tratamento Dado aos Possíveis Inimigos em Oposição ao Tratamento Destinado aos Membros da Aldeia	110
6 CONCLUSÃO.....	114
REFERÊNCIAS	117

1 INTRODUÇÃO

1.1 A Temática Mortuária

A presente Dissertação de Mestrado, conforme o título sugere, é interessada na temática das práticas mortuárias Tupi. O intuito de estudar os sepultamentos pertencentes a esse tronco linguístico teve origem ainda em 2013, enquanto bolsista de Iniciação Científica e graduanda do curso de História. Foi sugerido pelo Professor Pedro Ignácio Schmitz, orientador da pesquisa, a partir da percepção dele de que as deposições intencionais em sítios arqueológicos Tupi (identificados especialmente pela presença da cerâmica da tradição Tupiguarani) eram citados pelos arqueólogos em suas fontes, mas pouco explorados, apesar do seu potencial para dar a conhecer aspectos pertinentes sobre a população que os elaborou.

No período de realização do Trabalho de Conclusão de Curso, em 2014, tive a oportunidade de reunir dados que possibilitaram breve reflexão acerca das primeiras investigações sobre a temática. Na época, escolhemos apenas as pesquisas referentes ao território associado à subtradição Pintada (relacionada aos Tupinambá) e ao território associado à subtradição Corrugada (relacionada ao Guarani), originando o trabalho intitulado “Formas de sepultamento na tradição cerâmica Tupiguarani”. Não chegamos a incluir nessa pesquisa a enigmática região amazônica, tida como a origem da dispersão dos ceramistas Tupiguarani.

Em suma, preocupamo-nos em sintetizar os principais trabalhos que elencam os sepultamentos e comparar as formas encontradas em cada uma das subtradições. Foram verificadas, entre outros aspectos, variações regionais:

A partir da comparação entre uma e outra subtradição é possível concluir que as diferenças mais significativas podem ser consideradas variações regionais. Ressaltamos que estas variações possuem relação com a composição das estruturas funerárias em uma e em outra subtradição, a presença ou ausência de fogueiras e buracos de estacas nas áreas de enterramento, a presença ou ausência de acompanhamentos funerários como tembetás, machados, colares, entre outros elementos citados anteriormente. (RIZZARDO, 2014, p. 54).

Na última parte, três cronistas de época em contato com o Tupinambá foram elencados (embora de maneira superficial), sobre os quais concluímos não terem produzido fontes que servissem para pensar os achados arqueológicos de tempo anterior à Conquista do território pelos europeus. Por outro lado, foi reafirmada nesse TCC a validade dos dados etnográficos,

registrados por Egon Schaden, para pensar a função das urnas funerárias, desconsiderando-se os cuidados e ressalvas necessárias ao se valer dessa categoria de fonte.

A presente Dissertação de Mestrado, nesse sentido, pretende aprofundar esse estudo prévio, mas sob enfoque diferente. Algumas das fontes abordadas serão revisitadas, a partir de outros objetivos, possibilitando uma pesquisa inteiramente nova e que, em diversos sentidos, alcança resultados distintos daqueles apontados no Trabalho de Conclusão de Curso. De modo geral, também o viés da Dissertação de Mestrado será outro. Não mais separaremos os sepultamentos por “subtradições” arqueológicas, de forma que a ênfase esteja nas práticas das populações Tupi e não na cultura material desse grupo.

1.2 A Pesquisa

A Dissertação de Mestrado, conforme elencado acima, é interessada na temática das práticas mortuárias Tupi - e dos grupos que possam ter adotado aspectos culturais pertencentes a esta família, incluindo o sepultamento em associação com a cerâmica Tupiguarani. A investigação abrange os dados mortuários arqueológicos de todo o território brasileiro.

Como a maior parte dos sítios arqueológicos Tupi não possui datações, o recorte temporal abarca os sepultamentos do início do desenvolvimento da cultura material Tupiguarani no território (século I da Era Cristã) até o início da efetiva colonização pelos europeus, quando as práticas ameríndias passam por sucessivas modificações e ressignificações.

As fontes investigadas são as produzidas pelos arqueólogos que escavaram diferentes sítios com registros mortuários, as fontes produzidas por cronistas e viajantes quinhentistas e, de modo complementar, a produzida por antropólogo em tempo recente.

Em termos acadêmicos, o estudo das práticas mortuárias é relevante para preencher lacunas de estudos anteriores e para rever interpretações equivocadas ou demasiadamente restritas, elaboradas com base em apenas um sítio arqueológico ou em apenas uma região. As práticas mortuárias, com suas respectivas concepções e ritos, são dos aspectos mais impactantes da cultura humana, tornando-se de interesse para a História, a Arqueologia e a Antropologia. Cada sociedade tem as suas formas características de lidar com a morte e com os seus mortos e essas formas revelam elementos fundamentais da organização social dos vivos. (RIBEIRO, 2007). Nesse sentido, o estudo oferece a oportunidade de ampliar o entendimento dos grupos que elaboraram as práticas investigadas.

Os trabalhos sobre sociedades indígenas do passado, além de significativa para o meio acadêmico, também podem ser de interesse para os indígenas atuais, os quais gradativamente estão acompanhando e se valendo das pesquisas elaboradas pelos brancos, a partir de objetivos variados. Pensamos que, se lhes for pertinente, a Dissertação de Mestrado poderá ser revisitada e criticada, de forma que complemente as intenções da sociedade ou do indivíduo indígena, estando ele ligado ao meio acadêmico ou não.

Dentro do objetivo de estudar as práticas mortuárias Tupi de tempo remoto, outros quatro objetivos específicos podem ser elencados: a) investigar como as áreas com enterramentos humanos foram descritas, analisadas e interpretadas pela literatura arqueológica, a fim de compreender as nuances nas formas de entendimento e tratamento dos achados; b) analisar e comparar os dados arqueológicos de uma amostra de sepultamentos oferecida pelas fontes bibliográficas arqueológicas, a fim de ampliar as constatações feitas até o momento; c) testar o valor etnográfico que as observações dos cronistas e viajantes quinhentistas possuem, submetendo as fontes etno-históricas à análise; d) problematizar o universo mortuário Tupi.

Os objetivos a e b compõem a primeira parte do trabalho (primeiro e segundo capítulo), o qual se interessa exclusivamente pelas fontes bibliográficas arqueológicas e seus respectivos dados mortuários. Por sua vez, os objetivos c e d compõem uma segunda parte (terceiro e quarto capítulo), onde as fontes etno-históricas são consideradas, bem como os aspectos diversos que problematizam as práticas mortuárias.

Quanto ao referencial teórico, é importante destacar que a primeira parte da pesquisa se vale, principalmente, dos conceitos revisitados por Py-Daniel (2015), os quais podem ser vinculados à subárea da Arqueologia interessada na morte e seus ritos, denominada de “Arqueologia das práticas mortuárias”, conforme definição de Ribeiro (2007, p. 20). A segunda parte da pesquisa, por sua vez, conta com referencial teórico diferenciado e próprio para a investigação das narrativas quinhentistas. Dessa forma, considera especialmente os conceitos desenvolvidos pelo historiador francês, François Hartog (1999; 2004).

Além da primeira e segunda parte, o trabalho é composto pela conclusão, onde relembremos os principais elementos abordados em cada um dos capítulos e retomamos os respectivos resultados. Ao final da pesquisa, esperamos que o leitor perceba a intenção de colocar em diálogo a Arqueologia e a História, com a finalidade de avançar na pesquisa das populações Tupi e, conseqüentemente, nas pesquisas interessadas em populações ameríndias.

1.3 A ‘Tradição Cerâmica Tupiguarani’ e as ‘Sociedades Tupi’

Antes de iniciarmos o trabalho, cabe elencar reflexão referente à tradição cerâmica Tupiguarani e a sua relação com as sociedades Tupi-Guarani ou sociedades Tupi. Essa abordagem é importante na medida em que nos valeremos de fontes bibliográficas que utilizam a cerâmica como critério para definição dos sítios arqueológicos pertencentes aos Tupi, bem como para interpretar os correspondentes enterramentos humanos desse tronco.

Já é imensa a bibliografia sobre a cerâmica Tupiguarani e as sociedades Tupi. Nessa introdução apresentamos dados gerais, sem referências específicas a todos os autores implicados em sua produção.

José Brochado, depois de uma primeira síntese geral da tradição cerâmica Tupiguarani (1974), ofereceu atualização de toda a tradição tecnológica na sua tese (1984). Prous e Lima, ed. (2010) ofereceram nova visão geral da tradição, a partir da reunião de artigos de diversos pesquisadores. Entre os trabalhos mais recentes, destacamos a tese de Ângelo Corrêa (2014), que aprofunda e revisita os aspectos do desenvolvimento da tradição Tupiguarani no território brasileiro. Para uma visão geral da subtradição Pintada, ou Tupinambá pode-se ver Scatamachia (1990). Uma atualização foi feita por Oliveira, org, (2009). Quanto à subtradição Corrugada ou tradição Guarani, destacamos o trabalho de Bonomo et al. (2015) que reúne e atualiza o conhecimento prévio.

Pesquisas regionais continuam a se multiplicar tanto na região da subtradição Corrugada, ou Guarani, como na da tradição Pintada, ou Tupinambá. Para esta última, vale a pena citar novos trabalhos em áreas muito mal conhecidas; são de Guimarães (2007), Almeida (2008), Pontim (2011) e Suñer (2015).

Segundo estas produções, a tradição cerâmica Tupiguarani começou a se desenvolver no território que hoje compreende o Brasil, e partes de outros países da América do Sul, por volta do primeiro século da Era Cristã, desaparecendo na medida em que progredia a instalação do colonizador europeu. Vestígios materiais dessa tradição, conforme sugerido anteriormente, são os principais elementos para identificar assentamentos de grupos pertencentes à família linguística Tupi-Guarani.

É interessante notar que o termo Tupiguarani (sem hífen), empregado pelos arqueólogos, se refere à indústria cerâmica de uma população antiga, em grande parte da família linguística Tupi-Guarani (com hífen). Faz-se necessário considerar, porém, que sociedades indígenas de outras famílias podem ter adotado aspectos culturais Tupi-Guarani, incluindo o modo de confecção e utilização da cerâmica. Por esse motivo, alguns

pesquisadores usam a expressão “ceramistas Tupiguarani” ao invés de “grupo Tupi-Guarani”, como forma de garantir que não haja associação direta entre materialidade e classificações linguísticas e étnicas. Apesar dessas considerações, privilegamos nessa Dissertação de Mestrado a expressão “sociedades Tupi”, a fim de enfatizar mais as organizações sociais e menos a cultura material delas.

Elementos da tradição Tupiguarani estão presentes em diversos estados brasileiros. Aqueles localizados no centro e no Nordeste do país foram inicialmente inseridos na subtradição “Pintada”. O nome faz referência à predominância das peças com pinturas de motivos variados. Estudiosos posteriores passaram a chamar essa subtradição de “Tradição Tupinambá”, sugerindo uma relação entre os ceramistas antigos e os grupos Tupi históricos, que se desenvolveram na mesma região.

Do mesmo modo, a cerâmica Tupiguarani do Sul do Brasil, foi inserida na subtradição “Corrugada”, fazendo referência à predominância de vestígios com decoração plástica corrugada, a maioria sem pintura. Em período posterior, esta subtradição passou a ser denominada como “Tradição Guarani”, sugerindo uma relação com os Guarani históricos, que se desenvolveram nesse mesmo território.

Mais recentemente, o pesquisador André Prous (2006; 2011) considerou a associação entre os grupos anteriores ao tempo da Conquista e os históricos um equívoco, uma vez que não há como comprovar uma continuidade, em termos de identidade, entre os grupos remotos e os modernos, ainda que provavelmente exista continuidade étnica. Nesse sentido, ele propôs o uso do termo “Proto-Tupi” para designar os grupos nórdicos antigos e “Proto-Guarani” para designar os grupos mais ao Sul; para denominar todas as manifestações materiais regionais, o arqueólogo manteve o termo “tupiguarani” (PROUS, 2011).

Ainda não existe entre os pesquisadores brasileiros um consenso para as terminologias. Nesse sentido, ainda é possível encontrar trabalhos atuais que separam a tradição Tupiguarani em duas subtradições, da mesma forma como é possível encontrar trabalhos que pensam as subtradições como duas tradições distintas, cada uma delas relacionada a um grupo. Menos comum, por ser uma proposta relativamente recente, é pensar os achados dentro da proposta de André Prous.

Para a Amazônia, região considerada por muitos pesquisadores como local de dispersão Tupiguarani, há outras nomenclaturas que visam contemplar as particularidades da cultura material na área. Cabe ressaltar que encontramos dificuldades para compreender se os sepultamentos que diferem das formas encontradas nas demais regiões de fato poderiam ser considerados como Tupi. Por fim, optamos por abordar na dissertação apenas o sepultamento

em vasilha identificada, pelos autores da fonte que aborda esse achado, como Tupiguarani, o qual de fato apresenta características dessa tradição arqueológica e, conseqüentemente, relação com as demais formas de sepultamentos abordadas ao longo do trabalho. Contudo, mencionaremos no primeiro capítulo da dissertação uma Tese de Doutorado referente a diferentes contextos mortuários amazônicos, a qual inclui outras formas de tratamento que são associadas pela autora aos Tupi (incluindo cremações, nunca verificadas nas demais regiões), matizando o contexto mortuário da região.

De qualquer forma, os sítios arqueológicos da tradição cerâmica Tupiguarani de todo o Brasil estão representados, principalmente, por “manchas de terra escura” resultantes de acúmulo de restos orgânicos, produzido por ocupações contínuas, em áreas de solo fértil, ao longo de corpos de água. Estes locais apresentam, também, a deposição da maior parte da cultura material lítica e cerâmica e são interpretados como áreas de habitação, podendo estar isoladas ou formando agrupamentos com números diferentes de concentrações (entre duas a cinco). A área ocupada por um assentamento é variável, podendo ir de 100 m² a 50.000 m² (BROCHADO, 1984, p. 259).

Os vasilhames cerâmicos que caracterizam a tradição Tupiguarani e que são encontrados em abundância nas áreas de habitação possuem variedade de formas. Muitos trabalhos arqueológicos já os descreveram e reconstituíram, indicando que estão relacionados a três categorias de ação (processar, servir e armazenar alimentos sólidos e líquidos). Um aspecto importante, contudo, é o fato de a cerâmica não pertencer apenas à esfera das atividades domésticas, aparecendo também entre as práticas mítico-religiosas. Grandes panelas de barro, confeccionadas para cozinhar e preparar o cauim, bebida fermentada muito comum entre os grupos Tupi, são encontradas em associação aos sepultamentos, conforme será possível verificar ao longo da pesquisa.

2 OS SEPULTAMENTOS TUPI A PARTIR DAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS PRODUZIDAS PELA ARQUEOLOGIA

Conforme explicitado na introdução, a presente Dissertação de Mestrado é interessada nas práticas mortuárias das antigas populações do tronco Tupi, que ocuparam o atual território brasileiro entre o início da Era Cristã e a efetiva colonização europeia. Trata-se de uma pesquisa preocupada no que foi produzido sobre as práticas mortuárias dessas sociedades, como forma de revisar e atualizar concepções incompletas ou inconsistentes que já estão enraizadas na literatura produzida pelos arqueólogos.

O presente capítulo, nesse sentido, elencará as principais produções bibliográficas que abordam, de forma parcial ou exclusiva, os sepultamentos das sociedades que nos interessam, visando cumprir o primeiro dos quatro objetivos da pesquisa: refletir sobre como as áreas de enterramentos e os achados humanos foram descritos, explicados e/ou interpretados ao longo dos diferentes momentos e contextos da Arqueologia brasileira. Assim, sempre que plausível, indicaremos a formação de cada pesquisador e o viés teórico e metodológico do mesmo, tornando possível abranger as nuances nas formas de compreensão e tratamento dos achados. Os artigos, teses, dissertações, livros e relatórios serão entendidos como fontes bibliográficas.

Os dados arqueológicos, que procuraremos analisar no capítulo seguinte e cruzar com as fontes etno-históricas no último capítulo, serão os que se encontram em algumas dessas fontes bibliográficas.

A fim de facilitar a compreensão, as produções serão abordadas por região a que se referem as escavações e, em seguida, pelo ano de sua publicação ou de elaboração. Os conceitos referentes à temática mortuária serão elencados no capítulo conforme constam originalmente nas fontes. A partir dessa primeira reflexão, esperamos ter as bases para avançar no entendimento sobre as práticas funerárias recorrentes no território brasileiro.

2.1 Região Norte: O Caso da Amazônia

A literatura referente ao Norte do país praticamente não oferece dados sobre sepultamentos Tupi, muito provavelmente pela dificuldade, por parte dos arqueólogos, de relacionar os vestígios da região a esta família linguística. No entanto, consideramos pertinente seguir os “rastos” contidos em trabalhos que tentam realizar essa associação, numa tentativa de obter algumas informações.

O primeiro dos três volumes de “Os ceramistas Tupiguarani”, organizado por Lima e Prous (2008) apresenta sínteses regionais sobre a grande tradição tecnológica Tupiguarani, abrangendo, nesse sentido, a região Norte. Um dos capítulos, intitulado “A tradição Tupiguarani na Amazônia”, escrito por Edithe Pereira et al. (2008), sintetiza aspectos centrais sobre escavações feitas no Pará, apresentando achados Tupiguarani de diversos sítios arqueológicos desse estado.

O enfoque do capítulo está, especificamente, em duas regiões paraenses. A primeira a ser elencada pelos autores refere-se à Serra do Sossego, em Canaã dos Carajás, onde as escavações arqueológicas tiveram início no ano 2000. Entre os sítios arqueológicos identificados nesta área, os autores destacam o bem preservado “PA-AT-247: Domingos”, com presença de treze vasilhames cerâmicos inteiros ou semi-inteiros, dispostos abaixo da camada preta, local onde estaria a ocupação humana. Uma informação interessante apontada pelos autores é o fato de ter sido possível perceber a remoção intencional da terra para cobrir estas peças. (PEREIRA et al., 2008, p. 52).

Apenas uma dessas vasilhas inteiras foi interpretada como uma urna funerária, em função da presença de ossos humanos no interior. Os restos mortais do indivíduo correspondem a uma criança. A descrição geral indica que a estrutura funerária era composta por uma urna, uma tampa e por um machado polido, disposto junto ao corpo do infante. (PEREIRA et al., 2008, p. 52).

Esse mesmo sítio foi datado por Termoluminescência (TL), possibilitando “*situá-lo entre 1.300 ± 130 e 530 ± 55 A.P.¹.*” (PEREIRA et al., 2008, p. 53). Conexas com as características das peças cerâmicas, essas datas permitem associar o sítio amazônico à ocupação Tupiguarani. (PEREIRA et al., 2008, p. 53).

As interpretações sobre os achados humanos e a área de enterramento não constam no capítulo, assim como os rituais empregados na elaboração do sepultamento também não são descritos. É importante destacar, além disso, que a pesquisa ficou devendo informações acerca das demais vasilhas enterradas, tais como outros dados sobre o contexto e a posição das peças, de forma a refletir se também elas poderiam ter abrigado corpos humanos. Ficamos na dúvida se juntas estariam representando uma área de enterramento, ainda que a remoção de terra, para cobrir as vasilhas localizadas próximas umas às outras, esteja indicando que sim.

A segunda área com presença de elementos cerâmicos Tupiguarani, elencada no texto, refere-se à região da Floresta Nacional Tapirapé-Aquiri, em Parauapebas. As pesquisas

¹Antes do Presente (tendo como base o ano de 1950).

arqueológicas desta localidade paraense iniciaram em 2003 e os resultados delas são ainda preliminares. Das informações trazidas pelos autores podemos destacar o fato de a área escavada possuir dois tipos de sítios arqueológicos: um caracterizado pela pouca profundidade e baixa densidade de materiais, indicando tratar-se de sítios acampamentos, e outro caracterizado pela maior quantidade de materiais arqueológicos, além de manchas de terra preta que possivelmente demarcam o lugar das antigas cabanas. (PEREIRA et al., 2008, p. 54).

Em ambos os tipos de sítios foram registrados buracos de esteio e de estacas, além de fogueiras. (PEREIRA et al., 2008, p. 54). A descrição dessa segunda região paraense não contempla dados referentes a áreas de enterramento ou mesmo a achados humanos isolados.

De forma sucinta, o caráter do capítulo, de reunião de dados e de síntese das pesquisas arqueológicas no Pará, desfavoreceu uma discussão teórica e desamparou uma abordagem mais consistente sobre a riqueza dos aspectos funerários. No entanto, cumpriu o objetivo de fornecer um panorama sobre a presença da tradição cerâmica Tupiguarani na Amazônia. Para a presente dissertação, o trabalho é particularmente importante por apresentar significativos, embora escassos, indícios de sepultamentos associados às sociedades Tupi.

Outro trabalho que merece atenção é a Tese de Doutorado “Os contextos funerários na Arqueologia da Calha do Rio Amazonas”, desenvolvida pela arqueóloga Anne Rapp Py-Daniel, sob orientação do Prof. Dr. Levy Figuti. É uma pesquisa resultante de muitos anos de investigação, que inova por dedicar-se exclusivamente à temática do universo mortuário na região amazônica.

A tese defendida em 2015, vinculada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, analisa dados funerários de diferentes sítios arqueológicos localizados entre o médio rio Solimões e o estado do Amapá. Ao se debruçar sobre a temática, a pesquisadora pretende fornecer um corpo de dados coerente, capaz de evidenciar os padrões ou características em comum entre os contextos funerários da Amazônia, os quais estão associados a quatro troncos linguísticos diferentes.

Apesar de o ponto de partida ser a arqueologia, Anne Py-Daniel se vale dos dados da antropologia social, bem como da etnologia em geral para definir os conceitos e a metodologia de análise. Ao que podemos perceber, ela busca conciliar as premissas processualistas francesas (que privilegiam o rigor da análise dos dados) e as premissas pós-processualistas (que consideram questões subjetivas, tais como a simbologia e os ritos, bem como a identidade), sem desconsiderar as críticas recentes feitas a ambos os vieses. Em suma, há uma preocupação com os gestos empregados nos sepultamentos, com os contextos e a

localização dos achados humanos, com os acompanhamentos e, por fim, com os próprios indivíduos sepultados.

Py-Daniel não identificou a presença da tradição cerâmica Tupiguarani nas áreas a que se ateve, apresentando sepultamentos com características diferentes daquelas elencadas por Pereira et al. (2008). Porém, algumas das tradições e fases investigadas na tese foram associadas pela autora ao tronco Tupi (embora não haja entre os arqueólogos um consenso para essa associação). De qualquer forma, é importante incluirmos nesse espaço as principais conclusões e interpretações feitas, a fim de problematizarmos os sepultamentos amazônicos.

Em primeiro lugar, é interessante destacarmos que a tese aponta para uma diversidade de práticas funerárias Tupi na região amazônica, as quais levaram a autora a afirmar que “*talvez a principal característica Tupi seja exatamente a ausência de padrão funerário*”. (PY-DANIEL, 2015, p. 303). Três diferentes e possíveis causas para tal diversidade são apresentadas no trabalho:

- 1) O contato intenso com outros grupos;
- 2) Um grande número de posições sociais;
- 3) Uma maior flexibilidade das práticas funerárias dentro de cada sociedade, em que a cosmologia e a identidade de cada indivíduo incitasse às diferenciações no momento do tratamento dos corpos ou ao desprezo da materialidade, se voltando mais para o espiritual. (PY-DANIEL, 2015, p. 303).

Para a Tradição Polícroma na qual, de acordo com Py-Daniel, poderia ter origem a Tupi, a diversidade de práticas não ocorre e é possível identificar uma padronização dos contextos mortuários. (PY-DANIEL, 2015, p. 303).

Pelo que podemos perceber, o olhar voltado para a diversidade de práticas Tupi teria origem nos dados etnográficos, referentes a populações atuais, investigados pela arqueóloga ao longo do trabalho. É possível que esses dados tenham motivado a associação entre parte da materialidade encontrada na região amazônica com o tronco linguístico Tupi. De todo modo, as práticas mortuárias Tupi ocupam pequena parte da tese, uma vez que outros três troncos linguísticos – Arawak, Karib e Jê - também são abordados, contemplando os mais variados contextos.

Os sepultamentos associados aos Tupi não são explorados ou ilustrados suficientemente, de forma que pudessem ser incluídos na análise que realizaremos no segundo capítulo. Porém, as interpretações da autora são pertinentes e poderemos observar como elas podem valer (ou não) para o caso apresentado pelos outros pesquisadores, nas demais regiões do país.

2.2 Região Nordeste: Achado Fortuito e Breve Síntese Regional

A literatura referente ao Nordeste do Brasil também oferece poucos dados sobre os sepultamentos Tupi. Vasilhames associados à tradição Tupiguarani certamente são recorrentes, mas os achados humanos nem sempre estão preservados nos sítios arqueológicos, contribuindo para o desinteresse dos pesquisadores pelo universo mortuário. Contudo, um dos trabalhos de Carlos Etchevarne (2009), intitulado “Os grupos Tupi na Bahia: uma abordagem arqueológica” faz menção a uma estrutura funerária com presença de remanescentes ósseos.

De acordo com a descrição, trata-se de achado fortuito, localizado pelo proprietário das terras, no município Morro do Chapéu - uma das cidades da Bahia com maior número de sítios Tupiguarani. Tal estrutura era formada por duas assadeiras e por uma cerâmica de decoração plástica que fez as vezes de urna funerária. Os ossos humanos no seu interior confirmam o contexto mortuário. Nas proximidades do sepultamento, também foram localizados fragmentos de outras peças cerâmicas e um tembetá de coloração esverdeada. (ETCHEVARNE, 2009, p. 124).

Um dado importante, elencado pelo autor, é a datação do achado por TL, que permitiu situar o sepultamento em 709 ± 82 anos A.P.

Outros sítios arqueológicos Tupiguarani são mencionados no trabalho, os quais são analisados com a intenção de fornecer hipóteses pertinentes. Contudo, nenhum outro sepultamento é descrito. Também não consta no trabalho a análise e interpretação da única estrutura funerária destacada. Em suma, é um trabalho de reunião de dados, preocupado em apresentar a ocupação Tupiguarani no estado da Bahia, inserindo, dessa forma, informações sobre o achado fortuito.

Outro trabalho pertinente para essa região é o artigo “Recipientes Cerâmicos de grupos Tupi, no nordeste brasileiro”, escrito pelo arqueólogo Marcos Albuquerque, uma vez que oferece uma síntese da presença da tradição cultural em a região nordestina, trazendo informações sobre possíveis urnas funerárias.

O artigo foi publicado em “Os ceramistas Tupiguarani”, organizado por Lima & Prous (2008) e aponta para uma diversidade de ecossistemas escolhidos pelos ceramistas para estabelecer assentamento, não sendo possível identificar um único padrão. Marcos Albuquerque também ressalta no texto que a maior parte dos sítios Tupiguarani estão localizados na superfície do solo. Dessa forma, as peças encontram-se suscetíveis à erosão e contaminação, dificultando uma datação segura. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 69).

Os sepultamentos associados à cerâmica Tupiguarani poderiam oferecer as datas, porém, os vestígios humanos são escassos e quase sempre estão localizados fora da área da aldeia, não sendo possível relacionar o assentamento aos remanescentes humanos. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 69). Ainda que nenhum exemplo tenha sido elencado, essa última constatação realizada pelo autor indica que os sepultamentos Tupi do Nordeste brasileiro normalmente estão em áreas específicas, fora da habitação.

Em relação às datas existentes, situam-se entre 700 e 300 anos A.P.; elas ainda são escassas e não permitem informar a relação entre tempo e espaço ocupado. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 70). É pertinente destacar, porém, que há indícios de que a tradição cerâmica Tupiguarani ainda existia durante o período inicial da colonização pelos europeus, embora, de acordo com o autor, seja difícil identificar por quanto tempo mais ela teria se mantido ou “resistido” ao contato. (ALBUQUERQUE, 2008, p.71).

Antes de adentrar no aspecto “urnas funerárias”, o arqueólogo elenca algumas iconografias do século XVII e XVIII, as quais indicariam a participação Tupi na sociedade da época, mais especificamente nos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Uma delas, inclusive, é interessante por ilustrar uma panela indígena. Após esse tópico, ele discorre sobre as formas das cerâmicas e suas características, justificando o título do trabalho. Um aspecto importante, nesse sentido, é que a maioria das peças encontradas são fragmentadas, sendo a reconstituição gráfica um recurso importante para estudá-las. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 76).

Quanto às peças inteiras, referem-se a achados fortuitos, que nem sempre puderam ser escavadas por um arqueólogo. Na maioria dos casos, inclusive, não é mais possível que um profissional revisite o local do enterramento em busca de novos dados, pois estes foram recolhidos em contextos de desmontes de barreiras, construções de estradas, entre outras situações que destroem os registros. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 79).

As peças inteiras já localizadas têm em comum o fato de terem sido encontradas abaixo da superfície do solo, justificando a sua preservação. Dessa forma, o autor se pergunta qual o motivo da sua profundidade, não descartando a possibilidade de terem sido enterradas. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 79). Dois tipos de cerâmicas inteiras predominam entre essas peças: “*potes introvertidos (comumente associados a urnas funerárias) e tigelas*”. (ALBUQUERQUE, 2008, p.79). Sobre os sepultamentos localizados em algumas das peças, afirma:

Embora sejam mais comuns as referências à presença de restos humanos em recipientes capazes apenas de conter sepultamentos secundários, existem registros da presença de restos humanos em grandes recipientes capazes por suas dimensões de terem servido a inumação primária. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 79).

A partir da citação acima, compreendemos que para Albuquerque há sepultamentos tanto secundários quanto primários, a julgar pelo tamanho das vasilhas. O autor ainda afirma que os grandes recipientes “*certamente não foram elaborados em um dia*”, já que sua “*manufatura, queima e resfriamento*” precisariam de vários dias; para ele, o tempo de confecção da peça não condiz com o tempo máximo para se deixar exposto um cadáver até o correspondente ritual de enterramento, especialmente em um clima tropical e entre um grupo que besunta o morto com mel e o cobre com plumas. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 79). A partir dessa última constatação, percebemos que o autor se vale de noções presentes em relatos de época para compreender a prática mortuária indígena. No entanto, ele não cita a fonte da informação, bem como não inclui no texto qualquer crítica ao documento.

Ainda inspirado nos relatos de época, afirma que o “*sepultamento primário em urnas*” é “*restrito a eventuais circunstâncias ou personalidades*”, sendo possível que “*envolvesse uma prévia preparação dos objetos rituais*”. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 80).

Para Albuquerque, as peças com marcas de quebra abaixo da borda ou à altura do ombro, corresponderiam a quebras propositais para encaixar o morto. Embora o autor não reflita sobre o assunto, temos aí uma evidência de que os Tupi dessa região de fato não confeccionavam as cerâmicas apenas para o contexto mortuário, mas as reutilizavam para essa finalidade conforme a necessidade, de forma semelhante ao que já foi constado por outros arqueólogos, em diversos sítios Tupi, como ficará evidente ao longo desse capítulo.

Outra característica das vasilhas inteiras é a presença de uma segunda peça que cobre a “urna”. Ao que podemos perceber, Albuquerque coloca entre aspas o termo para indicar que nem todas as vasilhas com cobertura (ou tampa) continham ossos humanos no interior, dificultando uma associação segura com um sepultamento. Conforme consta no texto, uma “urna” em específico, cujo local de encontro não foi indicado, estava preenchida com sedimento infiltrado e não continha vestígios humanos, nem mesmo dentes. Para Albuquerque, o fato de essa vasilha ter sido enterrada e apresentar uma cobertura não indicariam a presença de uma estrutura funerária. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 80). É interessante considerar, contudo, que para outros arqueólogos os ossos humanos não são tão importantes, uma vez que os vestígios contidos no interior das peças podem facilmente deteriorar, sendo, nesse sentido, necessário observar o contexto como um todo. (Ver BUARQUE, 2010).

O artigo elenca, por fim, outras informações sobre as peças cerâmicas, as quais não necessariamente estariam relacionadas ao universo mortuário. Ao mencioná-las, Albuquerque ressalta a importância e possibilidade de essas peças traçarem os eventuais contatos culturais ocorridos entre diferentes tribos Tupi ou mesmo entre Tupi e outras etnias. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 89).

Em suma, é possível perceber que Albuquerque suprimiu o embasamento teórico do trabalho e se absteve de inserir as referências e informações completas sobre os relatórios e pesquisas consultadas para a realização da síntese, impossibilitando que pudéssemos conferir os dados. Contudo, as noções sobre as áreas de enterramento – que seriam afastadas das aldeias – combinam com os dados referentes às demais regiões do Brasil. As características das possíveis urnas, com evidências de quebras e normalmente acompanhadas de uma segunda peça que serve de tampa, também combinam com as informações elencadas por outros arqueólogos que estudam diferentes contextos Tupi.

2.3 Região Centro-Oeste: O Contexto do Mato Grosso do Sul e Goiás

Entre as pesquisas com dados sobre sepultamentos Tupiguarani na região Centro-Oeste, uma das principais e mais antigas foi realizada por Igor Chmyz, durante o desenvolvimento do Pronapa². Em “Dados arqueológicos do Baixo Rio Paranapanema e do Alto Rio Paraná”, publicado em 1974, o pesquisador elencou informações sobre a região estudada, abrangendo uma significativa área de enterramento.

De acordo com Chmyz, cinquenta e três sítios arqueológicos foram encontrados na localidade. Desses, quarenta e três estão associados à tradição Tupiguarani, podendo ser agrupados em diferentes fases: Pirapó, Ivinheima e Loreto. A área de enterramentos humanos está associada aos sítios da fase Ivinheima, localizados ao longo da margem esquerda do rio Paraná e, também, na margem do rio Samambaia, afluente do rio Paraná no estado do Mato Grosso do Sul.

Esta área teria sido encontrada na parte central das antigas aldeias, a qual formava o desenho de uma “ferradura”. Cerca de trinta urnas funerárias, alinhadas no sentido leste-oeste estavam presentes. (CHMYZ, 1974, p. 74). Elas normalmente eram encontradas com recipientes rasos ou mesmo com outros vasilhames maiores, utilizados como tampa. Em

² Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, idealizado por Betty Meggers e Clifford Evans, durante a década de sessenta. Entre seus objetivos, destacamos a preocupação pela padronização técnica e metodológica da disciplina arqueológica em nível nacional (Ver SCHIAVETTO, 2007, p. 26).

geral, apresentam sinais de reutilização, uma vez que “*não possuíam fundos e foram protegidas, por dentro, com cacos grandes*”. (CHMYZ, 1974, p.74).

As diversas práticas funerárias presentes nos sítios arqueológicos foram descritas da seguinte forma:

Foram registradas várias práticas funerárias: uma peça continha crânios e alguns ossos pertencentes a dois indivíduos; sobre os restos humanos foram depositados cacos de vasilhas. Duas dessas vasilhas, reconstituídas posteriormente, mostraram sinais de quebra intencional. Em outra urna, o crânio havia sido colocado no fundo e os ossos longos dispostos em torno. (CHMYZ, 1974, p.74).

O autor evidencia, ainda, a presença de acompanhamentos funerários e a ausência de sepultamentos primários em urnas. Os sepultamentos primários encontrados, apesar de fora das urnas, estão organizados conforme a lógica daqueles associados aos grandes vasilhames:

Em quase todas havia, no seu interior ou no lado de fora, pequenos recipientes cerâmicos, sugerindo oferendas. Tembetás em T, de cristal de rocha e de resina, ocorreram em muitas urnas. Em nenhuma urna, seja pelas dimensões das peças, seja pela disposição dos ossos, constatamos algum enterramento primário. Os enterramentos primários encontravam-se na mesma profundidade e alinhamento das urnas. Num deles, de posição semifletida, em decúbito lateral esquerdo, cacos grandes cobriam apenas o crânio. Ao lado da mandíbula havia um tembetá em T, de cristal de rocha, e, junto aos ossos dos pés, um machado alongado polido, polidores de sulco e possível corante. Outro esqueleto jazia com o crânio apoiado numa vasilha rasa. Exemplificando, ainda, a diversidade de práticas funerárias, citamos os restos de um indivíduo que foi disposto na cova em posição acorçada, tendo sobre o crânio uma vasilha rasa emborcada (est. 24–25). (CHMYZ, 1974, p. 75).

O texto de Chmyz também se preocupa em classificar as cerâmicas da fase Ivinheima, levando em consideração a decoração, o antiplástico e o formato dos vasilhames. Ele diz ter identificado mais de trinta formas diferentes, que variam quanto ao tamanho, tipo de base, aspectos em geral, entre outras características. Não constam na descrição informações diretas sobre as cerâmicas e os enterramentos humanos.

Os sepultamentos apurados por Chmyz não possuem datação ou identificação do sexo. Nesse sentido, não é possível verificar se as práticas mortuárias diferenciadas (diretamente no solo ou dentro das urnas, com ou sem acompanhamento, etc) evidenciam uma evolução no modo de tratar os mortos, uma indicação de status ou, ainda, sepultamentos diferenciados para homens e mulheres. No entanto, na visão do autor, os sepultamentos diretos no solo seriam os mais remotos: “*os dados parecem indicar que nas manifestações mais antigas da tradição Tupiguarani, as práticas funerárias não incluíam o uso de urnas*”. (CHMYZ, 1974, p. 83).

Por fim, também cabe mencionar que Chmyz não citou cronistas de época ou antropólogos da atualidade para pensar as práticas mortuárias. Do mesmo modo, o texto

absteve-se de apresentar a fundamentação teórica. O grande mérito dele, visto o período e contexto em que foi produzido, é o de descrever os achados de forma detalhada, favorecendo comparações com outros dados, de acordo com as características das demais publicações do Pronapa, comprometidas com a “*objetividade*” e “*neutralidade científica*”, conforme já apontado por diversos autores. (SCHIAVETTO, 2007, p. 26).

Outro estado da região Centro-Oeste com presença de sítio-cemitério Tupiguarani é Goiás. Em 1996, a Revista Pesquisas, sob o título “Arqueologia nos cerrados do Brasil Central – Sudoeste da Bahia e Leste de Goiás”, elencou dados do Projeto Serra Geral, desenvolvido pelo Instituto Anchieta de Pesquisas, onde identificou sepultamentos em associação à cerâmica Tupiguarani.

O primeiro sítio arqueológico com presença de sepultamentos, localizado pelo projeto, foi o GO-PA-64, situado nas proximidades do rio São Bernardo, no município de São Domingos. Tal sítio encontra-se no sopé de um “*paredão calcário, sobre uma plataforma que sobressai do rio uns 50 m*”. (SCHMITZ et al., 1996, p. 19). De acordo com os autores, as estruturas funerárias foram enterradas em covas rasas, na plataforma que se formou rente a esse paredão. Os achados foram denominados como “sepultamento 1, 2 e 3”. (SCHMITZ et al., 1996, p. 19).

A estrutura do sepultamento 1 era composta por uma vasilha pintada que serviu como tampa e pela urna, descrita como um vasilhame maior, sem pintura. É interessante destacar que a tampa apresenta manchas de fogo, indicativo de uso doméstico. (SCHMITZ et al., 1996, p. 20). De acordo com o texto, junto à estrutura havia, ainda, evidências de outros vasilhames, os quais devem ser provenientes de outro sepultamento presente na área. Sobre os ossos humanos localizados no interior da urna, destacam serem fragmentos de “*crânio e ossos maiores de um indivíduo alto e idoso*”. (SCHMITZ et al., 1996, p. 20).

A estrutura do sepultamento 2 era formada por três vasilhas: tampa, urna funerária e fragmentos de uma outra vasilha. Apenas a urna funerária, a maior das vasilhas, não apresentava pintura. (SCHMITZ et al., 1996, p. 20). Quanto aos remanescentes ósseos, estes foram localizados no interior dessa vasilha maior e, de acordo com o texto, são pertencentes a mais de um indivíduo, conforme explicitado no trecho:

caracterizam três indivíduos, sendo um adulto jovem, cujo terceiro molar ainda não emergiu e sexo provavelmente feminino e dois indivíduos muito jovens, crianças com dentição aparentemente incompleta. (SCHMITZ et al., 1996, p. 20).

Quanto à estrutura do sepultamento 3, era formada por duas vasilhas cerâmicas menores, com presença de pintura, e outra maior, sem decoração. De acordo com os dados presentes, os ossos contidos na cerâmica maior são escassos e, aparentemente, correspondem a um indivíduo com idade avançada. (SCHMITZ et al., 1996, p. 20).

É importante destacar que a estimativa da idade dos indivíduos foi mencionada sem acompanhamento da metodologia de análise empregada. Também destacamos que os pesquisadores não estabeleceram diálogo com outros autores que estudam a temática mortuária. Contudo, as informações do sítio-cemitério, embora escassas, são pertinentes por evidenciar a prática do sepultamento em urna funerária em mais um estado da região Centro-Oeste, apresentando, inclusive, uma variação interessante (sepultamento de mais de um indivíduo numa mesma estrutura).

Por fim, cabe ressaltarmos que o estado do Mato Grosso do Sul recentemente foi escavado e estudado por arqueólogos que localizaram novos sítios Tupiguarani, além da área de enterramento identificada por Chmyz. Nesse contexto, destaca-se o trabalho desenvolvido por Kashimoto e Martins (2009), intitulado “Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul” que reúne informações de dezesseis anos de investigações e contribui para o avanço das pesquisas no Centro-Oeste brasileiro.

Ao todo, a publicação apresenta seis capítulos. O mais interessante para nós, é o terceiro, referente ao contexto mortuário de uma área de 6.000m². (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p. 96). Trata-se de um sítio-cemitério localizado em espaço próximo ao identificado e descrito por Chmyz. O primeiro dos sepultamentos desse campo foi interpretado como uma estrutura funerária Guarani. (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p. 9). Tal estrutura é composta por uma urna de acabamento corrugado, com vestígios humanos no interior, e por uma segunda vasilha que cobria o crânio do indivíduo; em associação, havia fragmentos cerâmicos de outras peças.

Os ossos humanos foram submetidos à análise de especialistas, os quais identificaram serem referentes a um homem adulto de aproximadamente 35 anos. É interessante ressaltar que o achado estava acompanhado por tembetá de resina, o que, na opinião dos autores, serve para confirmar o sexo do indivíduo. (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p. 99).

A segunda estrutura mencionada é formada por uma peça cerâmica Guarani que servia de urna e por outras peças que provavelmente armazenavam bebida. (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p. 99). Uma das cerâmicas associadas à bebida continha um “copo” no interior, indicando a utilização para armazenagem de líquidos. Fragmentos cerâmicos localizados na urna puderam ser datados, os quais resultaram em 570 ± 57 anos A.P. A data

demonstra uma ocupação nas confluências do rio Ivinhema e do rio Paraná nas vésperas da chegada dos europeus.

Contudo, é importante considerar que as demais urnas funerárias localizadas pelos pesquisadores apresentam características de contato entre indígenas e missionários - peças cerâmicas com formatos distintos e em associação à colher de prata. (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p.103).

Por fim, convém destacar que Kashimoto e Martins não parecem preocupados com as interpretações dos achados humanos e que, por esse motivo, não estabeleceram diálogo com autores interessados pelo universo mortuário. Eles também não procuraram dialogar com a produção de Chmyz que escavou área de enterramento próxima. O enfoque da publicação está na metodologia empregada nas escavações e na relação entre o paleoambiente e as sociedades indígenas que se instalaram na região.

2.4 Região Sudeste: O Contexto de São Paulo e Rio de Janeiro

Os sítios arqueológicos associados aos Tupi do Sudeste do país vêm sendo sistematicamente escavados desde a década de sessenta do século passado. De lá para cá, alguns importantes dados já foram publicados sobre os sepultamentos desses ceramistas. Nesse espaço, elencaremos alguns deles, os quais referem-se aos achados localizados no estado de São Paulo e Rio de Janeiro.

Uma das mais antigas publicações com evidências de sítios-cemitérios na região é o artigo produzido por Sílvia Maranca (1969), durante desenvolvimento do Pronapa. Em algumas poucas páginas, a pesquisadora ressalta que no Vale do Paraíba havia cerâmica da tradição Tupiguarani, a qual foi localizada por moradores locais e, posteriormente, reunida e exposta no Museu Paulista. Para ela, os achados evidenciam ou uma ocupação que terminou antes da chegada dos europeus ou uma ocupação posterior, mas rápida. (MARANCA, 1969, p. 136). Já o Alto vale do Paranapanema, outra região estudada, abriga indícios de ocupação Tupiguarani mais consistente, com presença de dez sítios-cemitérios. (MARANCA, 1969, p. 137). Infelizmente, nenhum dado sobre as estruturas funerárias, além de que as urnas funerárias eram corrugadas e as tampas lisas, foram elencadas pela autora, assim como nenhuma fotografia.

Convém destacar que o caráter do trabalho de Maranca é de descrição do local estudado e do material encontrado, conforme objetivos do Pronapa. É um trabalho

interessante por mencionar número elevado de sítios-cemitérios, contudo, não possibilita estimar quantas estruturas funerárias foram encontradas.

Entre os mais recentes, é importante para nós o trabalho desenvolvido por Ondemar Dias, publicado em 2009. Trata-se de um capítulo de livro intitulado “A Tradição Tupiguarani no estado do Rio de Janeiro”, que aborda duas localidades com presença de sepultamentos em urna funerária: ao longo do rio Paraíba e em Sernambitiba.

Várias imagens de estrutura funerária foram elencadas por Dias, as quais evidenciam a presença de uma urna funerária, de uma peça que serve de tampa, uma sobre-tampa (conforme definição do próprio autor) e tigelas que acompanham. Para ele, “*os sepultamentos recuperados mostram uma variação de “status” social, alguns indivíduos acompanhados de material elaborado, enquanto outros não*”. (DIAS, 2009, p. 76). Por elementos elaborados, pensamos que o autor possa estar se referindo a quantidade de tigelas que acompanham as estruturas, bem como à pintura das mesmas.

Para compreender as práticas observadas no registro arqueológico, Dias se vale da narrativa elaborada pelo padre Manoel da Nóbrega, de 1549:

Quando morrem alguns dos seus, põem-lhe sobre a sepultura bacias cheias de viandas e uma rêde, em que eles dormem, mui bem lavrada; e isto porque crêem, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e a descansar sobre a sepultura. (Nóbrega apud DIAS, 2009, p. 76).

É importante mencionar que não se trata de um capítulo exclusivamente interessado nas práticas mortuárias, o que justifica a falta de análise e reflexão das mesmas. Por exemplo, não há informações sobre os ossos humanos encontrados, assim como não é estabelecida relação entre vasilhas e sepultamentos primários ou secundários. Também observamos que o documento produzido por Manoel de Nóbrega foi utilizado sem acompanhamento das devidas críticas. Em relação aos méritos da produção, está a riqueza de imagens de um dos sepultamentos e a própria definição de “sobre-tampa”, um termo que permite compreender a posição e função da peça no arranjo funerário, diferenciando-a de uma oferenda.

Outra importante pesquisa referente ao estado do Rio de Janeiro é aquela realizada pela arqueóloga Angela Buarque. Sua equipe escavou e identificou cerca de 25 sítios associados aos ceramistas Tupiguarani que ocuparam o estado. Dados referentes a quatro desses sítios (Morro Grande, Serrano, São José e Bananeiras) foram reunidos em “As estruturas funerárias das aldeias Tupinambá da região de Araruama, RJ”, publicado em 2010.

De acordo com a descrição presente nesse texto, várias datações foram realizadas para o sítio Morro Grande, sendo que aquelas obtidas por Carbono 14 evidenciaram ocupações

antigas, situadas em 2.600 ± 160 A.P, e recentes, de até 510 ± 160 A.P; para os sítios Serrano e São José não há datações por Carbono 14, porém, o método por TL situou o segundo sítio em 284 A.P; quanto ao Bananeiras, a datação por Carbono 14 resultou em 430 ± 40 A.P. (BUARQUE, 2010, p. 153).

As escavações na aldeia Morro Grande chegaram a 100m², apresentando cinco estruturas funerárias, relacionadas a uma área de enterramento. (BUARQUE, 2010, p. 157). Conforme consta no capítulo da autora, foi registrada a presença de fogueira e de buracos de estaca junto aos achados.

Das cinco, apenas uma estrutura continha ossos no interior, o que é explicado pelo excesso de acidez do solo. Contudo, Buarque afirma que “*o arranjo das peças associadas à urna com tampa*”, é suficiente para confirmar o “*contexto funerário*”. (BUARQUE, 2010, p. 158). Ao mencionar a presença das tampas como elemento recorrente e determinante para a identificação da área de enterramento, ela cita o pesquisador André Prous³ (1992), que entre outras constatações, escreveu que a vasilha que cobre a urna serviria para evitar o retorno dos mortos entre os vivos. (Prous apud BUARQUE, 2010, p. 158).

As tampas das estruturas escavadas estavam bastante danificadas, notando-se fragmentos delas no interior da urna. A condição precária dessas peças estaria relacionada com a localização das mesmas, muito perto da superfície. (BUARQUE, 2010, p 158). Além da urna e da tampa, as estruturas são formadas pelas tigelas que acompanham as urnas, cujo número varia de estrutura para estrutura; a presença ou ausência de fogueira e de buraco de estaca junto aos achados também varia. (BUARQUE, 2010, p. 158).

Convém explicitar que por “estrutura” a autora entente um “*conjunto de vestígios organizados*”, onde é possível perceber o emprego do gesto humano na elaboração, conforme definições de Leroi-Gourhan. (apud BUARQUE, 2010, p. 162). Também se faz necessário destacar que para Buarque os buracos de estaca teriam sustentado jiraus associados à urna funerária, na intenção de “*evitar o contato do morto com a terra*”. (BUARQUE, 2010, p. 162). Para fundamentar a hipótese, ela utiliza um trecho retirado da obra quinhentista de Gabriel Soares de Souza, que menciona o uso de jiraus no sepultamento em rede (e não em urna funerária).

Quanto à aldeia Serrano, foram localizadas 23 estruturas com características semelhantes às do Morro Grande, porém, várias delas continham vestígios humanos. Todas

³ Obra “Arqueologia Brasileira”, onde a cultura Tupiguarani também é apresentada ao leitor. Os dados funerários elencados no trabalho foram retirados de outras produções bibliográficas e as interpretações acerca dos achados são, na verdade, hipóteses.

foram localizadas em área de enterramento. (BUARQUE, 2010, p. 164). A pesquisadora privilegiou a descrição de duas dessas estruturas, em função das suas características diferenciadas: uma delas era formada por uma urna e duas tampas, danificadas: “*Devido a fragmentação em um dos lados da tampa, foi utilizada outra peça, também quebrada, para cobrir a parte que a outra deixava à mostra*”. (BUARQUE, 2010, p. 164). Essa estrutura não apresentava ossos humanos. Já a segunda estrutura funerária descrita, parece consistir em um achado com presença de ossos humanos, o qual estava acompanhado por tigela virada para fora. (BUARQUE, 2010, p. 164).

Na aldeia São José foram recuperadas quatro urnas funerárias. Uma das urnas possuía dentes de uma criança no interior e estava acompanhada por uma tigela pintada. (BUARQUE, 2010, p. 164). Quanto à última aldeia, chamada de Bananeiras, um único sepultamento é mencionado. Trata-se de uma urna funerária

associada a um pote e duas tigelas pintadas, contendo um enterramento primário de um indivíduo do sexo feminino, entre 20 e 25 anos, medindo cerca de 1,46m de altura, mostrando parte de suas vértebras e costelas em conexão anatômica (BUARQUE, 2010, p. 166).

A urna funerária desse sepultamento possui “pés”, uma característica singular que indica o contato com o europeu. (BUARQUE, 2010, p. 166). A tampa, que apresentava marcas de líquidos, foi localizada sobre o crânio do indivíduo. Duas tigelas também foram encontradas em associação ao sepultamento, as quais estavam deslocadas de seu posicionamento original.

De acordo com a arqueóloga, junto aos ossos foram encontrados pingentes feitos a partir de conchas. Esta é uma descoberta que, para Buarque, vai ao encontro do que relatou o cronista Fernão Cardim sobre o costume dos Tupinambá de enterrar suas joias na intenção de que ninguém as veja e as lastime. (Cardim apud BUARQUE, 2010, p. 167).

Por fim, o capítulo se interessa pelo universo pictórico das peças que compõem as diversas estruturas funerárias, valendo-se mais uma vez de cronistas de época para fundamentar as interpretações. É interessante destacar, contudo, que o emprego das fontes etno-históricas, ao longo de todo o capítulo, é feito sem qualquer reflexão sobre o valor dos dados etnográficos observados pelos europeus e/ou crítica. A autora parece desconsiderar, ainda, que as práticas podem ter passado por modificações e ressignificações, as quais poderiam inviabilizar relações diretas entre o contexto arqueológico remoto e o contexto presenciado pelos europeus.

Cabe incluímos nesse espaço uma última pesquisa interessada nos Tupinambá da região Sudeste: a Dissertação de Mestrado desenvolvida por Marcel Lopes (2014), intitulada “Ocupação Tupinambá no Vale do Paraíba Paulista: Vista a partir da análise do sítio arqueológico Santa Marina”.

Ao descrever as intervenções realizadas no sítio Santa Marina, estudo de caso de Marcel Lopes, o pesquisador menciona uma estrutura funerária composta por duas peças cerâmicas. Conforme croqui da escavação, elencada no terceiro capítulo, o achado estava próximo à habitação e, aparentemente, num local que não corresponderia a uma área de enterramento. Para ele, não há evidências de ossos no interior em decorrência da ação do tempo. (LOPES, 2014, p. 89).

As peças cerâmicas não apresentam pinturas, apenas decoração plástica. A segunda vasilha, que serve como tampa, foi encontrada no interior da urna e provavelmente estava cobrindo o crânio do indivíduo sepultado. De acordo com a imagem elencada na dissertação, o arranjo das peças de fato evidencia um contexto funerário.

Como o sepultamento não é primordial para o estudo do sítio Santa Marina, o autor não inferiu sobre os gestos e práticas empregadas no seu preparo. O texto também não apresenta interpretações sobre o sepultamento, nem mesmo reflexão sobre tamanho da urna e a possibilidade de se tratar de um sepultamento primário. Embora o sepultamento tenha sido pouco explorado, a sua menção é importante, pois se trata de uma estrutura funerária Tupi com características distintas das apresentadas por Dias e por Buarque (mas que talvez seja semelhante ao que foi encontrado por Maranca), o que matiza as práticas mortuárias na região.

2.5 Região Sul: As Sistemáticas Pesquisas Arqueológicas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina e a Densidade de Práticas Mortuárias

Sítios associados aos grupos Tupi estão presentes em todas as regiões, conforme as fontes bibliográficas aqui destacadas são capazes de demonstrar. Contudo, a parte do Brasil com maior número de sepultamentos localizados e estudados é a que compreende o Sul. Nesse sentido, priorizamos abordar os trabalhos com maior número de dados por serem os mais pertinentes para viabilizar comparações e reflexões.

O primeiro a que convém nos atermos é o relatório final referente às atividades de Arqueologia de Contrato desenvolvidas durante o “Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE Imbituba, SC” (IPAT/UNESC, 1999). Trata-se de um arquivo, ainda não publicado, que

descreve detalhadamente as escavações e os respectivos estudos da área de impacto da ZPE, no município de Imbituba, litoral catarinense. O relatório em questão, bem como o trabalho de campo, foi desenvolvido pelo Laboratório de Arqueologia do IPAT/UNESC, de Criciúma, a partir de financiamento da IAZPE/SC.

Ao todo, a equipe identificou 25 estruturas de habitação na área escavada, todas elas relacionadas aos ceramistas Tupiguarani. Em relação aos sepultamentos, o relatório evidencia a presença de sete estruturas funerárias.

A estrutura funerária 1 foi localizada em área de mancha escura. Era formada por um sepultamento diretamente no solo, em decúbito dorsal, cujo crânio, bem como parte do peito, estava coberto por vasilhame de 44 cm de diâmetro, de decoração pintada e acabamento liso. Os ossos em contato com a terra estavam mal preservados. É importante destacar que o indivíduo estava acompanhado por tembetá, vasilhame fragmentado e machado polido.

A estrutura funerária 2, por sua vez, foi localizada entre duas manchas. Constituiu-se em um conjunto formado por vasilhame cerâmico com decoração plástica corrugada, acompanhado por recipiente corrugado que servia como tampa. No interior da urna foi verificada a presença de vasilhame unglado com fragmentos cerâmicos no interior e machado polido. A estrutura não continha remanescentes ósseos preservados, os quais, de acordo com o texto, provavelmente apodreceram após deterioração da tampa.

Pelo que podemos compreender, a estrutura funerária 3 estava próxima à anterior, dentro de uma mancha. Contudo, ela foi totalmente destruída durante as obras na área. Era composta por um vasilhame corrugado, sem pintura.

Quanto à estrutura 4, foi situada entre duas outras manchas escuras. É composta por vasilhame cerâmico pintado e unglado, acompanhado por conta de cerâmica perfurada. Não há menção no texto referências a remanescentes ósseos.

A estrutura 5, também localizada em mancha, é um conjunto de duas urnas funerárias e duas tampas, as quais distavam 40 cm das demais estruturas. Uma das urnas, que estava sem o fundo, apresenta decoração plástica unglada e tampa lisa com pintura na parte interna. É interessante destacar que em torno dessa urna foi verificada a presença de fragmentos cerâmicos da Tradição Tupiguarani e Taquara, sendo que estes últimos foram “cravados” ao redor do sepultamento. Além disso, no interior da urna também havia cerâmica Taquara, a qual parece ter sofrido quebra intencional. Em associação havia, ainda, parte de um machado polido. Já a segunda urna funerária, é correspondente a um vasilhame corrugado, coberto por uma peça simples, que foi quebrada pela ação do arado. No interior dela foram encontrados

fragmentos de vasilhame unglado de pequenas dimensões. Também é mencionado que a base estava ausente. Não há informações sobre ossos humanos.

De acordo com a descrição, a estrutura funerária de número 6 sofreu ação das obras de terraplanagem. O que se encontrou dela foi parte de uma urna funerária com lâmina de machado no interior. No entorno e no interior da urna também se observaram remanescentes humanos (dentes e ossos longos).

A última estrutura, identificada pelo número 7, foi localizada em mancha. Era composta por urna funerária simples, coberta por uma segunda vasilha que servia de tampa (fragmentada durante a escavação). Junto à urna e à tampa encontrou-se fragmento de um terceiro vasilhame (cerâmica de pequena dimensão, com decoração simples). Ossos humanos, referentes a um sepultamento primário de um imaturo, foram notados no interior do grande vasilhame. O corpo estava disposto em decúbito dorsal, com os membros inferiores fletidos. Como acompanhamento funerário, foram encontrados dois colares de conta, feitos a partir de conchas, e dois artefatos polidos, feitos com concha de gastrópode.

Após descrição de todas as estruturas funerárias, o relatório apresenta uma reflexão acerca dos achados. É chamada atenção para a recorrência dos acompanhamentos, observados em quase todas as estruturas (com exceção da 3, destruída por terraplanagem), e da tampa (não observada apenas naquelas que foram perturbadas antes do salvamento).

Outro dado importante elencado no relatório são as datações por TL, na FATEC, as quais demonstram ao menos duas ocupações distintas, embora ambas estejam vinculadas à Tradição Tupiguarani. A mais antiga ocupação ocorreu no norte da área escavada, sendo que a primeira data obtida foi 1040 ± 110 BP (estrutura funerária 1), a segunda data obtida foi 1000 ± 110 BP (estrutura funerária 7) e a terceira foi situada em 1050 ± 150 BP (mancha 19). Os sepultamentos datados apresentam os vasilhames intactos, o que preservou os remanescentes ósseos. A datação mais recente ocorreu no sul da área, com datações de 715 ± 75 BP (mancha 4) e de 810 ± 85 (mancha 5). Essa segunda ocupação é caracterizada pelos vasilhames sem bases, os quais contribuíram para a deterioração dos achados.

É importante destacar que o relatório não se deteve nas evidências de “contato” entre Tupi e Jê no mesmo sítio arqueológico, indicado pela coexistência da Tradição Tupiguarani e Taquara no sítio-cemitério.

Embora não se tenham valido das fontes etno-históricas para interpretar os sepultamentos, é interessante destacar que dados etnográficos sobre os Guarani do século XVI e XVII são elencados no relatório com a finalidade de estabelecer reflexões. Também foram

inseridos dados geológicos, climáticos e ambientais, os quais permitem compreender a ocupação pretérita a partir da sua relação com o meio.

Um segundo trabalho pertinente, é a Tese de Doutorado “Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani”, desenvolvida pelo pesquisador Sérgio Klamt. Tal pesquisa, defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), contribui para o entendimento da ocupação Tupiguarani no Rio Grande do Sul, apresentando e analisando importante área de enterramento. O quarto capítulo, nesse sentido, é inteiramente dedicado às estruturas funerárias do sítio Scapini, as quais compreendem uma ou mais urnas funerárias em associação com remanescentes ósseos humanos e/ou anexos funerários. (KLAMT, 2004, p. 191).

O sítio Scapini está localizado no município de Ibarama, região central do Estado do Rio Grande do Sul. Foi identificado e registrado pela equipe de Pedro A. Mentz Ribeiro, que realizou sondagens e coleta superficial. Entre 1999 e 2000, a equipe de Klamt foi responsável pelo trabalho de salvamento da área, conforme solicitação do IPHAN. (KLAMT, 2004, p. 192). As características do sítio, sem evidências de ocupação, levaram os pesquisadores a trabalharem com a hipótese de que o sítio como um todo seria uma área de enterramento, cujo espaço total compreenderia 4.500 m².

A escavação identificou cinco estruturas funerárias (A, B, C, D e E): “*a divisão em cinco estruturas justifica-se pelo fato de as urnas estarem enterradas sempre duas a duas, exceto a de número “1”, na estrutura A, que estava sozinha.*” (KLAMT, 2004, p. 196). Todas elas foram extensamente descritas de forma a oferecer subsídios para futuras comparações. Abaixo, serão elencadas algumas das principais características de cada uma.

A estrutura “A” é formada por uma só urna funerária de decoração plástica corrugada, sem acompanhamento de uma segunda vasilha que servisse de tampa. No interior, foram encontrados ossos humanos em fase de decomposição, impossibilitando estudos. (KLAMT, 2004, p. 196). A estrutura “B” é formada por duas urnas funerárias de decoração plástica corrugada, encontradas com tigelas que serviam de tampa. Não apresentavam anexos funerários ou ossos humanos no interior. (KLAMT, 2004. P 198). Quanto à terceira estrutura, identificada pela letra “C”, era composta por duas urnas funerárias de decoração corrugada, sem tampas ou anexos funerários. Para o autor, a ausência de tampas pode ter relação com a ação do arado no local. (KLAMT, 2004, p. 199).

Como as demais, a estrutura “D” estava alinhada no sentido Leste-Oeste. É constituída por duas vasilhas de decoração plástica corrugada, que serviam como urna funerária. Uma

delas apresentava tampa, enquanto a outra foi identificada sem tampa, mas estava acompanhada por anexos funerários: duas pequenas vasilhas e um tembetá em cristal de rocha. (KLAMT, 2004, p. 201). A estrutura “E” também é composta por duas urnas funerárias de decoração plástica corrugada, as quais estavam danificadas pela ação do tempo. Não apresentavam tampas, mas uma delas estava acompanhada de machado polido. (KLAMT, 2004, p. 202).

As descrições estão seguidas por análise do material cerâmico e lítico e por reflexão pertinente. É interessante destacar que para Sérgio Klamt, as vasilhas com volume em torno de 180,0 litros poderiam comportar corpos inteiros de adultos, enquanto que as de apenas 80,0 litros não. Nesse sentido, a hipótese do autor é que “*as urnas maiores poderiam ser enterramentos primários de adultos, enquanto as menores seriam enterramentos secundários e/ou de imaturos*”. (KLAMT, 2004, p. 206).

Outra informação importante sobre as cerâmicas é a presença de inúmeros fragmentos nas escavações, incluindo cacos de decoração pintada, os quais, para Klamt, são evidências de “*novas vasilhas a serem acrescentadas às já existentes*”. (KLAMT, 2004, p. 206). A análise de Klamt aponta, ainda, que as vasilhas foram enterradas de forma linear:

Ocorre um alinhamento das urnas, duas a duas no sentido Leste-Oeste e paralelo ao leito do rio. A distância entre uma e outra, na mesma estrutura, também obedece uma certa regularidade, variando entre 1,0 e 1,8 metros no máximo. Todas as urnas estavam na posição vertical, o que indica que foram enterradas e não abandonadas no local” (KLAMT, 2004, p. 208).

Esse capítulo, interessado pela temática dos sepultamentos, é composto, por fim, por confronto entre dados já publicados por outros pesquisadores e os dados do sítio de enterramentos Scapini. A conclusão da reflexão é a de que a prática de se sepultar em urnas é uma prática de um tempo mais recente, de acordo com o que consta no trabalho de Igor Chmyz, publicado na década de setenta. (KLAMT, 2004, p. 230).

Assim como a tese de Sérgio Klamt, a Dissertação de Mestrado de Marlon Borges Pestana (2007), intitulada “A Tradição Tupiguarani na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil”, também possui um capítulo exclusivamente interessado nas práticas funerárias adotadas pelos portadores da cerâmica Tupiguarani no atual território rio-grandense. Tal pesquisa foi desenvolvida no programa de pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz.

Os achados humanos descritos e analisados foram localizados no sítio Lino Azevedo Pires de Lima e no sítio Manoel Mariano Machado, registrados pelo Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Outros dois achados fortuitos, um pertencente à coleção de casa de cultura e outro a colecionador, também foram identificados pelo mesmo pesquisador e inclusos na dissertação. De acordo com Pestana, a área onde esses sepultamentos foram encontrados “*compreende os municípios de Mostardas e Tavares, ambos no litoral central, representando o núcleo do povoamento da tradição Tupiguarani*”. (PESTANA, 2007, p. 113).

O sítio Manoel Mariano Machado possui dois sepultamentos. O primeiro deles (sepultamento 1) é referente a uma deposição primária, cujo corpo foi enterrado estendido, em decúbito dorsal e diretamente no solo. Um aspecto interessante, contudo, é que a calota craniana foi localizada em cerâmica Tupiguarani, enterrada em nível diferente do restante do corpo. (PESTANA, 2007, p. 114).

A análise dos remanescentes indica que o esqueleto “*provavelmente representa um indivíduo adulto do sexo feminino que, de acordo com as suturas não-fusionadas, teria entre 20 e 25 anos de idade*”. (PESTANA, 2007, p. 115). É importante destacar, porém, que Marlon Pestana não apontou quando e por quem os restos mortais foram analisados.

A calota craniana, contida em um vasilhame pintado com tampa corrugada, apresentava-se sem “*os dentes da arcada superior, que tinham ficado junto com a mandíbula*”, o que indica “*que a manipulação da calota teria sido feita quando o corpo já estava decomposto ou em decomposição*”. (PESTANA, 2007, p. 115). Pestana caracteriza o enterramento do crânio, dentro da urna, como “*um sepultamento secundário, complementar da deposição primária*”. (PESTANA, 2007, p. 116). Outra informação importante é o fato de o corpo ter sido encontrado acompanhado de “*36 pequenas barras feitas de conchas marinhas do gênero *Adelomelon sp.**”, furadas nas extremidades e dispostas de modo a formar um colar. (PESTANA, 2007, p. 117).

O segundo, sepultamento 2, pertencente ao mesmo sítio, foi encontrado em vasilhame pintado com tampa. Os remanescentes ósseos, no interior da urna, foram atribuídos a um “*jovem que poderia ter entre 15 e 20 anos; os ossos ainda estavam em formação e os dentes apresentavam pouca abrasão dentária*”. (PESTANA, 2007, p. 118). Não há evidências de acompanhamento funerário neste caso. O autor também não aborda qual seria o sexo do indivíduo.

Sobre o sítio Lino de Azevedo Pires de Lima, o texto destaca a abertura de duas quadrículas na área, sendo que de uma delas foi extraída uma urna funerária (sepultamento 3), com presença de ossos de um indivíduo jovem. Essa estrutura consiste em um vasilhame

corrugado e carenado, acompanhado de tampa com as mesmas características, no qual o morto foi depositado. Os ossos do interior da urna consistem em fragmentos da calota craniana, bem como em uma “*falange proximal do polegar, um fragmento do corpo da ulna e um corpo do rádio*”. (PESTANA, 2007, p. 121). Também foram encontrados dentes avulsos, utilizados para identificar a idade do indivíduo. O estudo aponta que o esqueleto corresponde a uma criança entre seis e dez anos de idade, depositada sem acompanhamentos funerários. (PESTANA, 2007, p. 121).

Da segunda quadrícula, foram extraídos elementos de outro enterramento em urna funerária (sepultamento 4). Embora os remanescentes ósseos estivessem danificados, foi possível identificar ossos longos, provavelmente de um indivíduo adulto. (PESTANA, 2007, p. 122). Em laboratório, os fragmentos cerâmicos que compunham a estrutura funerária foram reunidos e colados, formando duas vasilhas corrugadas. (PESTANA, 2007, p.122).

Outras concentrações de material foram localizadas na área através de indicação do IBAMA de Mostardas; nelas foram encontradas duas urnas funerárias Tupiguarani (consideradas por nós como sepultamentos 5 e 6), as quais possuíam ossos humanos no seu interior. (PESTANA, 2007, p.120). É importante destacar, contudo, que infelizmente, o arqueólogo não descreveu estas estruturas.

Marlon Pestana aborda, ainda, sepultamento encontrado no sítio Bacopari I (sepultamento 7), situado em área de floresta de restinga. A estrutura funerária é composta por uma vasilha pintada de vermelho sobre branco, um crânio humano e fragmentos de cerâmica corrugada. A vasilha com o crânio no seu interior foi entregue à Casa de Cultura de Mostardas, a qual informou a localização do achado. Junto da cerâmica e do crânio também foram entregues à casa de cultura conchas marinhas, que o autor não pôde, por falta de dados, relacionar com a estrutura funerária.

Em relação aos remanescentes ósseos, conforme Pestana, são correspondentes a um indivíduo do sexo masculino. (PESTANA, 2007, p. 124). De acordo com o texto, não existem evidências de que outros ossos, além dos do crânio, tenham sido depositados na urna. Nesse sentido, ele escreve: “*podemos concluir que temos nova deposição de um crânio em vasilha pintada com uma tampa corrugada*”. (PESTANA, 2007, p. 125).

O último sepultamento abordado no trabalho (sepultamento 8) foi encontrado em Campo da Honra, Tavares. Sobre este achado, o arqueólogo ressalta ter poucos dados, mas que o mesmo consiste em um vasilhame com presença de um crânio, o qual está sob os cuidados do senhor que encontrou a estrutura. Não há informações sobre a presença do restante do corpo do indivíduo. Também não há evidências do vasilhame que serviu como

tampa. Pestana acredita que a tampa deve ter existido, devido à boa conservação do crânio, que está completo e com todos os dentes preservados, embora a mandíbula não esteja presente. (PESTANA, 2007, p. 126).

Sem apontar os critérios de análise, o autor escreve que o crânio, depositado em vasilhame pintado, pertenceu a uma mulher adulta. (PESTANA, 2007, p. 126). Por fim, sugere que a vasilha, de tamanho reduzido, tenha sido utilizada apenas para abrigar o crânio, sem a presença de outras partes do morto. Nesse sentido, o sepultamento é semelhante ao achado no sítio Manoel Mariano Machado, depositado na urna sem a mandíbula.

Apesar de serem mencionados vários sítios arqueológicos, aparentemente todos os sepultamentos foram encontrados fora das habitações e em áreas com várias estruturas próximas umas das outras. Contudo, é importante frisar que esses aspectos foram mal explorados no texto, dificultando o nosso entendimento. Também se faz necessário destacar que apesar de a dissertação conter um capítulo inteiro sobre os achados humanos, não houve uma preocupação por dialogar com outros autores que exploram a temática. O capítulo apenas apresenta e descreve os dados. Ele também se preocupa por identificar o sexo dos indivíduos, mas sem elencar qual profissional que teria feito as análises.

Entre os trabalhos interessados exclusivamente nas práticas mortuárias dos antigos grupos Tupi, podemos destacar o realizado por Letícia Müller e Sheila Mendonça de Souza, publicado em 2011. Em “Enterramentos Guarani: problematização e novos achados”, elas desenvolvem uma discussão em torno do conceito de urna funerária e analisam três sepultamentos localizados no oeste catarinense. Por fim, discutem sobre os achados, estabelecendo diálogo com outros autores.

Sobre o conceito de urna funerária, chamam a atenção para o fato de não existir no dicionário Guarani um termo próprio que corresponda a esta função, indicando que as mesmas não eram confeccionadas originalmente para a finalidade de servirem como urnas. A pesquisa das autoras sugere, ao invés disso, que as grandes panelas eram reutilizadas para o contexto funerário conforme necessidade, o que explica a falta de um padrão de vasilhames empregados como urnas funerárias. Dentro dessa discussão, criticam a generalização do termo “urna funerária”, ressaltando que nem todas as cerâmicas grandes chegaram a abrigar corpos humanos. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 174).

A parte central do trabalho refere-se aos achados localizados entre o sítio ACH-SU-C2 e a barranca do rio Uruguai. De oito sepultamentos, apenas três restaram para salvamento arqueológico (estruturas 3, 4 e 5), os quais não foram afetados por máquina niveladora na construção da barragem Foz do Chapecó. Ao analisar as estruturas, as autoras preocuparam-se

com o estado dos ossos, a articulação e a posição, a característica dos dentes, entre outros aspectos que aproximariam o estudo de uma pesquisa forense. O viés escolhido pode ser justificado pela formação acadêmica de Sheila Mendonça de Souza, médica pós-graduada.

A estrutura 3 apresentava remanescentes ósseos no interior, entre eles, ossos da tíbia, dentes, maxilar e mandíbula. Os dentes do indivíduo serviram para indicar o sepultamento de um adulto. Também convém destacar que o vasilhame que serviu como urna apresenta pintura. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 181). Não há indicação de que a urna funerária foi coberta por uma segunda vasilha que fizesse as vezes de tampa.

Quanto à estrutura 4, seria composta por uma urna funerária, vestígios humanos e uma segunda vasilha, interpretada pelas autoras como um acompanhamento funerário. As peças apenas apresentam decoração plástica. Quanto aos restos humanos, estavam em péssimas condições, porém, os dentes e os vestígios da mandíbula permitiram identificar um indivíduo imaturo de aproximadamente sete anos. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 182). Outro aspecto importante é o fato de alguns dos dentes terem sido encontrados no interior da segunda vasilha, acompanhados por contas líticas que formavam um adorno. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 187).

A última das estruturas, identificada pelo número 5, localizava-se próxima à anterior. De acordo com a descrição, trata-se da maior e mais complexa, formada por uma urna, uma tampa e por dois recipientes cerâmicos interpretados pelas autoras como acompanhamentos funerários. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 187).

Vestígios de ossos humanos, incluindo ossos do crânio, e de dentes de roedores (provavelmente intrusivos) estavam presentes; também foi identificado um basalto em associação:

O achado, pela condição de preservação, leva a diferentes possibilidades interpretativas. Pode se tratar do sepultamento de partes de um corpo ainda conectadas por ligamentos ou músculos; de um sepultamento secundário com requintes de organização dos ossos; ou de um enterramento primário fortemente afetado pelos processos tafonômicos. A presença de rochas termóforas sugere que o corpo (ou os ossos parcialmente descarnados) foi sepultado acompanhado de alguns materiais. A presença de dentes de roedor na estrutura, associada às marcas de dentes de roedor na diáfise da tíbia esquerda, indica que o espaço interno da urna foi visitado por fauna fossorial que teve acesso ao cadáver, o que pode ter contribuído para a destruição diferencial dos despojos. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 203).

As autoras ressaltam, por fim, que a urna funerária é pequena para um sepultamento do corpo inteiro, porém a “*persistência de algumas conexões anatômicas simétricas reforça a possibilidade de ser esse um sepultamento primário*”. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 203).

O texto contém, ainda, dados e problematizações de outras obras com presença de sepultamentos em urna semelhantes (e diferentes) aos vistos por elas. Obras estas que possibilitam pensar as estruturas 3, 4 e 5, encontradas no oeste de Santa Catarina, contribuindo para a interpretação dos enterramentos Guarani de modo geral.

Ao revisitar o trabalho de diferentes autores, Müller e Souza chegam à conclusão de que “*apesar de serem as práticas funerárias as que geralmente persistem no tempo para uma dada cultura, algumas mudanças e adaptações são observadas e as variações são inerentes*”. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 207). Após esta ponderação, voltam a pensar especificamente sobre os sepultamentos já abordados (estruturas 3, 4 e 5), estabelecendo algumas comparações entre eles. Ressaltam, entre diversos outros aspectos, que todos os três sepultamentos em questão possuíam acompanhamentos funerários “*como tembetás (estrutura 3), recipientes cerâmicos (todas as estruturas) e colar de contas (estrutura 4)*”, sendo que o tembetá pode ser associado aos sepultamentos de indivíduos masculinos e o colar de contas, aos sepultamentos de crianças. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 210).

Por fim, o trabalho de Müller e Souza deixa uma questão a ser resolvida: “*Sepultamento primário ou secundário para todos ou apenas para alguns Guarani?*”. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 214). As pesquisadoras acreditam que o trabalho levanta muitas dúvidas e estabelece poucas repostas conclusivas. Nesse sentido, apontam a necessidade de um olhar contínuo e cuidadoso para os achados arqueológicos, com o intuito de acumular dados que permitirão responder as questões levantadas.

2.6 Reflexão com Base nas Fontes Bibliográficas

Em relação aos objetivos do nosso capítulo, esteve a intenção de identificar como os achados foram descritos, explicados e interpretados pelos arqueólogos. Assim, convém retomarmos alguns elementos das fontes bibliográficas.

Em primeiro lugar, destacamos que os autores privilegiaram a descrição em detrimento da reflexão. Entre os aspectos abordados, está a preocupação com as peças cerâmicas e a condição dos remanescentes ósseos. Essas descrições, por sua vez, nem sempre foram elencadas de forma completa, uma vez que certos textos apenas quantificam os sepultamentos, sem abordá-los um a um. (Ver CHMYZ, 1974; DIAS, 2009; BUARQUE, 2010), ou então, apenas sugerem a sua presença na região. (Ver ALBUQUERQUE, 2008; MARANCA, 1969).

Faz-se necessário destacar que raramente as descrições referentes aos sepultamentos e aos sítios-cemitérios são relacionadas com o que outros arqueólogos identificaram em áreas próximas ou em sítios semelhantes. A exceção dessa regra foi identificada na tese de Klamt (2004) e no capítulo de Müller e Souza (2011). Ainda sobre a descrição, destacamos que elas quase sempre são complementadas pelas ilustrações dos sepultamentos e/ou dos sítios-cemitérios⁴.

Em geral, a fundamentação teórica, referente à morte e às práticas mortuárias, ou o diálogo com outros autores, só aparece nos textos exclusivamente interessados nos sepultamentos, como é o caso da tese de Py-Daniel (2015), o artigo de Müller e Souza (2011) e, em menor grau, o trabalho de Buarque (2010) e o capítulo de Klamt (2014). É interessante destacar, contudo, que o capítulo da dissertação de Pestana, também inteiramente interessado nas práticas mortuárias, não se preocupa com a fundamentação teórica. (Ver PESTANA, 2007).

As narrativas de época, produzidas pelos viajantes e cronistas europeus em contato com a América do início da colonização, são comumente empregadas nas fontes bibliográficas. (Ver ALBUQUERQUE, 2008; DIAS, 2009; BUARQUE, 2010). Contudo, nenhum dos autores procurou submeter os documentos a crítica. Relatos etnográficos recentes também são cotejados com os dados arqueológicos antigos. (Ver PY-DANIEL, 2015; MÜLLER; SOUZA, 2011). Entre as autoras que realizam esse exercício, apenas Py-Daniel ressaltou que não é possível fazer relações diretas entre os dados etnográficos e o contexto arqueológico remoto.

A maior parte dos sítios-cemitérios Tupi não constam nas pesquisas acadêmicas e nas publicações em geral, ficando seus dados restritos aos relatórios de campo. Dessa forma, as fontes bibliográficas aqui elencadas demonstram os sepultamentos, e as áreas de enterramento em geral, com muitas lacunas. Como consequência, nem todos os estados nacionais com presença de ocupações Tupi e, nesse sentido, com sítios-cemitérios dessa origem, puderam ser contemplados no capítulo.

Quanto aos estados com maior número de sítios-cemitérios (Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul) se percebe que são aqueles sistematicamente escavados e estudados, especialmente durante os últimos anos. Mas eles não são capazes de indicar um maior tempo de ocupação na área ou uma maior densidade populacional. Seriam necessárias

⁴ Algumas dessas imagens serão abordadas no segundo capítulo da dissertação, onde a visualização dos achados será importante para a realização das análises.

maiores informações, para além dos dados referentes aos sepultamentos, para discutirmos essas questões.

3 DADOS MORTUÁRIOS: ANÁLISES E COMPARAÇÃO

Se as fontes bibliográficas produzidas pelos arqueólogos e profissionais afins têm, em geral, se preocupado pouco com o potencial dos dados mortuários, conforme constatado anteriormente, o presente capítulo pretende destacar a importância deles. Para isso, foi selecionada uma amostra de sepultamentos que será submetida à análise. É importante ressaltar que tal amostra, composta por dez casos, foi escolhida pela quantidade de dados descritos e de imagens disponibilizadas nas fontes bibliográficas, capaz de viabilizar (ao menos parcialmente) as reflexões provocadas pelo seguinte questionário:

- a) Sepultamento dentro ou fora da área de habitação?
- b) Abaixo ou acima da superfície?
- c) Corpo com ou sem contato com a terra?
- d) Com ou sem elemento cerâmico em associação?
- e) Com ou sem remanescentes ósseos preservados?
- f) Primário ou secundário?
- g) Com ou sem marcas de tratamento?
- h) De um ou mais indivíduos?
- i) De indivíduo maduro ou infante?
- j) Com ou sem oferenda?
- k) Com outro acompanhamento?
- l) Quais gestos dos vivos em relação ao destino do morto são percebidos?
- m) Que informações há sobre o sexo?
- n) Há elementos que indiquem o status do sepultado dentro da aldeia?
- o) Possui datação?

O enfoque das questões não está nos elementos taxonômicos, conforme estudos relacionados à “Arqueologia da Morte”, mas nas formas de deposição intencional, nos acompanhamentos funerários, nos gestos dos vivos em relação ao(s) morto(s) e em aspectos gerais, que permite vincular a nossa investigação ao que Ribeiro (2007, p.20) denomina de “Arqueologia das práticas mortuárias”. As respostas, desenvolvidas em texto, servirão de base para as comparações entre os sepultamentos, dando início à reflexão acerca das práticas mortuárias das sociedades Tupi.

Dessa forma, o estudo se refere a deposições intencionais do corpo dos indivíduos, considerando uma série de conceitos-chave pertencentes ao universo das práticas mortuárias. O conceito elementar, que convém abordar por primeiro, é o próprio termo “sepultamento”, tido como a principal forma de deposição intencional, caracterizado pela intervenção dos vivos no destino do morto. Nas palavras de Py-Daniel:

Para que um corpo ou elementos ósseos sejam considerados como um sepultamento é necessário que haja intencionalidade pela parte dos vivos. Neste caso o sepultamento faz parte de um ritual, mesmo que este seja muito breve. (PY-DANIEL, 2015, p. 181).

Os sepultamentos, em geral, compreendem diferentes modos de tratamento do morto. Quando o corpo do indivíduo foi depositado inteiro, tem-se um sepultamento do tipo “primário”: “*identificados a partir das relações anatômicas entre os ossos, onde é possível determinar que a decomposição das partes moles aconteceram (sic) in situ*”. (PY-DANIEL, 2015, p. 181). Quando compreende apenas partes de um corpo, é considerado como um sepultamento do tipo “secundário”:

Os sepultamentos secundários são reconhecidos pela presença de ossos “secos, limpos ou cremados” onde não há (ou há pouca) organização anatômica (...). Portanto o corpo do indivíduo é tratado antes de ser enterrado definitivamente, implicando um envolvimento por um período prolongado por parte da sociedade. (PY-DANIEL, 2015, p. 182).

Os sepultamentos primários e secundários podem ser “diretos” no solo ou “indiretos”. Os diretos são “*geralmente distinguíveis pelo posicionamento de ossos, ou seja, os ossos são mantidos pelo solo em seu local de origem*”. (PY-DANIEL, 2015, p. 184). Os indiretos, por sua vez, são caracterizados pela ação de depositar em uma urna ou em uma cestaria, isolando o corpo (ou partes do corpo) do contato com a terra. (PY-DANIEL, 2015, p. 184).

Quanto aos espaços onde são localizados os sepultamentos humanos, podem ser denominados tanto de “cemitérios” quanto de “necrópoles”: ambos “*identificados pela concentração de corpos ou urnas e a ausência de elementos domésticos*”. (PY-DANIEL, 2015, p. 186).

Entre os Tupi do Brasil, a forma mais comum de sepultamento é o indireto, em vasilhames cerâmicos, comumente chamados pelos arqueólogos de enterramentos em urna funerária. Contudo, conforme explicam Müller e Souza (2011) é pouco provável que os Guarani do período anterior à Conquista confeccionassem vasilhames especificamente para o contexto mortuário, uma vez que o registro arqueológico indica que “*aproveitavam*

recipientes utilitários, do dia a dia, como aqueles em que guardavam água ou fabricavam bebidas fermentadas". (MÜLLER; SOUZA, 2011, p.172). Nesse sentido, as "urnas funerárias" na verdade são recipientes domésticos que foram, conforme a necessidade, reutilizados para esse fim.

A partir das considerações das autoras, optamos por denominar as deposições indiretas, em cerâmica, como "sepultamentos em vasilhames que servem como urna funerária", evitando escrever apenas "sepultamento em urna funerária". Também procuramos não generalizar o termo para toda e qualquer peça cerâmica grande e sem relação concreta com as áreas de deposições humanas, escolhendo para análise apenas os achados contextualizados, cuja função de urna funerária foi atestada.

Por fim, cabe destacar que embora Müller e Souza tenham feito as reflexões pensando no caso dos Guarani do Sul, é possível estender as observações para os demais Tupi do Brasil. De modo geral, todas as cerâmicas Tupi utilizadas para o contexto mortuário apresentam marcas de atividades domésticas, indicando a reutilização das peças.

3.1 Caso 1: Análise de Sepultamento em Vasilha, Localizado por Pereira et al. (2008), PA

Entre as fontes bibliográficas que apresentam dados mortuários Tupi no Norte do país, destacadas no capítulo anterior, consideramos pertinente aquela produzida por Edithe Pereira et al., (2008), que apresenta, através de texto e de imagem, um sepultamento em vasilha da tradição cerâmica Tupiguarani que serve de urna funerária. Abaixo, tendo como referência as questões norteadoras, elencadas na introdução desse capítulo, apresentaremos a análise do achado localizado em Canaã dos Carajás, PA.

Figura 1 - Sepultamento indireto



Fonte: Pereira et al. (2008, p. 60).

Legenda: Sepultamento indireto em vasilha e outras peças cerâmicas, localizadas abaixo da camada escura. A imagem corresponde à figura “06” da publicação de Pereira et al.

O sepultamento foi localizado abaixo da terra preta, ou seja, abaixo da camada de ocupação. (PEREIRA et al., 2008, p. 52). Os autores dão a entender que ele foi, nesse sentido, enterrado dentro da antiga habitação.

Os remanescentes humanos estavam no interior da vasilha que serviu como urna funerária, o que caracteriza o sepultamento como indireto, sem contato com a terra. Esse isolamento do corpo foi reforçado através de uma segunda peça cerâmica que serviu como “tampa”. Conforme consta no texto, os remanescentes ósseos correspondem a uma criança de aproximadamente três anos, acompanhada por uma lâmina polida de machado.

Não há evidências de marcas de tratamento, tais como o descarne ou desmembramento do corpo; não há elementos que possam indicar o sexo do indivíduo; não há dados que possam indicar o status dele dentro da aldeia.

De acordo com a descrição dos autores, não há vestígios de oferendas, tais como peças cerâmicas que possam ter abrigado alimentos ou bebidas, assim como não há dados suficientes para inferir sobre sepultamento primário ou secundário.

Em relação aos gestos empregados pelos vivos, notamos a ação de inserir o corpo dentro de um vasilhame cerâmico que fez as vezes de urna funerária e de cobri-lo com outra vasilha. Também é notada a ação de depositar um objeto que acompanha o indivíduo. O

enterramento das peças que envolvem o corpo, localizadas abaixo da superfície, também é um cuidado dos vivos em relação ao destino dos restos mortais.

A peça que serve de urna parece estar em um cemitério, localizado abaixo da habitação, uma vez que mais de uma dezena de vasilhas semelhantes estavam enterradas próximas e no mesmo nível. Contudo, também existe a possibilidade de algumas terem servido como oferendas mortuárias (e não como estruturas funerárias propriamente ditas).

A Termoluminescência datou o sítio em 1.300 ± 130 e 530 ± 55 A.P. É importante ressaltar que a datação por TL, embora já seja considerada uma técnica bem-conceituada e internacionalmente aceita, quando utilizada sem critérios, pode resultar em datas equivocadas. (GOZZI; TATUMI, 2015). No caso concreto, Pereira et al. indicam que este não parece ser o caso do sítio em que a urna em análise foi localizada, uma vez que os resultados obtidos coincidem com o desenvolvimento da tradição cerâmica Tupiguarani na região amazônica.

3.2 Caso 2: Análise de Sepultamento em Vasilha, Abordado por Carlos Etchevarne (2009), BA

As fontes bibliográficas referentes à Região Nordeste informam sobre achados que, na maioria dos casos, estão descontextualizados e comumente sem a presença de remanescentes ósseos. Porém, um deles, localizado no município de Morro do Chapéu, BA, presente na publicação de Carlos Etchevarne (2009), possui imagem e descrições gerais, viabilizando uma análise parcial do sepultamento.

Figura 2 - Sepultamento indireto e detalhe da vasilha que serviu de urna



Fonte: Etcheverane (2009, p. 125).

Legenda: As imagens correspondem às figuras “07” e “08” da publicação de Etchevarne.

O sepultamento em vasilhame que serviu como urna funerária é um achado fortuito, identificado por um morador local. Nesse sentido, não há dados registrados que possibilitem informar a localização do sepultamento (se dentro ou fora da área de habitação). Também não é possível identificar o nível (se abaixo ou acima da superfície).

De todo modo, é possível perceber que o corpo do indivíduo estava abrigado no interior do vasilhame cerâmico, configurando uma deposição indireta. Outras duas vasilhas cerâmicas estavam em associação com a vasilha que serviu de urna funerária (descritas como peças originalmente utilizadas como “assadores”), as quais parecem ter cumprido a função de cobertura.

É importante mencionar que um tembetá estava próximo ao sepultamento, assim como fragmentos de outras peças cerâmicas.

Não constam no trabalho informações sobre estudos dos ossos, impossibilitando inferir sobre a idade, o sexo, as possíveis marcas de tratamento e o próprio número de indivíduos que foram depositados. Também não há elementos no texto que permitam compreender se seria um sepultamento primário ou secundário. Como se trata de um achado isolado, não é possível inferir sobre o status do sepultado.

Entre os gestos dos vivos no momento do sepultamento, constatamos a preocupação por isolar o morto do contato com a terra através da vasilha que serve de urna e das coberturas.

Por fim, cabe ressaltar que a datação, situada em 709 ± 82 A.P, feita por TL, combina com as demais datas correspondentes à ocupação Tupiguarani na região, as quais foram elencadas por Albuquerque (2008). Assim, pensamos tratar-se de data coerente.

3.3 Caso 3: Análise de Área de Enterramento, Localizada por Igor Chmyz (1974), MS

A pesquisa de Chmyz (1974) não aborda os sepultamentos humanos individualmente. Por esse motivo, optamos por analisá-los nesse espaço, em conjunto, a partir da lógica do autor, buscando apontar as nuances nas formas de tratamento dos mortos.

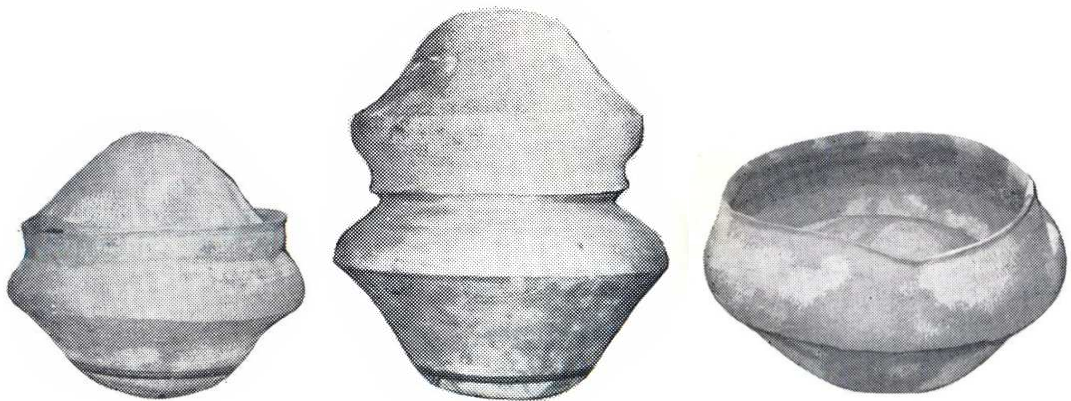
Figura 3 - Vasilhas com remanescentes ósseos humanos



Fonte: Chymz (1974, p. 23).

Legenda: A imagem corresponde à figura “b” da publicação de Chmyz.

Figura 4 – Vasilhas que servem de urna acompanhada por tampa; vasilha que serve de urna, sem tampa



Fonte: Chmyz (1974, p.24 – 25).

Legenda: As imagens correspondem às figuras “b”, “c” e “g” da publicação de Chmyz.

Os sepultamentos foram localizados em um cemitério, situado dentro do espaço que corresponderia à praça central da antiga aldeia. Ao que podemos perceber, através da descrição, os achados contidos nessa área estavam abaixo da superfície.

A maioria dos indivíduos ali encontrados foi sepultada de forma indireta, encontrando-se no interior de vasilhame que serve de urna funerária, protegida por uma segunda vasilha

que serve de tampa. Um número menos expressivo teve o corpo sepultado de forma direta, enquanto que a cabeça foi isolada por peça cerâmica. Também foi relatada pelo autor estrutura funerária composta por urna sem tampa, mas com vasilhame cerâmico na região onde estaria o crânio (fornecendo um isolamento parcial do corpo).

O texto indica que a maioria das estruturas funerárias continha os remanescentes ósseos preservados. De acordo com Chmyz, os sepultamentos em vasilhas são todos secundários, enquanto que os sepultamentos diretamente no solo seriam todos primários. Contudo, não foram elencados os critérios para a interpretação e, infelizmente, as imagens e dados disponíveis não permitem que verifiquemos esses aspectos.

A maioria dos sepultamentos é de apenas um indivíduo, mas, conforme observado e descrito, uma das urnas funerárias apresenta remanescentes ósseos que correspondem a dois indivíduos.

Pequenos fragmentos cerâmicos são frequentes no interior e ao lado das urnas funerárias, configurando oferendas ou partes de tampas. Como acompanhamento funerário, são frequentes os tembetás. Quanto aos sepultamentos diretos no solo, um deles estava acompanhado por lâmina polida de machado (junto aos pés) e por tembetá (ao lado da mandíbula).

Não é mencionado se os sepultamentos corresponderiam a indivíduos adultos ou imaturos. Também não consta na fonte o sexo deles. Não foram verificadas (ou descritas pelo autor) marcas de tratamento.

Entre os sepultamentos em vasilhames que servem como urna funerária, é possível perceber o gesto de depositar um ou mais indivíduos dentro de recipiente adequado. Também é notada a ação de reforçar o isolamento do corpo a partir de uma segunda peça cerâmica, utilizada como tampa da urna ou como proteção para o crânio. Nesses sepultamentos também se nota o gesto de colocar oferendas ao indivíduo e de, com frequência, enterrá-lo com o tembetá. Entre os sepultamentos no solo, é possível verificar o gesto de depositar o indivíduo em posição específica (de cócoras), quase como se estivesse no interior de uma urna funerária. Também é verificado o gesto de proteger o crânio do morto com vasilhame cerâmico, bem como o gesto de colocar oferendas e de enterrá-lo com o tembetá.

A variedade de formas de deposição, concentrada em um único sítio, indica que se trata de formas de sepultamentos diferenciadas que poderiam sugerir distinção entre lideranças e homens comuns e de homens e mulheres. Para o autor, contudo, as diferentes formas de sepultamento evidenciam uma evolução entre as práticas mortuárias, onde os

sepultamentos fora das urnas seriam de um tempo mais remoto. Nenhum dos achados foi submetido a datação, inviabilizando a confirmação da hipótese.

3.4 Caso 4: Análise de Área de Enterramento, Localizada por Kashimoto e Martins (2009), MS

A área de enterramento apresentada por Kashimoto e Martins (2009) possui três estruturas funerárias, as quais foram abordadas individualmente no trabalho. Dessas três, escolhemos para análise duas com presença de remanescentes ósseos e características distintas entre si.

3.4.1 Sepultamento A (Sítio VN1)

Figura 5 - Sepultamento indireto com crânio protegido por peça cerâmica



Fonte: Kashimoto e Martins (2009, p. 97).

Legenda: A imagem corresponde à figura “30” da publicação de Kashimoto e Martins.

O primeiro dos sepultamentos descritos foi encontrado em uma área de enterramentos (cemitério), situada fora da área associada à habitação. De acordo com a imagem, estava abaixo da superfície.

Trata-se de vasilha que serviu como uma urna funerária, desacompanhada de uma tampa. Contudo, estava associada a uma segunda peça cerâmica que servia para cobrir o crânio. O corpo do indivíduo teve um sepultamento indireto.

Os remanescentes ósseos estavam preservados no interior das peças cerâmicas. Contudo, não é mencionado no texto se seria um sepultamento primário ou secundário. Os ossos correspondem a apenas um indivíduo, em associação com um tembetá, mas sem outras oferendas. Os vestígios humanos, sem marcas de tratamento (descarne ou desmembramento), correspondem a um homem com idade inferior a 35 anos.

Entre os gestos dos vivos em relação ao morto, são percebidas as ações de depositar o corpo em uma vasilha que serviu de urna funerária e de cobrir o crânio com uma segunda peça cerâmica, isolando o indivíduo do contato com a terra. O enterramento das peças cerâmicas com o corpo também é uma ação dos vivos.

Por fim, cabe ressaltar que a estrutura funerária não foi submetida a datação.

3.4.2 Sepultamento B (Sítio VN1)

Figura 6 - Sepultamento indireto, acompanhado por vasilhames para bebidas



Fonte: Kashimoto e Martins (2009, p. 99).

Legenda: As imagens correspondem às figuras “32” e “34” da publicação de Kashimoto e Martins.

O segundo sepultamento localizado no sítio-cemitério estava próximo ao anterior, na mesma área, abaixo da superfície. Trata-se de um sepultamento em vasilha que serviu como urna funerária, sem tampa e acompanhada por dois vasilhames que, segundo os autores, armazenavam líquidos.

Embora tenham sido verificados no interior da peça cerâmica, não foram elencados no texto dados sobre os remanescentes ósseos. Em função dos poucos subsídios disponibilizados, não é possível investigar se seria um sepultamento primário ou secundário, de um ou mais

indivíduo, com ou sem marcas de tratamento. Da mesma forma, não é possível descobrir o sexo e a idade estimada do(s) indivíduo(s).

Além dos vasilhames próximos à vasilha que serviu de urna, entendidos como peças que armazenavam líquidos (possivelmente o caium), não foram encontrados outros tipos de acompanhamento funerário. Contudo, o interior da urna continha dois fragmentos cerâmicos. São eles indicativo de outra oferenda? Ou de vasilhame que poderia estar associado à proteção do crânio? Mais uma vez, a falta de informações disponibilizadas nos impede de inferir sobre essas questões.

Entre os gestos dos membros da aldeia para com o morto, é notada a ação de depositar o indivíduo em uma vasilha que serve de urna funerária, de forma a isolar parcialmente o corpo do contato com a terra. Também é notada a ação de depositar vasilhames junto ao corpo, de forma a oferecer-lhe uma oferenda ou algum tipo de acompanhamento funerário (tal como proteção para o crânio). Quanto aos grandes vasilhames, interpretados pelos autores como peças que armazenavam líquidos, pode indicar a realização de ritos fúnebres que envolviam o consumo de bebidas entre os vivos ou, ainda, alguma oferenda dedicada exclusivamente ao morto.

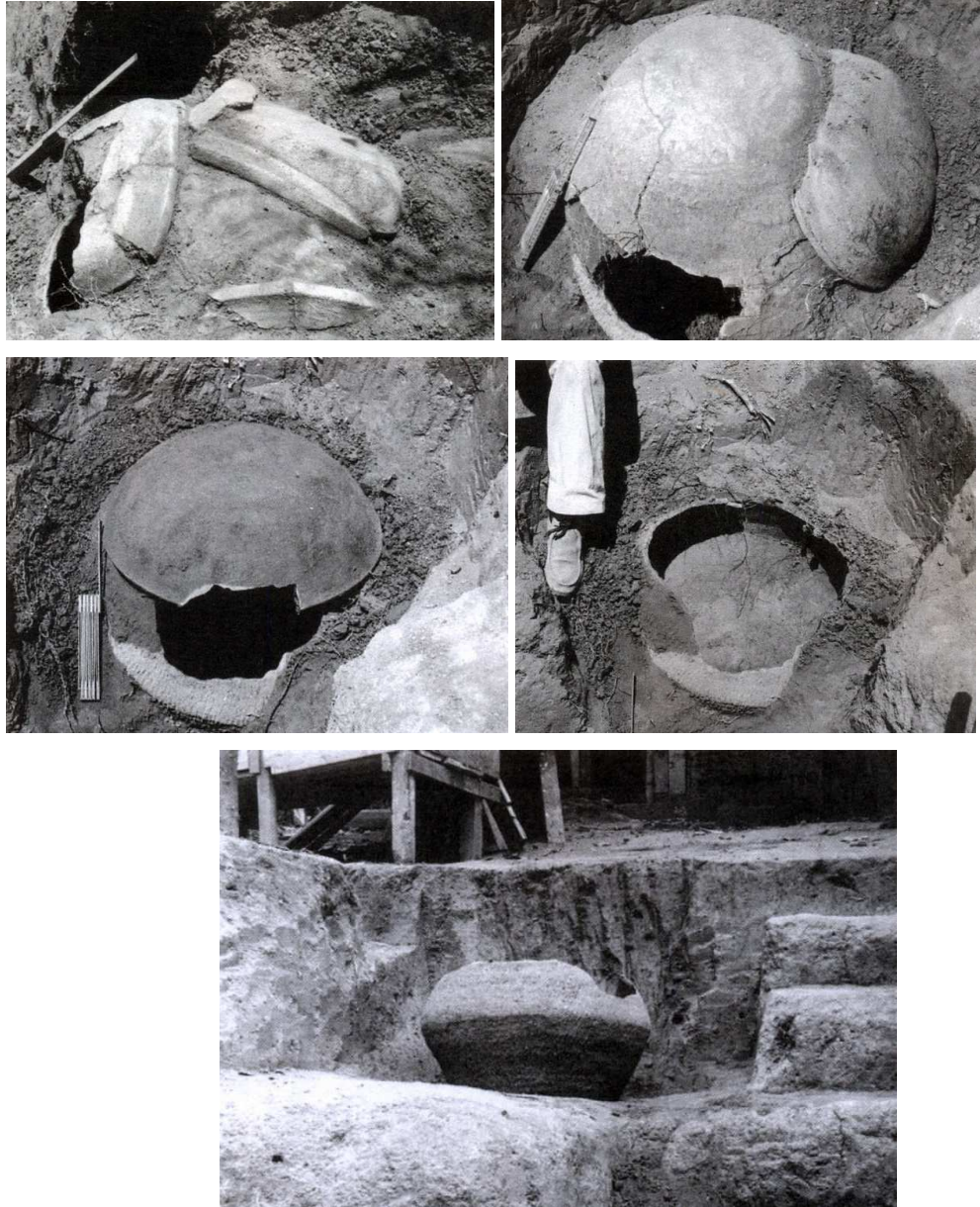
As características diferenciadas deste sepultamento, em comparação ao anterior, podem ser referentes ao status de cada indivíduo dentro da aldeia. Também pode ter afinidade com outras questões, relacionadas com a organização social dos vivos.

Esse segundo sepultamento, teve os fragmentos cerâmicos (localizados no interior da urna funerária) datados através do método da Termoluminescência, resultando em 570 ± 40 e 600 ± 57 anos A.P.

3.5 Caso 5: Análise de Sepultamento em Vasilha, Localizado por Ondemar Dias (2009), RJ

Quatro fontes bibliográficas que abordam os sepultamentos Tupi na região Sudeste foram elencadas no capítulo anterior. Porém, apenas as que se referem ao Rio de Janeiro fornecem subsídios para uma investigação. Abaixo, segue a análise de achado abordado por Ondemar Dias (2009), ilustrado nas imagens abaixo:

Figura 7 - Sepultamento indireto com “sobre-tampa”; com “tampa”; apenas a vasilha que servia de urna; vasilha abaixo da superfície



Fonte: Dias (2009, p. 72-74).

Legenda: A sequência de imagens corresponde às figuras “08”, “09”, “10” e “11” da publicação de Dias.

Figura 8 - Suposição de como a estrutura funerária foi organizada



Fonte: Dias (2009, p.77).

Legenda: A imagem corresponde à figura “07” da publicação de Dias.

Não há descrições acerca da localização do sepultamento (se dentro ou fora da área de habitação). Contudo, as imagens demonstram que estava abaixo da superfície. Fragmentos de outras estruturas funerárias foram encontrados próximos, indicando tratar-se de um sítio-cemitério.

A estrutura é formada por uma vasilha cerâmica que serve de urna funerária, uma vasilha cerâmica que serve de tampa, uma vasilha cerâmica que serve como “sobre-tampa” e por duas tigelas, colocadas de forma a reforçar o isolamento do corpo (a posição das peças cerâmicas não indica a presença de oferendas). Nesse sentido, o indivíduo estava completamente separado do contato com a terra, configurando um sepultamento indireto.

Objetos como tembetá ou pingentes não foram encontrados em associação à estrutura funerária. Sobre os remanescentes ósseos, estes não foram abordados pelo autor, tornando inviável inferir sobre o tipo de sepultamento (se primário ou secundário, se de adulto ou de infante, de homem ou de mulher, de um ou mais indivíduos).

Entre os gestos dos vivos no destino do morto, é notada ação de depositar o corpo em vasilhame, bem como a ação de garantir o isolamento dele através de diversas outras peças cerâmicas. A profundidade do achado indica a ação de enterrar a sepultura.

Como não foram descritos ou ilustrados outros achados funerários nesse mesmo sítio, não é possível inferir sobre possíveis diferenças na forma de tratamento dos mortos na região.

Por fim, cabe ressaltar que o sepultamento não foi submetido a datação.

3.6 Caso 6: Análise de Sepultamentos em Vasilhas, Localizados por Buarque (2010), RJ

A pesquisa realizada por Buarque (2010) evidencia uma série de aldeias com presença de sepultamentos humanos, associados por ela aos Tupinambá. Escolhemos três para serem analisados, os quais apresentam características distintas entre si.

3.6.1 Sepultamento A (“Estrutura 2”: Sítio “aldeia Morro Grande”)

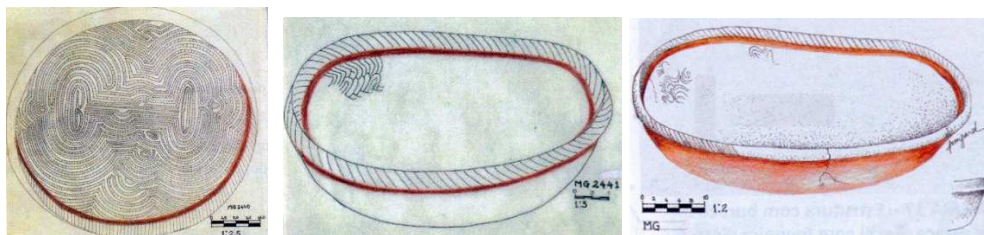
Figura 9 - Estrutura funerária completa e detalhe de uma das ‘tigelas’



Fonte: Buarque (2010, p. 160).

Legenda: As imagens correspondem às figuras “11” e “12” da publicação de Buarque.

Figura 10 - Reprodução das ‘tigelas’ encostadas



Fonte: Buarque (2010, p. 160-161).

Legenda: As imagens correspondem às figuras “13”, “14” e “15” da publicação de Buarque.

Figura 11- Vasilha que serviu de urna e buraco de estaca



Fonte: Buarque (2010, p. 162).

Legenda: A imagem corresponde à figura “17” da publicação de Buarque.

Os sepultamentos localizados por Buarque estão sempre agrupados, formando cemitérios. No entanto, não é explicitado no texto se essas urnas estão abaixo das habitações, no pátio delas ou em local específico e distante. De qualquer forma, é interessante destacar que a autora denomina as áreas de enterramento como “aldeias”, sugerindo que estas estão localizadas no mesmo lugar das antigas habitações. A estrutura 2, selecionada para análise, foi encontrada na “aldeia Morro Grande”, próxima a outras estruturas funerárias. É ressaltado no texto que os sepultamentos, incluindo a estrutura 2, estavam abaixo da superfície.

As características da estrutura sugerem sepultamento indireto, sem contato com a terra. Contudo, a não preservação dos remanescentes ósseos, em função da acidez do solo, nos impede de inferir se seria um sepultamento primário ou secundário, de um ou mais indivíduos, de sexo feminino ou masculino, adulto ou imaturo. A presença ou ausência de marcas de tratamento, pelo mesmo motivo, também não podem ser verificadas.

Além das vasilhas que servem como urna e como tampa outras três peças cerâmicas (‘tigelas’ para a autora) estavam em associação. Pela posição, encostadas na urna, não devem ser consideradas como oferendas, mas como reforços da estrutura.

Vestígios de uma fogueira e de buracos de estaca foram elencados no texto, indicando possíveis ritos mortuários.

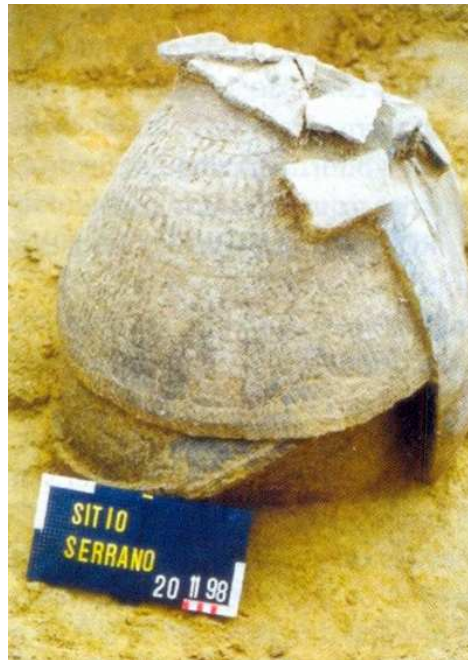
Em relação aos gestos dos vivos, é possível notar a ação de depositar o morto em vasilhame cerâmico acompanhado por uma peça que serve de tampa. Também é notada a ação

de encostar ‘tigelas’ ao redor dessas peças, reforçando o isolamento do indivíduo sepultado. O gesto de enterrar a estrutura também pode ser observado. Os vestígios de fogueira e de buracos de estaca indicariam outros gestos, associados a práticas que não são passíveis de identificar através do registro arqueológico.

Por fim, cabe ressaltar que o carvão associado à fogueira forneceu a data de 2.600 ± 160 A.P., que Buarque considera coerente.

3.6.2 Sepultamento B (“Estrutura 1”: Sítio “Aldeia Serrano”)

Figura 12 - Ilustração de sepultamento indireto



Fonte: Buarque (2010, p. 165).

Legenda: A imagem corresponde à figura “26” da publicação de Buarque.

O sepultamento em vasilhame que serve de urna funerária, acima ilustrada, foi localizado abaixo da superfície, dentro da área que corresponde à aldeia Serrano.

As peças cerâmicas que cobrem a vasilha que serve de urna indicam tratar-se de um sepultamento indireto. Além da urna e das tampas, havia outro fragmento cerâmico em associação. Não foram encontrados elementos como tembetá ou lâmina de machado, assim como também não foram identificados vestígios de oferendas.

Como não há elementos ósseos, é inviável inferir sobre a possibilidade de ter sido um sepultamento primário ou secundário, de um ou mais indivíduos, de adulto(s) ou imaturo(s). Também não é possível investigar o sexo e possíveis marcas de tratamento. Contudo, o local

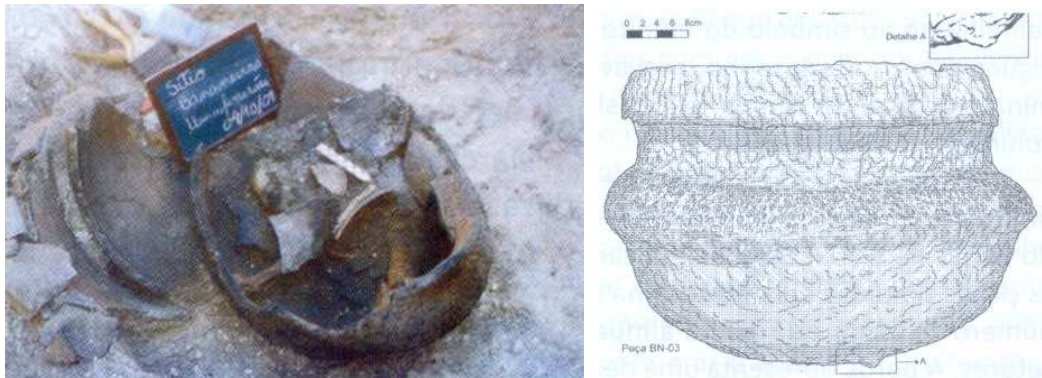
do achado, em área de enterramento, bem como o arranjo das peças que formam a estrutura, confirmam a presença de um sepultamento.

Em relação aos gestos empregados, notamos a ação de depositar o corpo dentro de uma vasilha cerâmica que serve de urna funerária, de cobrir essa urna com duas tampas fragmentadas (com marcas de reutilização) e de depositar um fragmento cerâmico na rachadura de umas das tampas. Por fim, é notado o gesto de enterrar as peças.

O achado não foi submetido a datação.

3.6.3 Sepultamento C (“Estrutura 1”: Sítio “aldeia Bananeiras”)

Figura 13 - Estrutura no sítio e reconstituição da urna



Fonte: Buarque (2010, p. 165).

Legenda: As imagens correspondem às figuras “29” e “30” da publicação de Buarque.

Figura 14 - Pingente e pote associados ao sepultamento



Fonte: Buarque (2010, p. 166).

Legenda: As imagens correspondem às figuras “31” e “35” da publicação de Buarque.

Localizado na Aldeia Bananeiras, é um sepultamento em vasilhame que serve de urna funerária, ilustrada na primeira imagem. Pelas características desse achado, estava abaixo da superfície.

Os remanescentes ósseos do corpo estavam sem contato direto com a terra, protegidos por cerâmica que serviu de urna, configurando um sepultamento indireto. Um pote (10 cm de altura por 07 cm de diâmetro) estava sobre o crânio do indivíduo e as duas ‘tigelas’ com motivos decorativos estavam próximas da urna. É possível que as ‘tigelas’ não sejam evidências de oferendas, mas reforços, como no caso do sepultamento da Aldeia Morro Grande e do sepultamento descrito por Ondemar Dias, abordados anteriormente.

Não são mencionados no texto de Buarque dados sobre marcas de tratamento nos remanescentes ósseos. Contudo, a análise da autora evidenciou que o indivíduo, com vértebras e costelas bem preservadas, media 1,46 m de altura e não apresenta desconexão anatômica, sugerindo tratar-se de um sepultamento primário. Buarque (2010, p. 166) também deduziu que os ossos correspondem a um indivíduo adulto do sexo feminino, com idade entre 20 e 25 anos.

Como acompanhamento, foram encontrados dois pingentes feitos a partir de conchas de molusco da espécie *Strombus costatus*.

Não há elementos que indiquem claramente uma diferenciação de status do indivíduo dentro da aldeia.

Entre os gestos dos vivos no destino do morto, identificamos a ação de depositar o corpo inteiro, sem desmembramento e em vasilhame que serve como urna funerária, a ação de associar um pote cerâmico, bem como a ação de reforçar a estrutura com outras peças. Também foi verificada a ação de manter associados pingentes com o morto, que podem ter relação com crenças míticas. O enterramento da estrutura também é um gesto significativo.

O achado não foi submetido a datação.

3.7 Caso 7: Análise de Área de Enterramento, Localizada pelo ‘Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE’, SC

3.7.1 Sepultamento A (“Estrutura Funerária I”)

Embora não tenha sido registrado por imagens, o primeiro dos sepultamentos descritos no relatório é bastante pertinente, uma vez que se refere a uma deposição feita diretamente no solo, mas com uma vasilha emborcada sobre o crânio e a região do peito. Foi localizado numa área de terra escura (mancha 9), perturbada por terraplanagem.

Pelas características do achado, o sepultamento pode ser entendido como primário, com partes sepultadas de forma direta (corpo em contato com a terra) e partes indiretas (crânio e peito isolado pela peça cerâmica).

Foi verificado pelos autores que os remanescentes ósseos em contato com o solo estavam muito mal preservados, enquanto que a parte protegida estava mais bem conservada. Contudo, não foram indicadas informações sobre o sexo e a idade do indivíduo. Também estão ausentes no relatório informações que permitam compreender se teve o crânio desconectado do corpo.

Como acompanhamento funerário, foi verificado um vasilhame cerâmico danificado (possível oferenda), cuja localização em relação ao indivíduo não foi informada, uma lâmina polida de machado e um tembetá produzido em quartzo.

Entre os gestos dos vivos, é percebido o intuito de estender o morto em posição específica (decúbito dorsal) diretamente no solo, acompanhado por seu tembetá, um machado e um vasilhame cerâmico. Também é verificada a ação de proteger o crânio e parte do peito com um vasilhame, seguida da prática de enterramento.

De acordo com o relatório, esse sepultamento está datado em 1040 ± 110 A.P, correspondendo a uma primeira habitação do sítio. Dois outros sepultamentos (referentes a outras estruturas funerárias) também forneceram resultados semelhantes. Todos os resultados foram obtidos através do método TL.

3.7.2 Sepultamento B (“Estrutura Funerária 7”)

O sétimo sepultamento descrito no relatório apresenta características distintas do anterior. É composto por um vasilhame que serviu como urna funerária e um vasilhame que serviu como tampa, localizados abaixo da superfície e entre duas manchas de terra escura (manchas 19 e 20). Como a área apresenta diversos sepultamentos, é possível considerá-la como um cemitério.

No interior da vasilha que serve de urna, encontrou-se outro elemento cerâmico fragmentado, que pode evidenciar a presença de oferendas. Também se notou a presença de dois colares de contas e dois artefatos (prováveis pingentes) feitos a partir de concha de gastrópodes.

Os remanescentes ósseos estavam relativamente preservados, evidenciando um sepultamento primário e indireto, onde o indivíduo foi enterrado em posição dorsal, com os membros fletidos. Não foi verificada (ou não foi mencionada) a presença de marcas de

tratamento dos ossos. Tais vestígios correspondem a um indivíduo imaturo, cujo sexo não foi identificado.

Entre os gestos dos vivos no destino do morto, são notadas diversas ações: a de depositar a criança (em posição específica) dentro de um vasilhame cerâmico que faz as vezes de urna funerária; a de associar ao morto objetos que servem como adorno e oferenda. Também é notada a intenção de reforçar o isolamento do corpo através de uma vasilha que serve como tampa e a ação de enterrar a estrutura.

A área associada a este sepultamento é a mesma que a do sepultamento anterior. Nesse sentido, as características diferenciadas entre um e outro indicam a presença de variações no modo de tratamento dos mortos.

Cabe ressaltar que a estrutura cerâmica foi datada por TL em 1000 ± 110 A.P, evidenciando tratar-se de sepultamento contemporâneo ao analisado anteriormente. Se as datas de ambos estiverem corretas, é possível inferir que as diferenças no modo de tratamento não estão relacionadas com modificações das práticas ao longo do tempo, mas sim com outras questões.

3.8 Caso 8: Análise Sepultamento em Vasilha, Analisado por Müller e Souza (2011), SC

Entre os três sepultamentos que Müller e Souza (2011) estudaram, escolhemos o mais completo e com maior número de dados para ser discutido nesse espaço. Não pretendemos realizar uma nova análise, visto que as reflexões principais foram propostas pelas pesquisadoras.

Figura 15 - Detalhe dos remanescentes ósseos e do basalto no interior do vasilhame



Fonte: Müller e Souza (2011, p. 187).

Legenda: A imagem corresponde à figura “15” da publicação de Müller e Souza.

A Estrutura 5 foi encontrada em área externa à habitação, em um sítio-cemitério, abaixo da superfície. É formada por uma vasilha que serviu de urna, uma vasilha que serviu de tampa e por dois acompanhamentos funerários (duas peças cerâmicas de pequenas proporções e um objeto lítico, localizadas no interior da urna). Nesse sentido, o corpo do indivíduo, até o período em que as peças cerâmicas se fragmentaram, esteve isolado do contato direto da terra, configurando um sepultamento indireto.

Remanescentes ósseos (úmero, crânio, mandíbula, dentes, entre outros) foram descobertos no interior da vasilha que serviu de urna, os quais correspondem a um único indivíduo.

Para as autoras, o achado permite várias possibilidades interpretativas: a) pode tratar-se de sepultamento de partes do corpo ainda em conexão anatômica, b) um sepultamento secundário com partes conexas, c) ou um sepultamento primário bastante afetado por processos tafonômicos. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 203). A terceira opção é considerada como a mais plausível. Nesse sentido, elas ressaltam que a peça cerâmica que serviu como urna, ainda que pequena (borda de 44 cm de diâmetro máximo e 27 cm de altura útil), possui as dimensões necessárias para abrigar um indivíduo (de origem Tupi) fortemente fletido, especialmente se do sexo feminino. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 203).

A dentição completa corresponde a um indivíduo adulto. Não havia elementos suficientes para a identificação do sexo do indivíduo. As marcas nos remanescentes foram causadas por roedores, que devem ter adentrado na estrutura em período mais recente.

Entre os gestos dos vivos no destino do corpo, identificamos a ação de depositar o morto (provavelmente inteiro e em posição específica) dentro de um vasilhame cerâmico, a ação de oferecer pequenas vasilhas cerâmicas e um objeto lítico em basalto. Também identificamos a ação de cobrir a urna com uma vasilha cerâmica que serve de tampa. Por fim, o gesto de enterrar a urna funerária em cemitério.

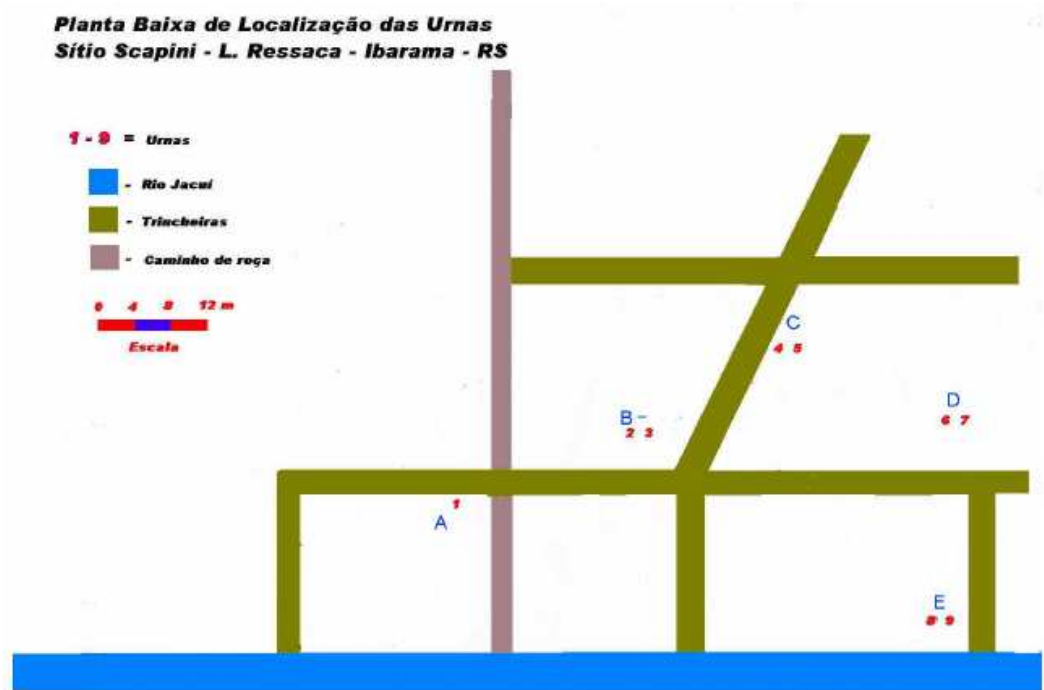
O achado não foi submetido a datação. Contudo, o sítio ACH-SU3, local onde os sepultamentos foram encontrados, está situado entre os anos 1410 e 1460. (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 213).

Outros sepultamentos foram localizados em local próximo, sendo que um deles (Estrutura 4) apresenta características distintas. Trata-se de um sepultamento em vasilha que serve de urna funerária, sem cobertura, contendo várias contas líticas que teriam formado um adorno. É possível que essa maior riqueza no tratamento do morto tenha relação com status ou com o sexo do indivíduo, entre outros aspectos associados à organização social dos vivos.

3.9 Caso 9: Análise de área de Enterramento, Localizada por Sérgio Klamt (2004), RS

O sítio-cemitério Scapini, localizado em município rio-grandense, foi bem descrito pelo arqueólogo Sérgio Klamt (2004), justificando nossa atenção a três sepultamentos contidos nele. Esses sepultamentos foram escolhidos por apresentarem características diferenciadas entre si.

Figura 16 - Sítio-cemitério Scapini



Fonte: Klamt (2004, p. 195).

Legenda: Planta baixa com a localização das estruturas funerárias indicadas em vermelho. A imagem corresponde à figura “76” da tese de Klamt.

3.9.1 Sepultamento A (“Estrutura A”: Sítio Scapini)

Figura 17 - Vasilhame que serviu como urna, sem evidência de tampa



Fonte: Klamt (2004, p. 197).

Legenda: A imagem corresponde à figura “77” da tese de Klamt.

O sepultamento da “Estrutura A” do sítio Scapini, foi descoberto abaixo da superfície, fora da habitação e em área interpretada como cemitério.

Tal estrutura é composta por uma única vasilha que serviu como urna e por remanescentes ósseos. Não foi verificado vestígio de cobertura (tampa). Nesse sentido, o corpo do indivíduo sepultado esteve parcialmente isolado do contato com a terra, o que caracteriza um sepultamento do tipo indireto. Não há vestígios de outras peças cerâmicas, além da urna. Também não há qualquer outro tipo de acompanhamento funerário ou de oferenda.

Quanto aos remanescentes ósseos, estes foram encontrados em péssimo estado de conservação, o que impossibilitou qualquer tipo de análise. Parece ser este o motivo para o autor não ter verificado, por exemplo, se o esqueleto corresponde a um único indivíduo ou mais de um. Também parece ser o motivo para a falta de informações sobre a identificação do sexo e idade, bem como sobre possíveis marcas de tratamento.

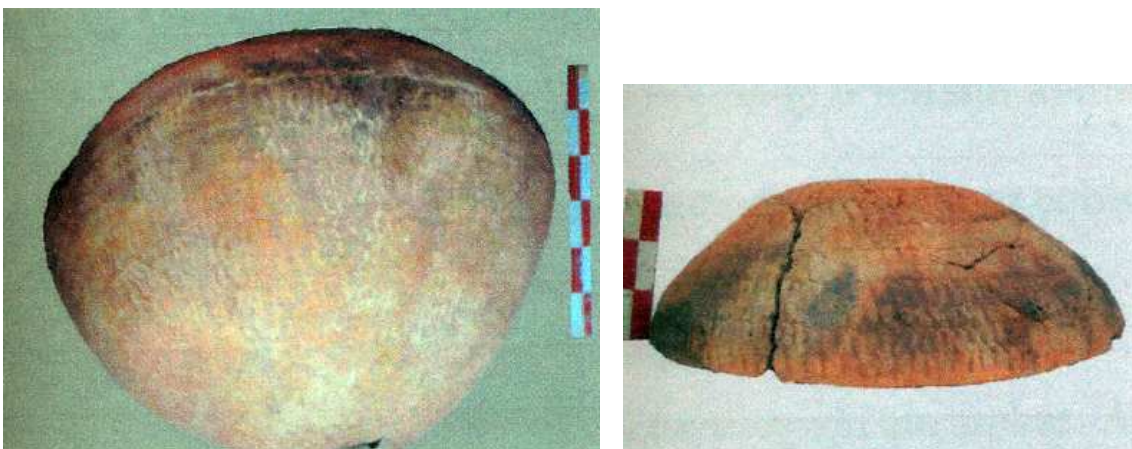
A urna apresenta capacidade para 80,0 litros, o que, na visão de Klamt (2004, p. 206), poderia indicar um sepultamento secundário ou de um imaturo.

Em relação aos gestos dos vivos no destino do corpo, apenas podemos notar a preocupação por colocar o indivíduo em uma vasilha que serve como urna funerária. A localização do achado (25,0 cm abaixo da superfície) indica o gesto de enterrar as peças que compõem o sepultamento.

A estrutura não foi submetida a datação.

3.9.2 Sepultamento B e C (“Estrutura D”: Sítio Scapini)

Figura 18 - Vasilhame que serviu de urna e vasilhame que serviu de tampa do primeiro sepultamento da estrutura



Fonte: Klamt (2004, p. 201).

Legenda: As imagens correspondem à figura “80” da tese de Klamt.

Figura 19 - Vasilhame que serviu de urna para o segundo sepultamento e os respectivos anexos funerários



Fonte: Klamt (2004, p. 201).

Legenda: As imagens correspondem à figura “ 80” da tese de Klamt.

A estrutura funerária corresponde a dois sepultamentos humanos, encontrados próximos um do outro (1,80 m de distância) e no mesmo sítio-cemitério que o sepultamento abordado anteriormente. Estava, nesse sentido, em área específica para deposições humanas e abaixo da superfície.

O primeiro dos sepultamentos é formado por uma vasilha que serve de urna funerária (com capacidade para 95,0 litros) e uma vasilha que serve de tampa. O outro, por sua vez, é formado por vasilha que serve de urna (115,0 litros) e por acompanhamentos funerários, localizados no interior da vasilha (duas pequenas peças cerâmicas, que podem indicar oferendas, e um tembetá). É interessante destacar que este segundo sepultamento não apresenta indícios de uma tampa. Os sepultamentos são do tipo indireto.

Para Klamt, o tamanho dos vasilhames (tidos como grandes) estaria associado à prática do sepultamento primário de indivíduo adulto. (KLAMT, 2004, p. 206). Contudo, não constam no texto informações sobre os remanescentes ósseos, sugerindo que estes não estavam preservados. Assim, não é possível confirmar se são primários ou secundários, como também não é possível inferir se são de um ou mais indivíduos, adultos ou infantes, do sexo feminino ou masculino, entre outros aspectos pertinentes.

Entre os gestos, o primeiro sepultamento do conjunto evidencia a ação de depositar o indivíduo em vasilhame cerâmico e de cobrir a urna com uma segunda vasilha. Também indica o gesto de enterrar as peças. Quanto ao segundo sepultamento, indica a ação de depositar o morto com o tembetá em um vasilhame que serve de urna, acompanhado de elementos associados a oferendas. Também sugere a ação de enterrar o sepultamento. A estrutura não foi submetida a datação.

Por fim, cabe destacar que ambos os sepultamentos foram feitos em vasilhames de maiores proporções, mas que se diferenciam substancialmente (em relação à presença de oferendas e acompanhamento e em relação à cobertura da urna), indicando variações na forma de realizar o enterro. Embora o autor considere os dois como pertencentes a uma única estrutura, devido à proximidade e alinhamento entre as peças, não há dados que indiquem que tenham sido depositados no mesmo momento.

3.10 Caso 10: Análise de Sepultamentos Estudados por Marlon Pestana (2007), RS

A pesquisa de Marlon Pestana, conforme indicado no capítulo anterior, elenca diversos sepultamentos Tupi. Entre eles, selecionamos três para análise, os quais apresentam características distintas entre si.

3.10.1 Sepultamento A (Sítio RS-LC-09: Manoel Mariano Machado)

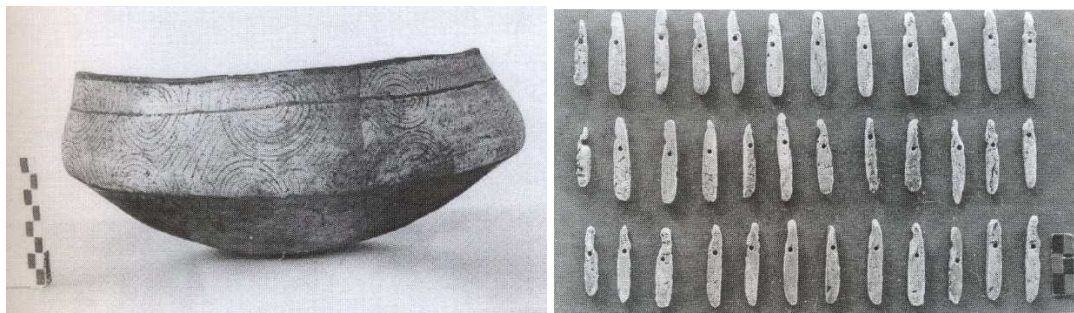
Figura 20 - Sepultamento direto do corpo e indireto do crânio



Fonte: Ribeiro (apud PESTANA, 2007, p. 114).

Legenda: As imagens correspondem às figuras “29” e “30” (detalhe do peito) da dissertação de Pestana.

Figura 21 - Detalhe do vasilhame e das contas do adorno



Fonte: Ribeiro (apud PESTANA, 2007, p. 114).

Legenda: As imagens correspondem às figuras “32” e “35” da dissertação de Pestana.

O sepultamento referente ao sítio Manoel Mariano Machado foi descoberto por um morador da região, o que impossibilitou registros do local exato do achado (se em área de enterramento ou em sítio habitação). Porém, a descoberta de uma estrutura funerária em vasilhame cerâmico a poucos metros de distância (1,5m) e no mesmo nível, parece indicar presença de área específica para sepultamentos.

O indivíduo foi encontrado com o corpo estendido, em decúbito dorsal. A calota craniana foi encontrada separada do restante do esqueleto, no interior de um vasilhame cerâmico, protegido por uma cobertura (tampa). Estas peças cerâmicas, de pequenas proporções, estavam em nível diferente do restante do achado.

Os ossos estavam em mau estado de preservação. Contudo, foi observada a presença de todos os elementos ósseos da coluna, bem como ossos dos braços e pernas, falanges (dos pés e das mãos), costelas e o respectivo lugar das articulações. Também se verificou a presença dos dentes (em bom estado de preservação). Os remanescentes ósseos correspondem a um indivíduo adulto, com idade entre 20 e 25 anos.

Pela quantidade de ossos articulados, é possível considerar que o corpo recebeu um sepultamento primário direto, enquanto que a calota craniana recebeu um sepultamento indireto, posterior.

Junto ao corpo “*abaixo da mandíbula, entre as clavículas e sobre as vértebras do morto*”, foram localizadas 36 contas feitas a partir de conchas (*Adelomelon* sp), as quais formavam um adorno (acompanhamento funerário). (PESTANA, 2007, p. 117, figura 35).

A calota craniana, sem os dentes, foi retirada para inclusão em vasilha cerâmica, deixando a mandíbula e os dentes da arcada superior no seu lugar original, ligados ao corpo.

Sobre o sexo do indivíduo, Pestana sugere ser feminino, pois a *“implantação do músculo é arredondada, típico de mulher”*. (PESTANA, 2007, p. 115). Outras informações importantes são trazidas pelo autor, as quais dizem respeito às etapas do sepultamento: *“na calota craniana faltavam os dentes da arcada superior, que tinham ficado junto com a mandíbula, indicando que a manipulação da calota teria sido feita quando o corpo já estava decomposto ou em decomposição”*. (PESTANA, 2007, p. 115).

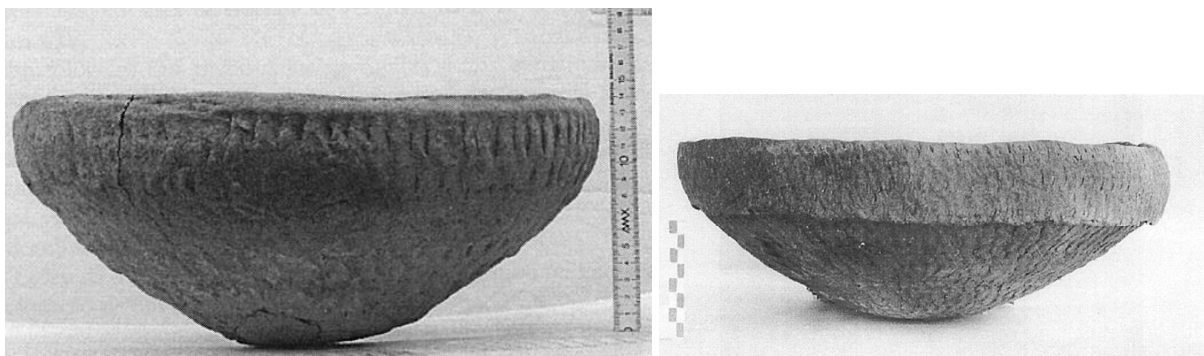
Através dos dados elencados, podemos perceber alguns dos gestos dos vivos. Em primeiro lugar, notamos a intenção de sepultar o indivíduo diretamente no solo, com os membros em conexão anatômica (inteiros) e em posição específica. Também é possível verificar a manutenção do adorno no corpo do morto. Conforme indicado por Pestana, após a decomposição das partes moles, os vivos teriam realizado outra etapa do sepultamento, composta pela retirada da calota craniana. Essa parte do corpo foi inserida em vasilhame de pequenas proporções com tampa e recebeu um enterramento posterior.

O sepultamento do corpo e do crânio não foi submetido a datação.

Próximo à deposição do corpo e do crânio foram localizados remanescentes ósseos humanos no interior de uma vasilha, sugerindo variação de formas de tratamento do morto numa mesma área. Essa variação sugere a existência de práticas mortuárias de acordo com o status, o sexo ou com outros motivos relacionadas à organização social dos vivos.

3.10.2 Sepultamento B (Sítio RS-LC-45: Lino Azevedo)

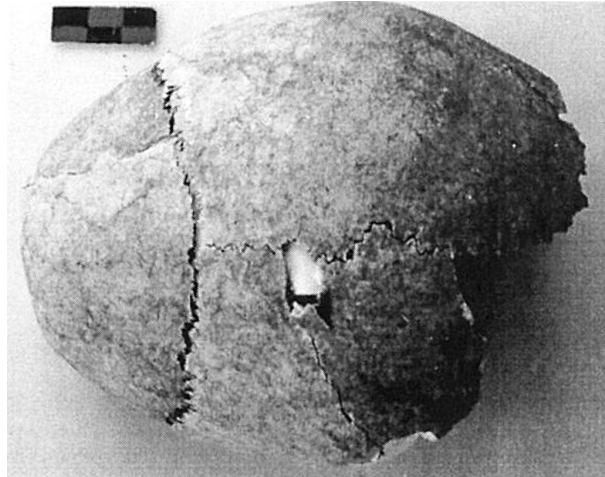
Figura 22 - Vasilha que serviu de urna e vasilha que serviu de tampa



Fonte: Ribeiro (apud PESTANA, 2007, p. 121 – 122).

Legenda: As imagens correspondem às figuras “41” e “43” da dissertação de Pestana.

Figura 23 - Calota craniana com suturas não fusionadas



Fonte: Ribeiro (apud PESTANA, 2007, p. 120).

Legenda: A imagem corresponde à figura “39” da dissertação de Pestana.

O sepultamento foi localizado em outro sítio arqueológico estudado por Pestana (2007), o qual é identificado como RS-LC-45. Tal sítio apresenta características de habitação (presença de solo escuro com vestígios de fogueira e alimentos, bem como fragmentos cerâmicos). Próximo a ele estava outro sepultamento em vasilha que serviu de urna funerária, indicando que nas proximidades da habitação (ou no seu interior) também havia espaço destinado aos mortos. O sítio arqueológico apresentava vestígios já na sua superfície, mas os sepultamentos foram descobertos abaixo da superfície.

A estrutura funerária que abrigava remanescentes humanos é composta por cerâmica que serviu de urna e por cerâmica que fez as vezes de tampa, configurando um sepultamento indireto. Entre os remanescentes ósseos, estavam presentes o rádio, a ulna, fragmentos de falange, dentes e a calota craniana, pertencentes a um único indivíduo. Os dentes (de leite) indicam tratar-se, conforme indica o texto, de uma criança com idade entre 6 e 10 anos. O estado dos vestígios, pouco preservados, não permite indicar se o sepultamento era do corpo inteiro ou só de partes, assim como não fornece indícios sobre o sexo. Não há informações no capítulo de Pestana sobre oferendas ou acompanhamentos funerários que pudessem ter sido dispostos junto ao corpo.

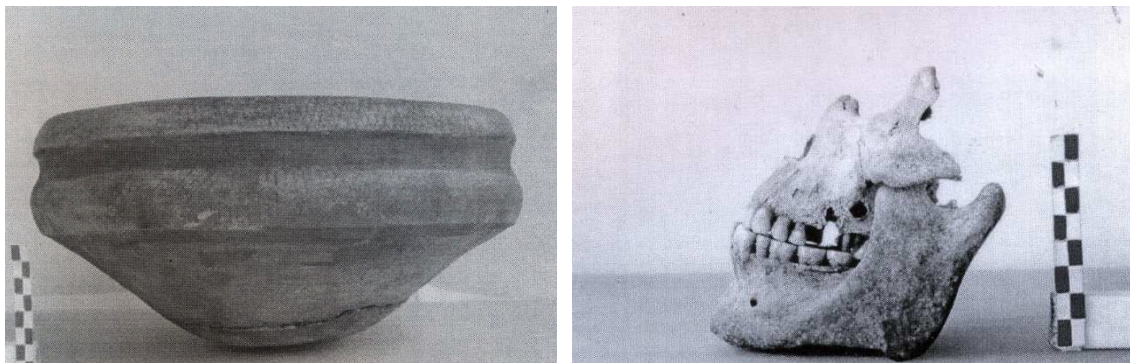
Entre os gestos dos vivos, é possível notar a ação de inserir a criança dentro de vasilhame cerâmico, bem como a intenção de garantir o isolamento do corpo com uma segunda vasilha. Tudo indica que a estrutura funerária tenha sido, por fim, enterrada. A

princípio, não é possível inferir sobre o status da criança dentro da aldeia. Também não há informações sobre a datação.

É interessante ressaltar que a estrutura funerária anterior, localizada no mesmo sítio, apresenta características similares a esta, embora não tenha abrigado um indivíduo imaturo.

3.10.3 Sepultamento C (Sítio RS-LC-49: Bacopari I)

Figura 24 - Vasilha usada como urna e vista lateral da mandíbula



Fonte: Ribeiro (apud PESTANA, 2007, p. 125).

Legenda: As imagens correspondem às figuras “48” e “49” da dissertação de Pestana.

Esse terceiro sepultamento, ainda referente ao trabalho de Pestana, foi encontrado por um morador local. Não há, por esse motivo, informações sobre a profundidade e a localização do achado no sítio (se em área de habitação ou de cemitério).

O material recolhido consiste em uma vasilha de pequenas proporções que serviu como abrigo para um crânio, desconectado do restante do corpo. O achado corresponde, desse modo, a um sepultamento indireto, de parte do indivíduo.

É interessante ressaltar que o crânio e o respectivo vasilhame que o abrigou, conforme descreve Pestana, foi entregue a uma casa de cultura da localidade, junto com contas marinhas (que provavelmente estavam em associação ao indivíduo). Porém, a falta de informações consistentes impossibilita associar diretamente essas contas ao indivíduo.

Como se trata de um sepultamento de crânio, entre os remanescentes ósseos identificados destaca-se a calota craniana, o maxilar e os dentes. Esses vestígios correspondem a um indivíduo adulto, provavelmente do sexo masculino. De acordo com Pestana (2007, p. 124) a identificação do sexo foi feita pela observação das depressões presentes na nuca, as quais apresentaram uma inserção de músculos típica de homem.

Não há menção sobre o restante dos restos mortais. No entanto, é possível que o corpo estivesse próximo ao crânio, mas decomposto (de forma semelhante ao “sepultamento A”).

Entre os gestos dos vivos, é notada a ação de desassociar o crânio do restante do cadáver para, posteriormente, depositá-lo em uma vasilha que serviu como uma funerária. Por fim, é notada ação de enterrar a peça cerâmica com essa parte do indivíduo.

O achado não foi submetido a datação.

3.11 Comparação entre os Dados Mortuários

Os casos abordados nesse capítulo representam os tipos de deposições intencionais associadas aos Tupi, descobertas até o presente momento. Nesse sentido, ainda que tenham sido escolhidos pela disponibilidade de dados nas fontes bibliográficas, fornecem bases para reflexões.

Temos as seguintes situações:

- a) Sepultamento indireto em vasilha que serve de urna funerária, sem registro de vasilha que serve como tampa (Casos 3, 4B, 9A, 9C);
- b) Sepultamento indireto em vasilha que serve como urna funerária, acompanhada por vasilha que serve como tampa (Casos 1, 3, 7B, 8, 9B, 10B);
- c) Sepultamento indireto em vasilha que serve como urna funerária, outra vasilha menor que cobre o crânio do morto (Casos 3, 4A);
- d) Sepultamento indireto em vasilha que serve como urna funerária, outra vasilha que serve como tampa e demais vasilhas que servem como reforços laterais da urna e/ou como segunda tampa (Casos 5, 6A, 6B, 6C);
- e) Sepultamento direto do corpo e indireto do crânio numa vasilha com ou sem tampa (Casos 3, 7A, 10A);
- f) Sepultamento indireto apenas do crânio (Caso 10C).

Há um elemento comum a todos os sepultamentos: a associação com vasilhas cerâmicas. Nenhuma das fontes bibliográficas, incluindo as abordadas no capítulo anterior, indicou a localização de ossos humanos sem esse componente. Assim, o isolamento do corpo inteiro ou de apenas do crânio compõe a ação mais significativa dos vivos.

Os sepultamentos indiretos, do corpo inteiro em urnas (a, b, c e d), podem ser:

- De adulto (Caso 4, 6C, 8) ou de imaturo (Caso 1, 7B, 10B).
- De homem (Caso 4A) ou de mulher (Caso 6C).

- Com oferenda (Caso 3, 8, 9C) ou sem oferenda (Caso 1, 4B, 9A, 9B).
- Com acompanhamento (Caso 1, 3, 4A, 4B, 6C, 7A, 7B, 8, 9C) ou sem acompanhamento (Caso 6B, 9A, 9B).
- Com fogueira e buraco de estaca (Caso 6A).
- Em cemitério (Caso 3, 4A, 4B, 7A, 7B, 8, 9A, 9B, 9C) ou na habitação (Caso 1, 10C).

Embora tenham sido elaborados para não entrarem em contato com a terra, em geral não apresentam remanescentes ósseos em bom estado de preservação. Por esse motivo, são pouco apropriados para indicar se os indivíduos sofreram desmembramentos típicos de sepultamentos secundários. Os raros casos de sepultamentos com ossos em bom estado (Caso 6C e 8) não apresentam marcas feitas pelos humanos, mas possuem, ao invés disso, evidências de conexões anatômicas, configurando deposições do tipo primárias.

Em relação aos sepultamentos diretos do corpo e indiretos do crânio (e), verificamos que são de um único indivíduo adulto, acompanhado por objetos e enterrado em cemitério. Contudo, podem apresentar:

- Corpo “acorado” (Caso 3) ou estendido (Caso 7A, 10A);
- Crânio articulado ao restante do corpo, coberto por vasilha (Caso 7A) ou crânio separado do corpo para novo ritual que corresponde a colocação numa vasilha (Caso 10A);
- Também podem ser com oferenda (Caso 7A) ou sem oferenda (Caso 10A).

Os remanescentes ósseos desses sepultamentos apresentam más condições de preservação. Um deles, porém, ofereceu subsídios para identificação do sexo (Caso 10A- sexo feminino).

Quanto ao sepultamento do crânio (f), sem a presença do restante do corpo, não foi possível identificar as suas variações, uma vez que apenas um achado com tais características foi encontrado nas fontes bibliográficas.

Esse capítulo, assim como o anterior, demonstra que os sepultamentos do tipo “d”, compostos por diversas peças cerâmicas, são exclusivos do Rio de Janeiro, ainda que nesse estado também tenham sido encontrados sepultamentos Tupi com menos quantidade de vasilhames. Esse elemento de multiplicação das vasilhas para defesa pode indicar uma variação regional, provavelmente associada à presença dos Tupinambá.

Por sua vez, os sepultamentos “e” e “f”, dentro do nosso levantamento, são exclusivos do Mato Grosso do Sul e do Rio Grande do Sul, ainda que sejam predominantes nesses

estados os sepultamentos indiretos do corpo inteiro, cujas estruturas são normalmente do tipo “a”, “b” e “c”; correspondem ao território ocupado por populações Guarani. O relatório “Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE Imbituba, SC” (1999, p. 90) cita que André Prous (1992) mencionaria a presença de sepultamentos do tipo “e” no estado do Paraná e do Rio de Janeiro; Paraná ainda é território Guarani. Para saber se esse tipo de sepultamento é uma variação regional do Guarani são necessárias mais informações para os outros estados.

Por fim, as análises também evidenciaram que um cemitério pode apresentar mais de uma forma de sepultamento. Nos casos analisados, mesmo que haja uma data, não se mostra diacronia entre os sepultamentos, inviabilizando perceber se variações em um mesmo sítio teriam relação com mudanças ocorridas ao longo do tempo.

O presente capítulo reuniu, elencou de forma uniforme (a partir das questões previamente elaboradas) e comparou informações produzidas pelos arqueólogos em campo. No próximo capítulo, testaremos se as fontes produzidas pelos cronistas quinhentistas em contato direto com populações ameríndias, algumas delas citadas pelas fontes bibliográficas arqueológicas, apresentam valor etnográfico. É interessante destacar que essas fontes etno-históricas se referem ao Tupinambá. Para os Guarani, discutiremos no quarto capítulo se a etnografia (referente a grupos recentes) fornecida por Egon Schaden, utilizada em fonte bibliográfica arqueológica, poderia servir como um paralelo.

4 OS SEPULTAMENTOS E DEMAIS PRÁTICAS MORTUÁRIAS TUPINAMBÁ A PARTIR DE FONTES ETNO-HISTÓRICAS

Estudos arqueológicos podem se valer das fontes etno-históricas para pensar e problematizar os achados humanos de tempo anterior à Conquista pelos europeus, de forma semelhante ao modo como os antropólogos podem utilizar as observações de sociedades indígenas atuais para pensar aspectos das sociedades indígenas do passado. É importante ressaltar, porém, que diversos autores já criticaram projeções etnográficas feitas pela Antropologia, afirmando que em muitos sentidos elas não seriam suficientes para fornecer hipóteses sobre sociedades remotas. (MANO, 2012, p. 135). Acreditamos que para o caso da Arqueologia o método também pode ser controverso.

Cientes das possíveis limitações, o que propomos nesse trabalho é testar até onde as narrativas de época podem (ou não) lançar luz sobre os sepultamentos em associação com a cerâmica Tupiguarani, submetendo os documentos históricos a um olhar crítico antes de nos apropriarmos dos seus dados. Com esse intuito, transcreveremos e analisaremos, nesse capítulo, as passagens sobre os sepultamentos e práticas mortuárias Tupinambá, contidas nas obras de Hans Staden, André Thevet, Jean de Léry e Gabriel Soares de Souza – cronistas escolhidos por estarem entre os primeiros do Velho Mundo a entrar em contato com a América portuguesa. Os demais assuntos contidos nas fontes quinhentistas não serão incluídos no estudo.

Um aspecto importante, que justifica a nossa atenção aos registros escritos sobre o grupo indígena, é o fato de os Tupinambá, assim como os Guarani, serem os correspondentes históricos dos Tupi antigos. Outra justificativa é o fato de as crônicas quinhentistas sobre o Tupinambá serem citadas nas fontes bibliográficas arqueológicas, embora sem prévia crítica a esses documentos.

É necessário avaliar que as fontes quinhentistas foram publicadas sucessivamente ao longo do tempo e que, entre elas, escolhemos edições do século XX. Trata-se de versões traduzidas para o português, as quais, nesse sentido, certamente apresentam alterações significativas. No entanto, elas foram selecionadas pela impossibilidade de serem lidas na língua original e por preservarem a distribuição dos capítulos e das imagens.

Para que seja possível analisar as narrativas dotadas de uma visão ocidental, consideraremos as intenções dos autores que escrevem sobre o índio, bem como a maneira como eles realizam essa escrita. Iremos levar em conta que, embora os cronistas sejam todos do mesmo período e de contextos semelhantes, podem ter escrito sob “filtros” particulares,

conforme nos chama a atenção Cristina Pompa (2003), resultando em retóricas distintas e em formas distintas de perceber e construir uma imagem do outro. Não esqueceremos, porém, de procurar passagens que tenham escapado a estes filtros, os quais provavelmente evidenciam uma visão mais nítida das reais práticas ameríndias. Acreditamos que o capítulo contribui, dessa forma, para os estudos que analisam os documentos tradicionais, adquirindo um sentido mesmo quando desvinculado do restante da Dissertação de Mestrado.

Como investigamos narrativas sobre o encontro com o “outro”, nosso estudo estabelece diálogo com certas noções desenvolvidas pelo historiador francês François Hartog, desenvolvidas em obras sobre o contato interétnico e a escrita da alteridade. Os viajantes e cronistas quinhentistas, que produziram as fontes aqui estudadas, se enquadram no conceito de “homem-memória”, que guarda a experiência do percurso para relatá-la mais tarde, e de “homem fronteira”, que vive a interpenetração, que está posto entre uma cultura (no nosso caso, a ocidental cristã) e outra (a dos nativos do Brasil), e que viaja, em certo sentido, mais para confirmar o que já sabe do que para apreender o outro. (HARTOG, 2004). Também é possível considerar as narrativas quinhentistas como “retóricas da alteridade”, dotadas de estratégias para expressar o encontro com sociedades distantes do ponto de vista espacial e, sobretudo, cultural. (HARTOG, 1999). Quanto às passagens que fogem aos filtros ocidentais, podem ser entendidas como as “estranhas aberturas” que evidenciam o outro, chamadas pelo mesmo historiador de “piscadelas”. (HARTOG, 1999, p. 266).

4.1 Doença e Morte entre os Tupinambá na Observação do Aventureiro Hans Staden

Hans Staden, nascido na Alemanha do início do século XVI, foi um dos primeiros viajantes europeus a entrar em contato com os Tupinambá e a relatar, mais tarde, a experiência do encontro. A primeira visita ao Brasil se deu em 1547, tendo retornado ao seu país de origem no ano seguinte.

A segunda vinda ocorreu em 1550, ano em que o viajante foi incorporado à armada de Diogo de Sanábria, com intenções de contribuir no povoamento da costa da Ilha de Santa Catarina e no povoamento da embocadura do rio da Prata. Essa expedição foi conturbada, pois o navio europeu naufragou no litoral paulista. Os sobreviventes seguiram para São Vicente, possibilitando que Staden se juntasse aos portugueses. Em 1554, foi aprisionado pelos Tupinambá, sob os domínios de Cunhambebe. Algum tempo depois, foi resgatado por navegantes franceses e retornou à Europa.

As anotações sobre ambas as empreitadas possibilitaram que o cronista publicasse o livro “Duas viagens ao Brasil”. A obra tem o mérito de contribuir para a construção da imagem do índio americano, sendo tão famosa quanto a publicação da retórica de Jean de Léry, embora apresente uma lógica narrativa diferente. Dos capítulos contidos no livro de Staden, o intitulado “Como o chefe doente Nhaêpepô-oaçu voltou para casa” é o que mais poderia nos sugerir rituais de sepultamento, porém, menos em função dos aspectos narrados e mais pela imagem ilustrativa.

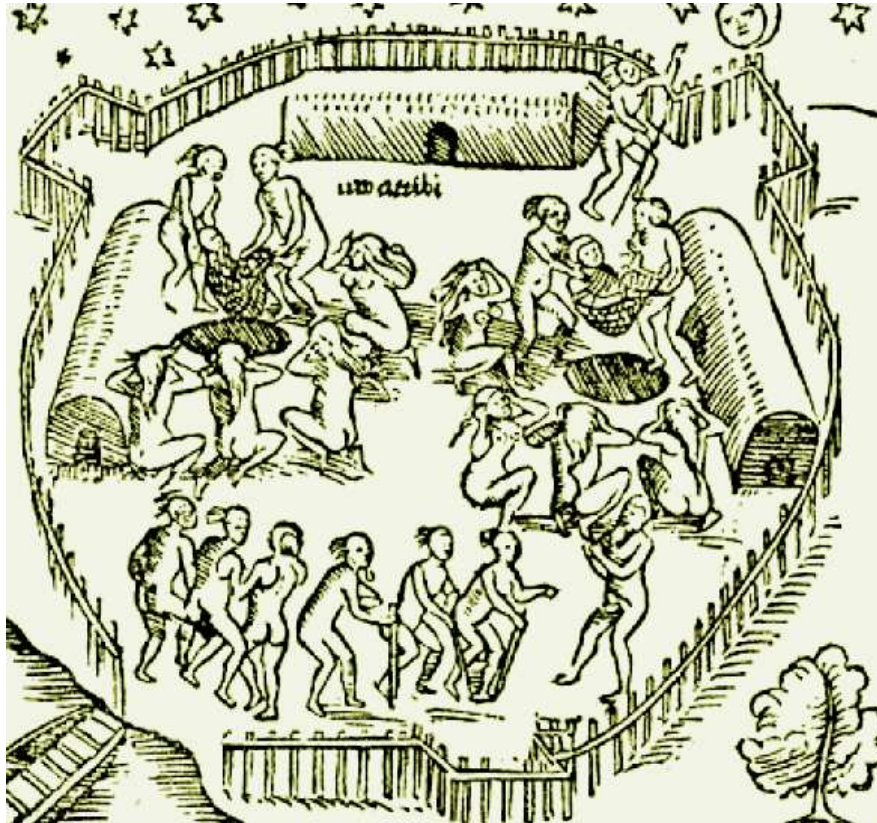
Sobre o texto, é interessante a passagem que se atém à temática aqui investigada, a qual evidencia um índio crente de que as doenças ocorridas na aldeia, após contato com o cronista, foram provocadas pelo Deus de Hans Staden. Com a finalidade de sair ileso da experiência, o cronista confirma a suspeita dos ameríndios, dando a entender que os males são castigos para aqueles que pensam em o consumir em ritual antropofágico:

Morreram. Primeiro uma criança, depois a mãe do chefe, uma velha mulher, que pretendia aprontar as vasilhas nas quais se iria preparar a bebida para o banquete da minha morte. Depois de alguns dias morreu um irmão, a seguir uma outra criança e por fim o irmão que havia trazido a notícia da moléstia. Como o chefe visse então que seus filhos, sua mãe e seus irmãos tinham morrido, teve muito medo de que êle e suas mulheres também morressem. Pediu-me que dissesse ao meu Deus, quisesse êle agora abrandar sua ira e conservar-lhe a vida. Consolei-o e animei-o para que não temesse nenhum perigo; mas quando de novo se restabelecesse, não ousasse pensar em mater-me. Disse êle então que não, e ordenou também a todos em sua cabana que não escarnecessem de mim, nem ameaçassem devorar-me. Ficou algum tempo ainda doente, sarando entretanto, assim como uma de suas mulheres, que igualmente adoecera. Dos seus amigos morreram cerca de oito, e ainda outros, que também me haviam feito sofrer muito. (STADEN, 1942, p. 108).

Das características da narrativa, chamamos a atenção para o fato de o autor participar da cena, o que a torna diferente das retóricas produzidas por outros cronistas, assemelhando-se a um diário. Não se pode deixar de notar que o relato engrandece Hans Staden: ao descrever a forma como garantiu a negociação da sua sobrevivência, ele se coloca em posição superior aos ameríndios, ainda que não utilize termos depreciativos para se referir aos Tupinambá. Não notamos nessa passagem, ou nas demais que compõem o capítulo, o uso de comparações com povos já conhecidos do Velho Mundo, de forma que auxiliasse num possível processo de “tradução” do outro para o europeu. O conteúdo, entretanto, pouco contribui para o nosso trabalho, embora seja relevante para compreender as intenções do autor. Hans Staden parece mais motivado a relatar a sua experiência pessoal na América do que interessado em evidenciar o outro para um público leitor.

O capítulo abordado é acompanhado da seguinte imagem, a qual apresenta aspectos que não foram narrados no texto:

Figura 25 – Sepultamento em covas circulares



Fonte: Staden (1942, p. 108).

Legenda: Consta na fonte a seguinte descrição: “Staden preparando-se para amparar os doentes que chegam. Eles morreram, no entanto, e estão sendo enterrados em covas junto às cabanas”.

A ilustração é composta por duas cenas. Na de baixo, notamos que Hans Staden está conversando com alguns indígenas. De acordo com a legenda que consta na obra, é a representação de Staden recebendo os doentes, que mais tarde vieram a óbito. A cena principal, nesse sentido, é a do sepultamento desses indivíduos acometidos pela doença. Ambos os mortos da ilustração foram envoltos em redes e estão sendo colocados em covas na terra. O formato das sepulturas é arredondado. Os falecidos não estão sendo colocados dentro das casas, mas no pátio da aldeia. A lua e as estrelas, ao fundo, parecem indicar a parte do dia em que a prática do enterramento era realizada ou o tempo de duração da prática de sepultamento, o qual podia estender-se até a noite. É interessante, ainda, a presença de mulheres que “choram” pela perda dos falecidos.

A imagem, embora atribuída a Staden, foi feita por desenhista¹ da época sob encomenda do cronista. Nesse sentido, deve ter passado pela interpretação do Hans Staden e, posteriormente, pela interpretação do próprio desenhista. Notamos que ela contém filtros ocidentais europeus, apresentando proporções equilibradas (mesma quantidade de pessoas nos dois lados e as cenas principais em destaque), conforme noções renascentistas. O tipo físico dos índios, porém, não lembra tanto o perfil privilegiado pelos artistas da época, que seria o dos gregos da Antiguidade. (FARTHING, 2010).

Hans Staden está posicionado de forma natural diante dos indígenas, sem gesticular de forma expressiva². A sua presença na ilustração destaca a interação com o outro, da mesma forma como Staden procurou destacar a sua atuação junto aos ameríndios na passagem selecionada e transcrita anteriormente.

Dessa análise, destacamos que texto escrito e texto imagético constituem-se em narrativas diferentes, uma vez que tratam de conteúdos diferentes. A imagem, embora não tenha sido produzida pelo cronista, parece apresentar maior valor etnográfico, na medida em que indica um modo de sepultamento e ritual correspondente. Ela pode constituir-se, nesse sentido, numa piscadela ou, ainda, numa livre interpretação do desenhista. Pensamos que para verificar o seu valor enquanto dado etnográfico, seja relevante compará-la com as informações presentes nas demais retóricas da alteridade.

Em relação aos filtros ocidentais, destacamos o de homem renascentista, evidente na ilustração e o de cristão, evidente no texto e em demais ilustrações contidas na obra, que aqui não foram elencadas. Embora a passagem selecionada demonstre sutilmente o filtro religioso, é importante considerar que ele é acionado diversas vezes em outros capítulos, especialmente em relação aos rituais antropofágicos.

4.2 O Sepultamento dos Mortos, o Luto e as Festividades Fúnebres entre os Tupinambá na Observação do Frei Franciscano André Thevet

André Thevet desembarcou na baía do Rio de Janeiro em 1555, onde permaneceu até 1556. No regresso à Europa escreveu “Singularidades da França Antártica”, que narra o percurso por ele realizado, o encontro com as plantas e animais americanos e com os índios Tupinambá. Tal obra foi publicada pela primeira vez em 1557. (SILVA, 2011, p. 24). Ao que parece, adquiriu grande repercussão na Europa, e, nos anos que se seguiram, várias novas

¹ De acordo com Almeida, trata-se de desenhista anônimo (2002, p. 145).

² Hans Staden aparece em 14 ilustrações. Na maioria delas, ele está ajoelhado ou com as mãos levantadas aos céus, indicando que ora a Deus perante as práticas observadas.

edições foram colocadas em circulação. Embora tenha sido considerada por muito tempo como dotada de elementos “fantasiosos”, o seu valor é incontestável.

No capítulo “Da sepultura e demais cerimônias mortuárias dos selvagens”, desenvolvido nela, André Thevet se atém ao tema que nos propomos a estudar. Em algumas poucas páginas, o frei franciscano dá continuidade ao objetivo da narrativa que é descrever os costumes dos “selvagens”, voltando sua atenção, nesse espaço, ao sepultamento, ao luto extenso de parentes e amigos e às festas em solenidade ao morto. Todos esses aspectos são comparados com os costumes de sociedades já conhecidas pelos europeus ou são cotejados com a religião cristã. O capítulo também apresenta uma ilustração, que confirma alguns elementos narrados e apresenta outros novos elementos.

Sobre o sepultamento, Thevet observa que ele é direto no solo, no mesmo local onde o morto vivia:

Quando a alma se separa do corpo, os selvagens, não obstante a rudeza natural, sepultam o cadáver no proprio sitio em que a criatura tinha em vida, satisfação de estar. Segundo dizem, não há lugar mais nobre para o defunto do que a terra. É a terra que gera o homem. A terra que produz tantos belos fructos, tantas riquezas uteis e necessárias ao uso de todos. (THEVET, 1944, p. 158).

A passagem não é suficientemente clara quanto ao lugar em que o morto era depositado. Pensamos que ele tanto poderia referir-se ao pátio da aldeia quanto à casa do indivíduo.

Para Thevet, o costume de se sepultar na terra é bastante digno quando em relação aos costumes de outras sociedades primitivas, que abandonam os sujeitos falecidos: “*Outrora, existiu gente muito mais irreverente do que esses pobres índios. Gente a quem pouco importava o que pudesse acontecer ao corpo, preferindo mesmo expô-lo aos cães e as aves.*” (THEVET, 1944, p.158). Essa ideia é complementada na passagem abaixo, onde Thevet compara os sepultamentos indígenas com práticas de outros grupos:

Os selvagens, muito embora rudes e ignorantes; são mais racionais do que os parthas em relação aos parentes e amigos mortos, porquanto estes, em vez de adoptarem o costume legal de dar honrosa sepultura ao corpo, expõem-no, qual presa, aos cães e às aves. Do mesmo modo os taxilas, que atiravam os mortos às aves do céu, como os caspianos o atiram às feras. Os ethiopes jogavam os cadaveres nos rios e os romanos queimavam-nos e reduziam-nos a cinzas, a exemplo de varios outros povos. Por onde se vê que os selvagens americanos não são destituídos de toda decencia, isto é, embora sem fé, nem lei, têm, ao menos, até onde os pode induzir a natureza, isso de bom – enterram seus mortos, como já se disse, sentados, em fossos, tal qual o faziam antigamente os nasamões. (THEVET, 1944, p. 260).

A comparação é usada, no trecho acima, como forma de desenvolver a retórica da alteridade. Através dela André Thevet “classifica” o lugar do outro: no caso em questão, o índio é inferior ao europeu (por isso é “rude”, “ignorante”, sem “fé nem lei”), mas está mais adiantado do que certas sociedades no modo de tratar os seus mortos, muito provavelmente em função de possuir um costume que vai ao encontro dos seus parâmetros cristãos. Dessa forma, a comparação realizada por Thevet transmite uma mensagem ao público leitor.

Ao longo do texto, percebemos outros indicativos de que a narrativa procura estabelecer relações entre a religião cristã e os costumes indígenas:

A inumação do corpo e suas cerimônias connexas são praticas aprovadas pelas Santas Escrituras, tanto a velha como a nova, se são devidamente observadas, uma vez que o corpo humano foi o vaso e o órgão da alma divina e immortal. Por outro lado, a sepultura corresponde à esperança de futura ressurreição e permite que o corpo aguarde esse dia terrível em segura guarda. (THEVET, 1944, p. 260).

Aqui, Thevet ressalta que os “selvagens”, embora não conheçam a religiosidade ocidental, possuem costumes que de alguma maneira se relacionam com ela. Ao constatar esse aspecto, parece considerar que os Tupinambá já apresentavam as bases para receber a Fé cristã. A expressão “devidamente observadas” indica esforço para estabelecer tal relação entre religião e costume indígena, confirmando que o olhar do cronista estava direcionado para esse propósito.

Nem só pelo sepultamento Thevet se interessa, observando também o luto extenso que os parentes e amigos dedicam ao morto:

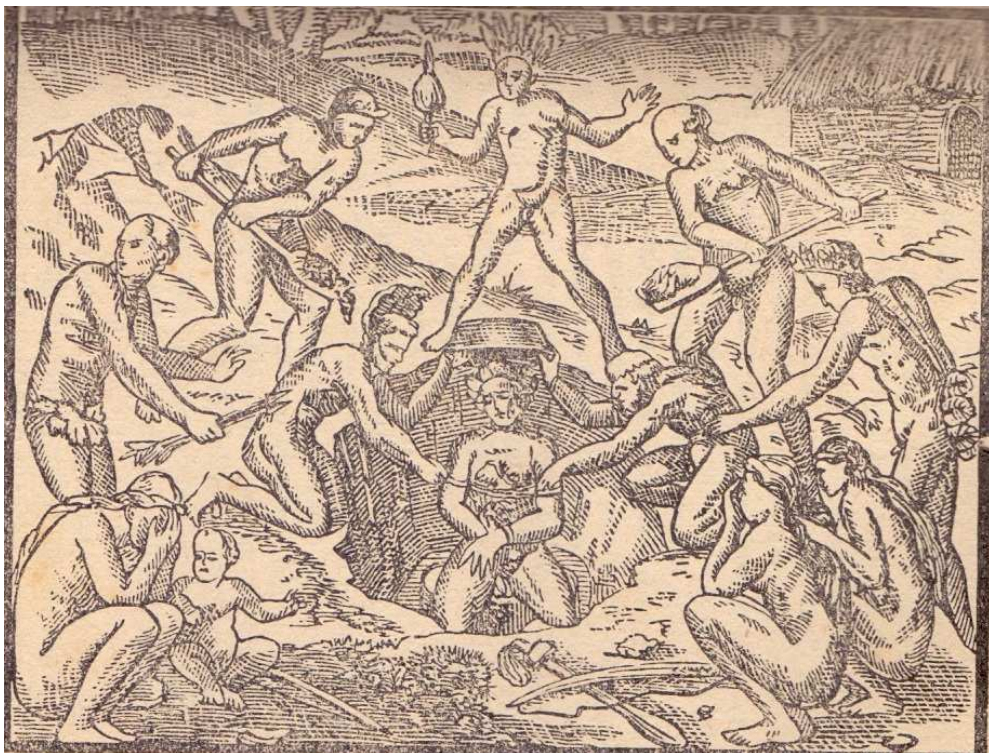
Entre os selvagens americanos, se morre algum chefe de família, seus parentes proximos e amigos conservarão um luto, que não dura o espaço de três ou quatro dias, mas de quatro ou cinco meses. Há um luto fechado, todavia, que se guarda apenas nos quatro ou cinco primeiros dias após o falecimento. Nessa ocasião, ouvi-los-ei levantar tal ruido e harmonia quaes os que fazem cães e gatos (...). (THEVET, 1944, p 260).

Nessa passagem, temos indicativos da presença de certos rituais fúnebres, dedicados aos indivíduos sepultados, os quais não foram explorados intensamente no capítulo. Thevet também observa que no fim do período de luto o morto recebe festividades em sua honra, momento em que os membros da tribo usam pinturas corporais e enfeites de pena, além de outros adornos característicos da sociedade Tupinambá. Fazem danças, jogos, tocam instrumentos, enquanto que os mais velhos comem e bebem. (THEVET, 1944, p. 262). Tais hábitos, “*tem por objectivo elevar o animo dos jovens, commovê-los, incitá-los à guerra e encorajá-los contra os seus adversarios*”. (THEVET, 1944, p. 262)”.

De acordo com o narrador, festividades semelhantes também eram praticadas pelos romanos e gregos. Ao comparar o costume indígena com o de tais civilizações, parece-nos que a intenção é a de engrandecê-lo, ideia que se confirma com a seguinte constatação: “*são, todavia, louváveis as festas celebradas em honra do morto, ou de sua alma, pois é um meio de declarar a sua immortalidade e confirmar a ressurreição futura*”. (THEVET, 1944, p. 263). Cabe ressaltar que, dessa forma, mais uma vez Thevet procurou interpretar os hábitos Tupinambá a partir da religião cristã. Talvez tenha sido com tal objetivo em mente que realizou uma imagem positiva da festividade, ressaltando que ela também era praticada por civilizações tidas como desenvolvidas.

De modo geral, esses são os temas e as características presentes no capítulo. Ainda nos resta, porém, abordar a imagem do sepultamento, a qual possibilita compreender um pouco mais da narrativa e dos filtros do narrador. Tal imagem, embora atribuída ao próprio Thevet, apresenta elementos que confirmam o que já foi descrito, além de novos elementos. Sendo assim, podemos considerar que ela extrapola o texto e constitui-se numa outra narrativa.

Figura 26 - Sepultamento direto no solo, mas com crânio protegido



Fonte: Thevet (1944, p. 259).

Legenda: A imagem corresponde à figura “12” da publicação de Thevet. Consta na fonte a seguinte descrição: “Sepultamento de um índio tupinambá”.

Antes de adentrarmos nas singularidades em relação ao texto, se faz necessário destacar que a ilustração também passou pelas concepções ocidentais do frei franciscano. São indicativos disso a forma física dos índios, inspirada nos gregos da antiguidade, a simetria entre os elementos representados, tais como a representação do sepultamento no centro, a mesma quantidade de pessoas em ambos os lados, o pajé posicionado na parte de cima da imagem, de forma a preencher o espaço, entre outros aspectos estéticos, comumente utilizados no Renascimento.

Destacamos, ainda, as pás europeias, utilizadas para abrir a cova, e a figura do pajé, que foi posicionado de forma semelhante ao padre cristão quando realiza cerimônia funerária. Tais elementos podem ter sido elaborados para aproximarem a prática do sepultamento indígena ao sepultamento de fiéis católicos.

A ilustração confirma a descrição contida no capítulo por evidenciar que a cova é aberta na terra e o morto é acondicionado sentado. A presença de mulheres que choram o morto, na parte inferior, também demonstra a questão do luto, rapidamente abordada pelo cronista no texto. É interessante observar, ainda, que o morto parece ter sido depositado no pátio da aldeia.

A imagem torna-se interessante, porém, por apresentar elementos que não foram mencionados na escrita e que, por isso, parecem ter escapado aos filtros do narrador, ou seja, às suas noções de mundo imbricadas na religiosidade cristã, a partir das quais Thevet fez uma leitura do outro. O primeiro desses elementos é a questão da ação das pessoas em torno do morto. O instrumento do pajé na parte superior da imagem, por exemplo, indica a evocação de sons. O segundo elemento é a presença de homens que amarram o indivíduo cuidadosamente, localizados ao lado esquerdo e direito dele, o que parece indicar a necessidade de se dispor adequadamente o corpo, conforme algum costume do grupo. O terceiro elemento seria o acompanhamento funerário que o indivíduo sepultado recebe: os artefatos na cena abaixo e as flechas estendidas pelo homem posicionado à esquerda indicam que o falecido irá receber objetos que provavelmente lhe pertenceram em vida. O quarto elemento é o artefato que cobre a cabeça, posicionado pelos mesmos dois homens que amarram o corpo.

Dessa forma, concluímos que texto escrito e texto imagético apontam caminhos diferentes. O texto escrito, especialmente após a leitura da imagem, parece indicar que Thevet privilegiou narrar aquilo do outro que é passível de comparação e, nesse sentido, passível de compreensão e, até mesmo, de tradução. Também é provável que o autor privilegiou, propositalmente, narrar os aspectos que podem ser cotejados com a religião cristã, a fim de transmitir uma ideia específica do “selvagem”. Se assim for, o texto desenvolvido pelo

cronista deixa poucas possibilidades para uma leitura completa sobre o índio, ao menos no que diz respeito ao tratamento do morto e ritual funerário, já que os elementos narrados parecem ser fragmentos, selecionados a partir dos filtros do observador. Esses filtros, ao que podemos perceber a partir da leitura do capítulo, seriam, de modo especial, a religião cristã e, em geral, as noções de mundo ocidentais do período.

A imagem, ao contrário, embora também tenha passado por filtros ocidentais, aponta uma riqueza de dados, os quais dão outra dimensão às práticas ameríndias. Se realmente foi feita pelo cronista, pode sem dúvida constituir-se em uma “piscadela”, capaz de evidenciar práticas indígenas próximas das reais. No entanto, é preciso considerar que ela pode ter sido feita por desenhista especializado (não identificado), como no caso da ilustração da obra de Hans Staden, sofrendo as interpretações deste. Dessa forma, pensamos ser necessário analisar de que maneira as informações presentes nela combinam com as observações elencadas pelos demais cronistas quinhentistas, confirmando ou refutando seu valor enquanto dado etnográfico.

4.3 A doença, o Tratamento Diferencial dos Mortos e as Festividades Fúnebres entre os Tupinambá na Observação do Teólogo Jean de Léry

Jean de Léry, nascido na França em 1534, era um jovem sapateiro e estudante de teologia quando decidiu viajar ao Rio de Janeiro em 1556, com o intuito de auxiliar no processo de colonização e pregação do Evangelho na França Antártica. Após oito meses da sua chegada, porém, ele e os demais missionários adeptos da Reforma foram expulsos da expedição sob acusação de heresia. Léry conseguiu continuar no Brasil por mais dois meses após o episódio, vivendo entre os Tupinambá.

A estadia em solo brasileiro, com duração total de dez meses, foi documentada por ele. Os manuscritos que elaborou no Brasil, é importante ressaltar, não foram produzidos com a finalidade de comporem um livro. Apenas em 1577, pressionado por amigos e, principalmente, motivado pelo intuito de desmentir a narrativa de André Thevet, é que as suas observações foram reunidas na obra “Viagem à Terra Brasil”, a qual será utilizada nesse trabalho. É interessante destacar que a obra foi escrita em outro momento da vida do viajante, quando este já havia concluído seus estudos teológicos.

De forma semelhante à obra de Thevet, existe, em Viagem à Terra Brasil, um capítulo específico sobre a temática que nos propomos a estudar, intitulado “De como tratam os selvagens os seus doentes, dos funerais e sepulturas e do modo de chorar os seus defuntos”. A

obra de Léry também contém uma imagem sobre a temática. Embora ela se encontre deslocada, em um capítulo sobre costumes em geral, será relevante para nós, podendo ser comparada com as informações narradas pelos demais cronistas em análise.

O primeiro aspecto do capítulo desenvolvido por Léry sobre práticas mortuárias, diz respeito ao tratamento dado ao doente. O enfermo é submetido aos cuidados de um amigo ou de um pajé, que chupa a doença do local do corpo onde se encontra alojada. Conforme creem os índios, os seus pajés são capazes de curar e de prolongar a vida. (LÉRY, 1961, p. 221).

É interessante notar que a doença não parece ser motivo para que se modifique a rotina diária:

Os americanos têm por hábito, após a sucção da parte doente do corpo, nada dar aos doentes acamados a menos que o peçam. E se não o fazem ficam as vezes um mês inteiro sem comer e, por mais grave que seja a doença, nada impede os que estão com saúde de dançarem, cantarem, beberem e se divertirem com grande bulha em torno da vítima, a qual consciente de que nada adiantaria lastimar-se, se conforma em ouvir a algazarra silenciosamente. (LÉRY, 1961, p. 222).

Essa “naturalidade” não permanece quando o doente falece. A morte faz com que os indivíduos se voltem completamente para o morto e uma série de lamentações e ritos se sucedem:

Todavia se ocorre morrer o doente, principalmente em se tratando de um bom chefe de família, converte-se a cantoria em súbito pranto e tal barulho fazem que se nos encontramos em uma aldeia onde tenha morrido alguém não nos será possível fechar os olhos para dormir. As mulheres sobretudo se exaltam nas lamentações e gritam tão alto que mais parecem cães ou lobos a uivarem. (LÉRY, 1961, p. 222).

As mesmas mulheres que choram, mencionadas na passagem, também exclamam em voz alta os feitos que o falecido realizou em vida. Tal ritual tem duração média de meio dia. Após esse tempo, parte-se para a sepultura, descrita da seguinte forma: “*Depois de aberta a cova, não comprida como as nossas mas redonda e profunda como um tonel de vinho, curvam o corpo e amarram os braços em torno das pernas, enterrando-o quase de pé*”. (LÉRY, 1961, p. 223). Chama a atenção o fato de o morto ser posicionado de forma específica, tendo os membros amarrados, conforme sugere a imagem atribuída a Thevet. A cova redonda também aparece nas ilustrações das obras de Thevet e Staden.

Na continuidade da descrição, Léry dá a entender que existem modos diferenciados de tratar os falecidos, sendo o prestígio social um motivo para práticas mais complexas. Dito isso, dá continuidade à descrição, estabelecendo comparações com os costumes de outras sociedades:

Se o finado é pessoa de destaque sepultam-no na própria casa, envolvido em sua rede, juntamente com os seus colares, plumas e outros objetos de uso pessoal. É verdade que também os antigos se comportavam do mesmo modo e José nos diz que muitas coisas foram depositadas no túmulo de David; por outro lado vários historiadores profanos se referem a preciosas jóias que eram enterradas com os seus donos e apodreciam com o cadáver. (LÉRY, 1961, p. 223).

Conta o cronista que depois do contato com os franceses, os índios pararam de sepultar os mortos com objetos de valor. Ele observou, porém, outra prática entre eles, que é a de colocar alimentos e bebidas sobre as sepulturas, como forma de evitar que os corpos sejam consumidos por espírito atormentador.

Acreditam firmemente que se *Anhanga* não encontrar alimentos preparados junto das sepulturas desenterrará e comerá o defunto; por isso colocam, na primeira noite depois de sepultado o cadáver, grandes alguidares de farinha, avez, peixes e outros alimentos e potes de *cauim* e continuam a prestar êsse serviço verdadeiramente diabólico ao defunto, até que apodreça o corpo. (LÉRY, 1961, p. 224).

Léry condena o costume, definindo-o como “verdadeiramente diabólico”. É interessante destacar que os padres jesuítas do século XVI, em contato com os índios do Brasil, procuravam enquadrar os costumes indígenas, contrários aos critérios cristãos, como pertencentes à esfera do “diabólico”, a partir do código religioso que seguiam para pensar e traduzir a alteridade. (POMPA, 2003). Ainda que Léry não pretenda relacionar os costumes nativos com a religiosidade ocidental, é possível que ele compartilhasse desse mesmo código, aplicado pelos missionários para pensar e classificar o outro, uma vez que também era crítico. Se assim for, temos um indicativo de que o filtro cristão é perceptível no capítulo em análise. Do mesmo modo, temos um indicativo de que a narrativa de Léry não é tão imparcial quanto o cronista sugere.

De acordo com as observações de Léry, a crença de que espíritos pudessem visitar as sepulturas, embora diabólica, não é exclusiva dos ameríndios. No trecho abaixo, ele elenca crenças da mesma natureza, praticadas por indivíduos do Velho Mundo:

Mas êsse absurdo não me parece muito diferente da insânia dos rabinos ou da de Pausânias. Sustentam com efeito os rabinos que o defunto fica pertencendo a um diabo a que chamam Zabe e que, segundo Levítico, é o príncipe do deserto; e para confirmar o erro, interpretam a seu modo a passagem bíblica em que se diz à serpente: “Tu comerás terra por todo o tempo de tua vida”. (LÉRY, 1961, p. 224).

Após essa última comparação entre hábitos indígenas e de grupos citados na Bíblia, outro elemento é elencando, o qual complementa a característica das sepulturas. Segundo o

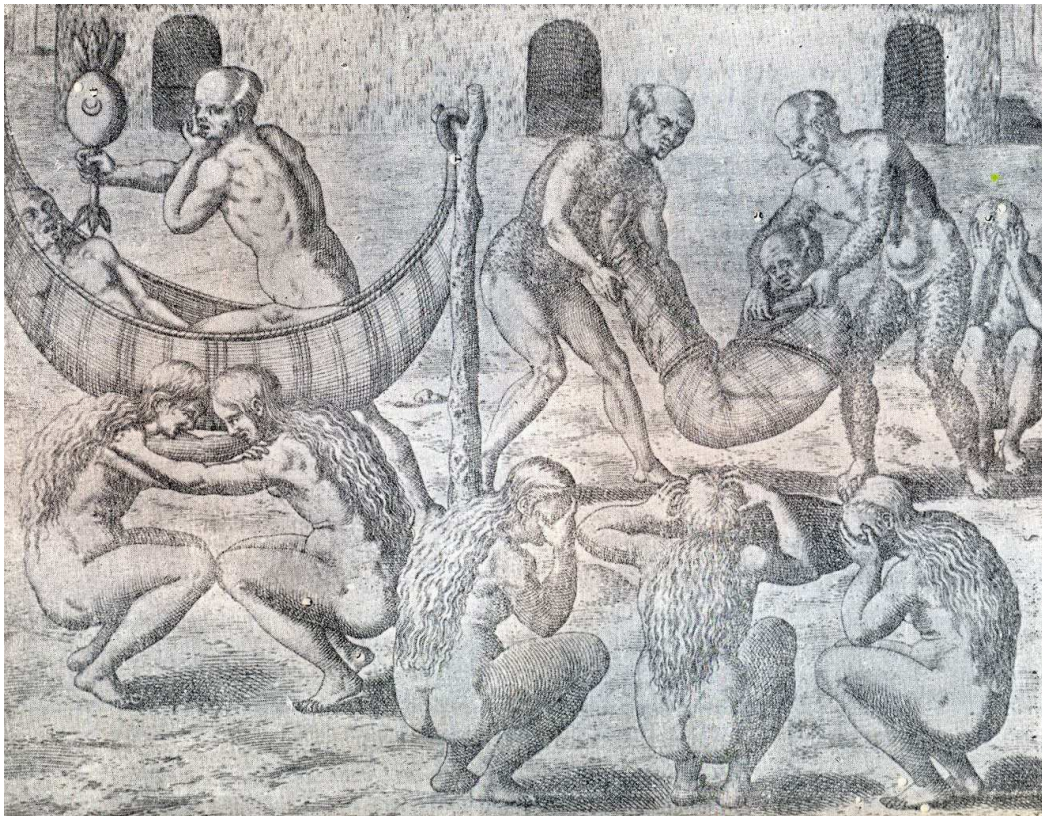
cronista, as covas, depois de fechadas, recebiam uma cobertura, possibilitando que fossem localizadas com facilidade:

Já mostramos no capítulo precedente como os selvagens renovam e transferem suas aldeias de uns para outros lugares. Quanto às sepulturas costumam colocar pequenas coberturas de fôlhas de *pindóba* de modo a que os viandantes reconheçam a localização dos cemitérios e a que as mulheres lenhadoras, ao se lembrar de seus maridos, desatem a chorar com gritos de se ouvirem à distância de meia légua. (LÉRY, 1961, p. 224).

Também o choro das mulheres pelos maridos falecidos há mais tempo, acima citado, parece compor os ritos mortuários destinados aos mortos.

De modo geral, são esses os dados apresentados no capítulo. Faz-se necessário, porém, também abordar a ilustração contida na obra, a qual é atribuída ao próprio Léry, embora provavelmente tenha sido elaborada por artista especializado (não identificado). Ao que podemos perceber, ela não apresenta contradições com o texto, nem elementos a mais que extrapolem a narrativa, como na ilustração do Thevet e na ilustração da obra de Staden. Nesse sentido, parece ser uma imagem que confirma os dados desenvolvidos na narrativa.

Figura 27 – Tratamento dado ao doente e ao morto.



Fonte: Léry (1961, p. 208).

Legenda: Consta na fonte a seguinte descrição “A enfermidade e o sepultamento tupinambá”.

É importante notar que a imagem não parece ter respeitado as características físicas dos índios, uma vez que todos os indivíduos possuem o tipo anatômico demasiadamente utilizado no Renascimento, tal como a imagem elencada na obra de Thevet. São, nesse sentido, pessoas altas e com músculos aparentes. A forma de representação escolhida indica que ela passou por concepções ocidentais reinantes no século XVI.

A ilustração é composta por duas cenas. A da esquerda contém um enfermo na rede, acompanhado por um indivíduo que segura um maracá. Esse objeto sugere que se trate de uma liderança espiritual, empenhado em curar o indivíduo. Na frente do enfermo, há duas mulheres agachadas, concentradas uma na outra e não no cenário ao redor. Já na parte da direita, há dois indivíduos sepultando um terceiro, enquanto quatro mulheres choram diante da cova. Também é possível que as cenas sejam, na verdade, a representação do tratamento dado ao indivíduo durante a sua doença e, posteriormente, ao seu corpo falecido.

A primeira cena confirma os elementos do texto por apresentar um “amigo” ou “pajé” com poder de cura, conforme mencionado no início do capítulo. A presença das mulheres agachadas em frente ao enfermo, sem voltar-se para ele, parece confirmar a “naturalidade” com que a doença é tratada. A segunda cena, da direita, confirma os elementos apresentados no texto escrito por apresentar a cova, a rede em volta do corpo do indivíduo - forma comum de tratamento das lideranças - e as mulheres que lamentam a morte de forma ritualística. Porém, é interessante observar que no texto o cronista menciona o sepultamento dentro da casa, enquanto que a imagem demonstra um sepultamento no pátio. Esse elemento pode indicar que por “casa” o autor pudesse querer abranger a aldeia como um todo, incluindo o pátio, do mesmo modo como Thevet.

Com base nos elementos indicados, podemos perceber que, em geral, texto e imagem constituem-se numa única narrativa, a partir da qual é possível deduzir que os Tupinambá históricos possuíam modos de tratar os doentes e os mortos, além de meios específicos para elaborar a sepultura. A menção aos ritos fúnebres complementa a ideia de práticas ordenadas, algumas delas contempladas na obra de Thevet.

É importante ressaltar, porém, que os dados observados e narrados por Léry não devem ser tomados como verdades absolutas, uma vez que esse autor deve ter se esforçado para transmitir uma imagem específica do índio, do Brasil e dos conflitos encontrados no território, a julgar pelo objetivo central da sua obra, que é desmentir Thevet. É possível, também, que ele tenha selecionado apenas fragmentos das práticas observadas que, quando reunidas, transmitem a falsa impressão de totalidade.

O fato de a retórica da alteridade ter sido escrita tardiamente, após vários anos da vinda do cronista ao Brasil, também deve ser considerado no momento da leitura, pois é indício de que a narrativa foi pensada e repensada durante os anos que se seguiram, passando diversas vezes pelos “juízos de valor” do narrador, os quais provavelmente modificaram-se com o passar dos anos. O cronista parece ter tido tempo para corrigir as possíveis passagens que não apresentam uma explicação lógica, além de tempo para “resolver” as observações contraditórias.

4.4 Diferenças no Tratamento Funerário de Homens, Mulheres, Lideranças e Filhos de Lideranças entre os Tupinambá na Observação do Governador Gabriel Soares de Souza

As informações disponíveis apontam que Gabriel Soares de Souza foi um navegador português, nascido em Ribatejo. Veio para o Brasil pela primeira vez de forma acidental, durante expedição naval com destino para a África. Em 1569, estabeleceu-se no território brasileiro, mais especificamente na Bahia, onde abriu o engenho Jaguaripe. Em 1584, retornou à Portugal com a intenção de adquirir autorização para explorar os minerais e pedras preciosas encontradas ao longo do rio São Francisco.

Enquanto aguardava a permissão régia, escreveu o “Tratado descritivo do Brasil (1587)” que reúne dados botânicos, geográficos, etnográficos e, também, linguísticos da América portuguesa. Retornou à Bahia com o título de governador e capitão-mor da conquista das Minas, trazendo consigo centenas de colonos e algumas freiras carmelitas, além da companhia do governador-geral. Veio a óbito durante expedição no rio São Francisco, quando alcançou as nascentes do Paraguaçu.

O seu tratado foi publicado postumamente, em 1879, em Lisboa, por Varnhagen. Dessa obra, nos interessaremos especialmente pelas passagens sobre as práticas funerárias Tupinambá, as quais apresentam elementos similares às relatadas por outros cronistas quinhentistas e elementos novos, até então não observados.

O primeiro aspecto do universo mortuário mencionado por Soares de Souza é o sepultamento dos membros comuns da aldeia, incluindo o das mulheres:

É costume entre os Tupinambá que, quando morre qualquer d’elles, o leva a enterrar embrulhado na sua rede em que dormia, e o parente mais chegado lhe ha de fazer a cova; e quando o levam a enterrar vão-no acompanhando mulher, filhas e parentes, se as tem, as quaes vão pranteando até a cova, com os cabellos soltos sobre o rosto, estão-no pranteando até que fica bem coberto de terra; donde se tornam para sua casa, onde a viúva chora o marido por muitos dias; e se morrem as mulheres d’estes Tupinambás, é costume que os maridos lhe façam a cova, e ajudem a levar às costas

a defunta, e se não tem já marido o irmão ou parente mais chegado lhe faz a cova. (SOARES DE SOUZA, 1938, p. 402).

Das informações transcritas acima, chamamos a atenção para a rede que envolve o indivíduo e o ritual de chorar por muitos dias, indicando um período de luto. Essas informações aparecem nas obras dos demais cronistas, seja através das imagens elencadas ou através do texto. Também é interessante observar a sugestão de que os sepultamentos para homens e mulheres são semelhantes, ambos dentro de covas abertas na terra. Esse último aspecto é um dado singular da narrativa, não aparecendo nas demais retóricas analisadas.

Em seguida, são descritas práticas mais complexas para os membros da aldeia com funções de destaque:

E quando morre algum principal da aldêa em que vive, e depois de morto alguns dias, antes de o enterrarem fazem as cerimônias seguintes. Primeiramente o untam com mel todo, e por cima do mel o empennam com penas na cabeça, e todos os mais enfeites que elles costumam trazer nas suas festas; e tem-lhe feito na mesma casa e lanço onde elle vivia, uma cova muito funda e grande com sua estacada por de redor, para que tenha a terra que não caia sobre o defunto, e armam-lhe sua rede em baixo de maneira que não toque o morto do chão; em a qual rede o mettem assim enfeitado, e põem-lhe junto da rede seu arco e flexas, e a sua espada, e o maracá com que costumava tanger, e fazem-lhe fogo ao longo da rede para se aquecer, põem-lhe de comer em um alguidar, e agua em cabaço, como galinha; e como esta matalotagem está feita, e lhe põem tambem sua cangoeira de fumo na mão, lançam-lhe muita somma de madeira igual no andar da rede de maneira que não toque no corpo, e sobre esta madeira muita somma de terra, com rama debaixo primeiro, para que não caia terra sobre o defunto; sobre a qual sepultura vive a mulher, como d'antes. (SOARES DE SOUZA, 1938, p. 402).

A liderança é ornamentada com penas e o corpo é acompanhado de pertences pessoais. O morto fica suspenso através da rede, de forma que não toque no solo. Ele recebe, ainda, fogo e alimentos. A cova parece ser localizada dentro da casa do indivíduo. A quantidade de dados com que o sepultamento é descrito distancia, mais uma vez, a observação desse cronista das observações realizadas pelos demais.

O cronista faz menção, ainda, a outra forma de sepultamento, a qual era destinada aos jovens filhos das lideranças:

E quando morre algum moço, filho de algum principal, que não tem muita idade, mettem-no em cócoras, atados os joelhos com a barriga, em um pote em que elle caiba, e enterram o pote na mesma casa debaixo do chão, onde o filho e o pai, se é morto, são chorados muitos dias. (SOARES DE SOUZA, 1938, p. 402).

O trecho acima se refere a um sepultamento em urna funerária, onde o indivíduo é colocado “dobrado” dentro de um recipiente. É interessante notar que sepultamentos dos principais e dos filhos de principais são diferentes entre si, mas apresentam a “coincidência”

de isolarem o corpo: o primeiro através da suspensão do morto pela rede e o segundo através da proteção oferecida pelo recipiente.

Nem só pela prática do enterramento o cronista se interessa, observando outros rituais do universo mortuário. Abaixo, transcrevemos um trecho sobre o luto das mulheres para os seus maridos:

É costume entre as mulheres dos principais Tupinambás, ou de outro qualquer índio, a mulher cortar os cabellos por dó, e tingir-se toda de genipapo. As quaes choram seus maridos muitos dias, e são visitados de suas parentas e amigas; e todas as vezes que o fazem, tornam com a viuva a prantear de novo o defunto, as quaes deixam crescer o cabelo, até que lhe dá pelos olhos, e se não casa com outro, logo faz sua festa com vinhos, e torna-se a tosquiar para tirar o dó, tinge-se de novo do genipapo. (SOARES DE SOUZA, 1938, p. 403).

O autor também relata ritual semelhante, mas praticado pelos homens:

Costumam os índios, quando lhe morrem as mulheres, deixarem crescer o cabelo, no que não tem tempo certo, e tingem-se do genipapo por dó; e quando se querem tosquiar, se tornam a tingir de preto à véspera da festa dos vinhos, que fazem a seu modo, cantando toda a noite, para a qual se ajunta muita gente para estes cantares, e o viuvo tosquia-se à vespera a tarde, e ao outro dia ha grandes revoltas de cantar e bailar, e beber muito; e o que n'este dia mais bebeu fez mór valentia, ainda que vomite e perca o juízo. N'estas festas se cantam as proezas do defunto ou defunta, e do que tira o dó, e o mesmo dó tomam os irmãos, filhos, pai e mãe do defunto, e cada um por si faz a sua festa, quando tira o dó apartado, ainda que o tragam por uma mesma pessoa: mas este sentimento houveram de ter os vivos dos mortos, quando estavam doentes. (SOARES DE SOUZA, 1938, p. 403).

Da citação acima, chamamos a atenção para a prática de festividades em honra ao morto, onde os vivos lembram os feitos do falecido. Um último aspecto do universo mortuário é observado, o qual diz respeito ao modo de tratamento do doente:

(...) mas são tão desamoráveis os Tupinambás, que quando algum está doente, e a doença é comprida, logo aborrece a todos os seus, e curam d'elle muito pouco; e como o doente chega a estar mal, é logo julgado por morto; e não trabalham os seus mais chegados por lhe dar a vida, antes o desampararam, dizendo que pois há de morrer, e não tem remedio, que para que é dar-lhe de comer, nem curar d'elle; e tanto é isto assim que morrem muitos ao desamparo, e levam a enterrar outros ainda vivos, porque como chega a perder a falla dão-no logo por morto; e entre os Portuguezes aconteceu muitas vezes fazerem trazer de junto da cova escravos seus para casa, por as mulheres o julgarem por mortos, muitos dos quaes tiveram saude e viveram depois muitos anos. (SOARES DE SOUZA, 1938, p. 404).

Conforme a narrativa, o doente é dado como morto precocemente, o que faz Gabriel Soares de Souza considerar os Tupinambá seres “desamoráveis”. Das passagens sobre práticas mortuárias, esta é a única que deixa transparecer certo julgamento perante costumes observados.

O texto se interessa pelas distintas formas de sepultamento, que evidenciam rituais fúnebres de acordo com uma hierarquia interna do grupo. Ele também contém informações sobre luto e festividades. É interessante observar a distinção que o autor faz entre o que é praticado pelos homens e o que é praticado pelas mulheres, ainda que os hábitos pertencentes às duas esferas (feminino e masculino) sejam semelhantes. Esse aspecto é inovador, uma vez que os demais cronistas não especificam o tratamento dado às mulheres mortas, nem mesmo indicam se elas recebiam uma sepultura ou ritos em sua homenagem. Gabriel Soares de Souza, nesse sentido, indica o quanto os demais cronistas devem ter limitado suas observações, especificando apenas o que era considerado pertinente, conforme as noções de mundo do período.

No que diz respeito ao universo das práticas funerárias, não encontramos o uso da comparação entre costumes indígenas e costumes de sociedades conhecidas pelos europeus. Também constatamos que o autor não coteja os hábitos observados e narrados com as manifestações da Fé cristã. Com exceção da última passagem transcrita, não há indícios de que o outro foi julgado a partir de filtros ocidentais. Dessa forma, podemos concluir que os indígenas não parecem ter sido pensados propositalmente dentro de uma lógica ocidental. Todos os aspectos observados e aqui transcritos parecem constituir-se em importantes “piscadelas” para compreender as práticas ameríndias. Cabe destacar que a obra se constitui apenas de texto escrito, não apresentando imagens.

4.5 A Comparação entre as Retóricas da Alteridade

A intenção de abordar a obra de cada um dos autores separadamente teve como intuito facilitar a compreensão das práticas narradas e de proporcionar as bases para uma comparação entre as retóricas da alteridade, que será realizada nesse espaço. Dessa comparação, procuraremos pensar sobre quais seriam os dados de maior valor etnográfico para o nosso estudo. Trata-se das conclusões acerca da reflexão realizada até aqui.

Em termos de narrativa, destacamos que todos os cronistas empregaram filtros ocidentais para pensar o índio e construir o seu texto. Em Hans Staden, essa noção pode ser notada na forma como ele se coloca em posição de superioridade em relação aos indígenas, buscando apoio no Deus cristão. Em Thevet, os filtros ocidentais são perceptíveis nas passagens em que ele compara as práticas ameríndias com práticas de outras sociedades, de forma a classificar o lugar do índio ou de traduzi-lo. Também são percebidos nas passagens em que interpreta as crenças ameríndias a partir da Fé cristã, realizando aproximações entre

práticas indígenas e crenças religiosas ocidentais. No texto de Léry, aparentemente produzido de forma imparcial, há indícios de que o índio foi pensado e até mesmo julgado a partir de concepções ocidentais tanto no emprego da comparação, quanto no uso da palavra “diabólico”. Tal termo indica que o julgamento foi norteado pela Fé cristã. A narrativa de Gabriel Soares de Souza é mais branda que as demais, não apresentando comparações ou tradução do outro. Porém, o cronista julgou os ameríndios, definindo-os como seres “desamoráveis”.

As narrativas, conforme apontado acima, com exceção daquela produzida por Gabriel Soares de Souza, apresentam o filtro religioso cristão. É importante destacar, contudo, que tal filtro foi empregado de diferentes maneiras pelos cronistas, conforme procuramos evidenciar na análise individual das narrativas. As imagens elencadas pelos autores também possuem indícios de filtros ocidentais. A composição das cenas apresenta características renascentistas. Duas delas - atribuída a André Thevet e a Jean de Léry-, inclusive, expõem o índio a partir do tipo físico ideal privilegiado no Renascimento. O filtro religioso, contudo, parece constar apenas na imagem atribuída a Thevet.

Em termos de conteúdo, constatamos que os autores não relatam as práticas mortuárias sempre da mesma maneira, o que dá a impressão de que os elementos observados não combinam perfeitamente entre si:

- a) Hans Staden demonstra o hábito de envolver o morto em rede e de abrir a cova no pátio da aldeia. Não há sinais de acompanhamento funerário ou ornamentação e de ritos para além do choro. Não é especificado o modo de tratar o corpo das mulheres falecidas e as lideranças. O tratamento dado aos doentes também não é mencionado.
- b) André Thevet, por sua vez, demonstra um sepultamento direto no solo, sem rede, onde o morto é posicionado na cova de forma específica e acompanhado de seus pertences. O sepultamento é acompanhado de ritual praticado por pajé (conforme o maracá da ilustração sugere), além de objeto que cobre a região da cabeça. Também não constam informações sobre sepultamentos das mulheres e o tratamento dado aos doentes.
- c) Quanto ao texto de Jean de Léry, este faz menção à prática de envolver as lideranças em rede e de sepultá-las em cova aberta na terra. O indivíduo recebe ornamentação e acompanhamento funerário. Não consta na narrativa informação sobre sepultamentos de membros comuns e de mulheres. O doente recebe os cuidados do pajé, enquanto que o restante da aldeia segue com suas rotinas diárias.
- d) Por fim, Gabriel Soares de Souza, destoando dos demais cronistas, observou que os membros comuns da aldeia são envoltos em redes e depositados dentro de covas. Os

sepultamentos de mulheres, aparentemente, são feitos de forma semelhante, em cova aberta pelo marido ou algum parente. Os líderes recebem tratamento complexo, de forma que fique isolado do contato com a terra. A sua estrutura funerária fica alojada no interior da casa onde morava. Fogo e comida o acompanham e o líder também recebe ornamentação. O cronista observou, além disso, sepultamento diferenciado para filhos de lideranças, o qual é feito dentro de uma cerâmica. O pote que serve como urna funerária é enterrado no espaço interno da casa, no mesmo local destinado ao seu pai. Os doentes, por sua vez, recebem poucos cuidados e são precocemente dados como mortos.

A análise individual nos mostrou que o objetivo dos cronistas ao escrever sobre os índios, bem como seus filtros ocidentais, são aspectos importantes e norteadores das suas narrativas, os quais condicionaram e até mesmo limitaram as observações do indígena. Nesse sentido, as variações das observações, elencadas acima, devem tanto ter relação com esses objetivos particulares, quanto com os filtros, acionados de diferentes maneiras. Outros fatores, que fogem da nossa percepção, também podem estar associados às tais variações. É possível, por exemplo, que nem todos tenham tido tempo suficiente junto aos Tupinambá para identificar e interpretar coerentemente os aspectos observados. A tradução das obras para o português também pode ter contribuído para as diferentes nuances dos conteúdos.

No entanto, as retóricas da alteridade apresentam algumas características em comum: todos os autores observaram e descreveram a prática do sepultamento em cova feita no solo, e o ritual de “chorar o morto”, praticado pelas mulheres. Em Hans Staden, essas informações constam na ilustração elencada junto ao texto; em André Thevet, elas aparecem na descrição e, mais detalhadamente, na ilustração; em Jean de Léry, aparecem na descrição e na ilustração e em Gabriel Soares de Souza, constam na descrição. Por “coincidirem” nas narrativas, pensamos que o sepultamento acompanhado de ritual praticado pelas mulheres possui valor enquanto dado etnográfico. Além disso, em três das quatro narrativas foi especificado, através de texto e imagem, que a cova é circular.

É interessante observar, ainda, que três autores (Hans Staden, Léry e Soares de Souza) indicam a prática de envolver a rede em torno do indivíduo a ser sepultado. Da mesma forma, a ornamentação do morto é mencionada por mais de um cronista (Léry e por Soares de Souza), enquanto que acompanhamentos funerários constam na obra de Thevet (ilustração), Léry e Soares de Souza. A ideia de que existem formas de sepultamento diferenciadas para líderes e pessoas comuns aparece na obra de Léry e de Soares de Souza. Festividades em

honra dos mortos também constam em mais de uma narrativa (Thevet, Léry e Soares de Souza). O sepultamento fora de casa, mas aparentemente no mesmo terreno, é percebido na ilustração de Staden, Thevet e Léry. Todas essas observações, por se repetirem, indicam certo valor enquanto dados etnográficos, indicando que as práticas elencadas não são invenções dos viajantes, ainda que tenham sido elaboradas a partir de diferentes intenções e interpretações.

Dois autores apresentam em suas narrativas elementos que não se repetem, mas que também não contradizem as demais observações, devendo ser considerados:

- a) André Thevet observou a prática de proteger o crânio do indivíduo sepultado, conforme consta na ilustração elencada junto ao texto. Como vários elementos da imagem combinam com as práticas narradas por outros cronistas, poderíamos considerar esse elemento como uma “piscadela”, que complementa a visão dos ritos e práticas fúnebres. Não acreditamos que a ilustração, por fugir da visão apresentada pelo autor no texto, possa ser considerada uma simples invenção de desenhista especializado³, justamente por alguns aspectos “coincidirem” com elementos observados por outros cronistas.
- b) Gabriel Soares de Souza, por sua vez, observou a prática de isolar a liderança do contato com a terra, através da suspensão da rede do indivíduo, além de sepultamento em “pote” para os filhos das lideranças, garantindo o mesmo isolamento do corpo. O cronista português evidencia, do mesmo modo, que as mulheres também recebiam sepultamentos e ritos, os quais não divergem substancialmente do tratamento dados aos homens comuns. Essas observações também podem ser consideradas como “piscadelas” pertinentes, uma vez que se distanciam da intenção de traduzir ou julgar e, nesse sentido, funcionam como aberturas para enxergar o outro.

Os dados elencados, de ambos os viajantes, deverão ser cruzados com as fontes arqueológicas, já que eles parecem ser pistas importantes para enxergar a prática ritual dos Tupinambá.

A partir da análise que procuramos desenvolver, constatamos que as narrativas apresentam dados pertinentes e próximos das reais práticas ameríndias do século XVI – apesar de muitos desses dados não poderem ser tomados como verdades absolutas, devendo ser lidos e entendidos em conjunto e sempre considerando o objetivo do autor e suas

³ Se feita por desenhista especializado, este deve ter se inspirado no desenho de outros ilustradores da época e nos textos de cronistas em contato com o Novo Mundo (conforme exemplo de De Bry, que copiou cenas contidas na obra de Hans Staden (ALMEIDA, 2002, p. 145)). Para mais informações sobre as imagens, ver tese de Flavia Tatsch (2011), referente a construção das figuras dos séculos XV e XVI.

ferramentas para observar e construir uma imagem do outro. Contudo, cabe nos perguntarmos se os dados de valor etnográfico, posteriores à chegada dos europeus, servem para iluminar os achados arqueológicos associados aos Tupi de tempo anterior à Conquista. O próximo capítulo, partindo das evidências dessa análise, procurará dar conta desse questionamento.

5 O UNIVERSO MORTUÁRIO TUPI

Com a finalidade de dar continuidade à pesquisa, o presente capítulo realizará o cruzamento entre as categorias de fontes analisadas até o momento, procurando evidenciar os resultados. A intenção é que o exercício contribua para iluminar as práticas mortuárias Tupi.

Além da projeção etnográfica, o capítulo se preocupará com o estudo de aspectos ainda não abordados, mas que são indispensáveis para a problematização do universo mortuário. Entre eles, destacamos a discussão acerca da validade de os arqueólogos se valerem, ainda, de uma terceira categoria de fonte, produzida pela Antropologia, interessada nas populações Tupi recentes, e a reflexão acerca do tratamento destinado aos mortos pertencentes à aldeia em contraposição aos mortos depositados nas lixeiras dos sítios arqueológicos.

Cada capítulo dessa Dissertação de Mestrado foi desenvolvido para atingir um objetivo em específico, os quais, reunidos, fornecem as bases para a discussão final. Após essa última parte, esperamos que seja possível perceber como o trabalho, de modo geral, tenta contribuir na tarefa de rever interpretações equivocadas ou demasiadamente restritas, as quais foram construídas pela Arqueologia a partir de um único sítio-cemitério ou a partir de achados fortuitos, raramente comparados com outros dados mortuários. Também esperamos que o diálogo entre a Arqueologia e a História seja notado, o qual foi estabelecido na medida em que colocamos em interação os dados arqueológicos, os dados etno-históricos e, em menor medida, os dados etnográficos de grupos Guarani recentes.

5.1 Projeção Etnográfica: Cruzamento entre Dados Etno-Históricos e Arqueológicos

Os pesquisadores interessados nos sepultamentos Tupi comumente se apropriam dos dados contidos nas fontes etno-históricas. Contudo, conforme foi apontado no primeiro capítulo, a utilização dessas fontes é feita sem prévia análise da categoria documental. Com a intenção de testar os conteúdos que de fato teriam valor etnográfico e, assim, potencial para iluminar os achados arqueológicos, foi realizado o terceiro capítulo, o qual forneceu subsídios para uma projeção etnográfica, que tentaremos realizar nesse espaço.

A projeção etnográfica consiste no exercício de cruzar os dados de valor etnográfico, presentes nas fontes quinhentistas, com os dados arqueológicos, referentes a populações do mesmo tronco que as observadas pelos cronistas, mas de período anterior. É importante ressaltar que não se trata de sugerir que as culturas ameríndias eram estáticas, mantendo suas

práticas e estratégias sem nenhuma alteração ao longo do tempo, conforme nos chama a atenção Boccara (2001, p. 24), ao escrever sobre as mudanças entre os contextos.

Trata-se, em nosso entendimento, de buscar a compreensão das práticas mortuárias sob uma nova perspectiva e dimensão, matizando a visão oferecida pela análise dos dados arqueológicos, feita no segundo capítulo. Na medida do possível, estabeleceremos interpretações ou novas hipóteses (e não verdades absolutas) para as evidências mortuárias remotas, utilizando como base os dados etnográficos de populações históricas.

Antes de realizarmos projeções etnográficas, convém retomar alguns elementos anteriormente abordados. Entre os principais aspectos dos sepultamentos Tupi, evidenciados pelo primeiro e, especialmente, pelo segundo capítulo, está a ocorrência do sepultamento do corpo inteiro do morto, a partir do vasilhame cerâmico que serve de urna funerária. Esse isolamento pode ser reforçado (mas não sempre), pela presença de uma ou mais tampas ou por vasilha sobre o crânio. Com menor frequência, também foi verificado o sepultamento do corpo diretamente no solo, mas com o crânio isolado da terra por vasilhame e, ainda, o sepultamento apenas do crânio (desassociado do corpo), feito no interior de vasilha. Nenhum sepultamento sem a presença da cerâmica Tupiguarani foi verificado, o que sugere certa importância desse objeto entre as práticas mortuárias Tupi.

Em relação às fontes quinhentistas, os dados mortuários que teriam valor etnográfico consistem naqueles evidenciados pelo terceiro capítulo, abaixo resumidos:

- a) Conteúdos repetidos: descrições ou imagens que evidenciam a prática de sepultar os mortos (presente em todas as obras); sepultamento acompanhado do ritual de chorar o morto (presente em todas as obras); cova circular (presente em Staden, Thevet e Léry).
- b) Conteúdos repetidos com menor frequência ou com variações: morto envolto em rede antes de ser enterrado (Staden, Léry, Soares de Souza); morto ornamentado e/ou acompanhado por objetos (Thevet, Léry, Soares de Souza); lideranças tratadas diferentemente dos demais e festividades em honra ao falecido (Thevet, Soares de Souza).
- c) “Piscadelas”: André Thevet elencou imagem que demonstra um índio sendo sepultado em cova circular, diretamente no solo, mas com a cabeça coberta por um objeto; Gabriel Soares de Souza observou o costume de isolar a liderança do contato com a terra, suspendendo a rede em que o corpo foi envolto. Também observou a prática de salvar o corpo do filho da liderança em um “pote”, a ser depositado no mesmo local em que o seu pai, se já morto, foi enterrado. Por fim, o cronista observou que as

mulheres recebiam sepultamentos e ritos funerários semelhantes aos dos homens comuns.

Entre as observações destacadas, são mais pertinentes para o nosso exercício de cruzamento de dados, as “piscadelas”, as quais estão relacionadas, de alguma maneira, com o objeto sobre o crânio e com a cerâmica que serve de urna funerária, aproximando-se da lógica encontrada nos sepultamentos localizados nos sítios arqueológicos.

Dessa forma, o primeiro aspecto que convém abordar é o fato de a ilustração elencada por Thevet apresentar semelhanças com uma das formas verificadas entre as áreas escavadas com deposições intencionais. A posição do morto, como se este estivesse em urna funerária, além do objeto sobre o crânio, é equivalente às descrições feitas por Chmyz (Caso 3), e próxima dos sepultamentos diretamente no solo, mas com o corpo estendido (Casos 7A e 10A). Em razão de tal semelhança, podemos supor que a ilustração quinhentista de fato possibilita enxergar o sepultamento ameríndio.

É importante lembrar, contudo, que a imagem está carregada de filtros ocidentais, os quais dificultam o entendimento da cena (Qual o status do indivíduo dentro da aldeia? E quais as intenções dos vivos?). Por esse motivo, por si só, a ilustração não permite a compreensão das práticas empregadas no enterramento, inviabilizando a projeção etnográfica. O ideal é que localizássemos a obra do cronista que teria inspirado a sua elaboração.

Quanto à retórica de Gabriel Soares de Souza, esta não está acompanhada por ilustrações e, em termos de conteúdo, diverge da narrativa feita pelos demais cronistas analisados. Porém, também apresenta “piscadelas” pertinentes e que se aproximam das práticas de sepultamento localizadas nos sítios arqueológicos Tupi. A mais evidente dessas práticas é o isolamento do corpo através de vasilha que serve de urna funerária ou de “pote”, conforme termo empregado pelo cronista. Mais interessante, contudo, é a observação de que as lideranças eram sepultadas no mesmo local que o filho, depositados nas urnas funerárias, mas desassociados da cerâmica. O cronista descreve que elas tinham o corpo envolto em uma rede, a qual ficava suspensa por jirau para não encostar na terra. A liderança também recebia uma fogueira para se aquecer, além de outros elementos que abordaremos adiante.

Tais conteúdos citados por Soares de Souza combinam com os vestígios de uma vasilha que serviu de urna funerária, fogueiras e buracos de estacas, localizados por Buarque em sítio do Rio de Janeiro (Caso 6A). A autora, valendo-se de um fragmento da descrição do cronista, interpretou os buracos de estaca como evidências de uma suspensão para a estrutura funerária em urna:

Nas suas proximidades foram observados uma fogueira e três buracos de estacas, com diâmetro de 0,10m, que podem ter servido à sustentação de jiraus relacionados à urna funerária, com objetivo de evitar o contato do morto com a terra. A presença desses buracos pode corroborar a citação de Soares de Souza (1987, p. 329): “... e têm-lhe feito na mesma casa e lanço onde ele vivia, uma cova muito funda e grande, com sua estacada por derredor, para que tenha a terra que não caia sobre o defunto, e armam-lhe sua rêde em baixo, de maneira que não toque o morto no chão” (Gaspar et al. apud BUARQUE, 2010, p. 162).

As observações do cronista, as quais serão retomadas logo abaixo, que sugerem a presença de dois sepultamentos (do pai e do filho) em um mesmo local, foram desconsideradas por Buarque:

E quando morre algum principal da aldêa em que vive, e depois de morto alguns dias, antes de o enterrarem fazem as cerimonias seguintes (...); e tem-lhe feito na mesma casa lanço onde elle vivia, uma cova muito funda e grande com sua estacada por de redor, para que tenha a terra que não caia sobre o defunto, e armam-lhe sua rede em baixo de maneira que não toque o morto do chão (...).

E quando morre algum moço, filho de algum principal, que não tem muita idade, mettem-no em cócoras, atados os joelhos com a barriga, em um pote em que elle caiba, e enterram o pote na mesma casa debaixo do chão, onde o filho e o pai, se é morto, são chorados muitos dias. (SOARES DE SOUZA, 1938, p. 402).

É interessante destacar, nesse sentido, que o relato do cronista permite realizar a projeção etnográfica. Através dele, é possível supor que a urna funerária, encontrada por Buarque, próxima de vestígios de fogueira e de buracos de estacas, é referente a um sepultamento de filho de liderança. Além disso, é possível supor que esta urna foi depositada no interior da casa onde vivia o pai, enterrado antes do filho.

Embora o corpo da liderança não tenha sido identificado no sítio – provavelmente em função da acidez do solo, que facilmente destrói os materiais perecíveis da região, e da falta de elementos cerâmicos em associação - a sua presença parece estar indicada pelos vestígios da fogueira e pelos buracos do jirau que teriam sustentado a rede com o corpo. Também está indicada pela própria presença da urna que deve ter abrigado o filho, localizada na mesma área que os demais vestígios.

Se Gabriel Soares de Souza observou e descreveu práticas próximas das encontradas no sítio arqueológico estudado por Buarque, é possível estender as observações a toda região associada à ocupação Tupinambá (sítios escavados por Buarque e por Dias). Nesse sentido, supomos que os sepultamentos no interior de vasilhas eram minoritários, destinados apenas aos filhos(as) das lideranças. Os jovens eram depositados inteiros nessas vasilhas (configurando sepultamentos do tipo primário), de cócoras, com o rosto próximo aos joelhos. As lideranças, por sua vez, recebiam o sepultamento primário desassociado dos vasilhames (em redes suspensas), embora não sejam notados nos sítios arqueológicos. É possível supor,

ainda a partir de Soares de Souza, que tais lideranças eram enterradas em associação com ornamentos, cocares e vestimentas especiais (as mesmas que eram utilizadas nos dias festivos); e que os seus sepultamentos se diferenciavam dos outros por apresentarem uma estrutura que sustenta a rede com o seu corpo, uma fogueira e por estarem acompanhados por objetos pessoais do indivíduo (arco e flechas), comida, bebida e fumo (elementos que também não se preservam nos sítios arqueológicos). O sepultamento de pai e filho é feito no interior da casa, acompanhado por ritual de chorar por muitos dias.

A observação de que as mulheres recebiam deposição intencional semelhante à dos homens comuns também é uma “piscadela” importante em Soares de Souza. Embora o cronista não tenha observado o sepultamento de mulheres em vasilhas que serviram de urna, a prática de realizar um sepultamento para as pessoas do sexo feminino condiz com o que se encontra nos sítios arqueológicos Tupinambá. Desse modo, poderíamos supor, com base em Soares de Souza, que as mulheres Tupi seriam sepultadas como os homens comuns, em redes, e que os sepultamentos das mulheres em urnas (Caso 6C) ou é indicação de que seriam referentes às filhas de lideranças, conforme o caso dos homens, ou seria evidência de variações entre os sepultamentos, as quais não foram observadas pelo cronista.

Quanto aos demais conteúdos, descritos ou ilustrados pela maioria, ou por mais de um cronista quinhentista, julgamos pertinentes aqueles que também constam na narrativa de Gabriel Soares de Souza, único entre os viajantes quinhentistas a se afastar dos filtros cristãos. Alguns deles já foram contemplados nas projeções etnográficas (sepultamento diferenciado para lideranças, ornamentação do morto, ritual de chorar). Nesse segundo momento, destacamos o hábito de envolver os indivíduos comuns em redes, bem como o costume de realizar ritual de chorar por estes indivíduos, e de realizar festividades.

Tais aspectos não se preservam nos sítios arqueológicos. No entanto, como a observação da deposição do filho da liderança e da liderança combinam com os dados do sepultamento do Caso 6A, pensamos que esses conteúdos que se repetem entre as retóricas também servem para o exercício de projeção etnográfica: É possível supor que os enterramentos dos homens comuns não são encontrados nos sítios arqueológicos em função de estarem desassociados da cerâmica (um dos indicadores de sepultamento); mas são correspondentes a deposições primárias, feitas de modo indireto (corpos envoltos em redes), acompanhadas por rituais (de chorar ou morto, praticado pelas mulheres, e de realizar festividades em honra ao falecido). Essas sepulturas eram feitas, aparentemente, em espaço exterior a casa, diferindo da deposição das lideranças e filhos das lideranças.

Ainda que apresentem diferenças significativas, os sepultamentos de homens e mulheres comuns, lideranças e filhos de lideranças, apresentam aspecto recorrente: o isolamento do corpo inteiro a partir da rede (embora esta seja facilmente deteriorada pelo solo, nunca sendo verificada nas escavações) ou da cerâmica (utilizada com menor frequência).

O exercício de realizar projeções etnográficas, feito nesse espaço, permite dar outra dimensão à importância da cerâmica para as práticas mortuárias verificadas nos sítios associados aos Tupinambá: os dados etno-históricos indicam que as deposições em vasilhas que servem de urnas, maioria entre as áreas com enterramentos, eram exclusivos para alguns poucos indivíduos (filhos de lideranças), enquanto que a maior parte dos membros da aldeia teria recebido o sepultamento em rede, ainda que este tipo de deposição intencional nunca tenha sido encontrado entre os locais arqueológicos com achados humanos.

Quanto aos sepultamentos diretos no solo, mas com crânio protegido, até que encontremos descrição quinhentista que os abarque, continuarão sem suposições que permitam iluminá-los. Até o momento, apenas podemos sugerir, através da imagem de Thevet, que se trata de outra forma de tratamento dos mortos Tupinambá, que por algum motivo nunca foi observada, ou registrada, por Gabriel Soares de Souza. Apesar disso, a coincidência de alguns dos seus aspectos com o que é encontrado em áreas de deposições intencionais (a princípio associada à área de ocupação Guarani) indica que a forma ilustrada corresponde a uma lógica Tupi. A imagem, por apresentar aberturas para enxergar o outro, também permite compreender que as covas eram, de fato, circulares, conforme consta nas obras dos demais cronistas, com exceção da obra de Soares de Souza.

De modo geral, as projeções etnográficas realizadas não nos permitem compreender o significado da morte ou de morrer para as sociedades Tupi. Contudo, cumprem o objetivo de ampliar o entendimento existente acerca das práticas mortuárias, permitindo, inclusive, compreender que as deposições intencionais estão atreladas a certos rituais. Além disso, na medida em que chamam a atenção para possíveis sepultamentos que não são encontrados nos sítios arqueológicos, provocam a busca dos arqueólogos por vestígios humanos desassociados das cerâmicas ou de quaisquer objetos que se preservam ao longo do tempo.

5.2 Fonte Etnográfica: o Trabalho de Egon Schaden (1974)

No primeiro capítulo desse trabalho, foi mencionado que os arqueólogos não só se valem dos cronistas quinhentistas para pensar os achados funerários, como eventualmente

utilizam os dados etnográficos, feitos a partir do contato com populações atuais. Py-Daniel (2015), por exemplo, consultou os dados referentes a tribos Tupi da Amazônia. Após o seu estudo, concluiu ser inviável estabelecer relações diretas entre as práticas desses grupos recentes e os achados de tempo remoto. Ainda assim, interpretou algumas tradições arqueológicas (com sepultamentos e práticas mortuárias distintas da lógica das demais regiões), como possivelmente de origem Tupi.

Por sua vez, Müller e Souza (2011) citaram o trabalho de Schmitz para pensar a recorrente cobertura das vasilhas que servem de urna: “[...] *segundo os Guarani, a alma acompanhava o morto, mas separada, podendo ficar no espaço deixado entre o cadáver e a tampa*”. (Schmitz *apud* MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 210). Ao elencarem tal citação, elas desconsideraram o fato de ser uma hipótese, construída a partir das observações de Egon Schaden (1974), antropólogo que estudou os grupos Guarani do Sudeste do Brasil. Müller e Souza, no mesmo trabalho, também utilizam dados de Schaden para sugerir que os Tupi antigos, da região atribuída à ocupação Guarani, enterravam seus mortos em associação com todo tipo de pertences pessoais deste. A utilização dos dados etnográficos, contudo, foi elencada sem prévia apresentação e entendimento do documento, inviabilizando o exercício de problematizar o uso dessa fonte para pensar os achados arqueológicos.

Com base em tais constatações, consideramos pertinente iniciar uma discussão, apontando aspectos gerais do trabalho de Schaden e os conteúdos por ele observados, especialmente os que dizem respeito às práticas mortuárias Guarani. Assim, de forma breve, tentaremos identificar se os dados etnográficos contribuem para pensar os achados arqueológicos, podendo funcionar como um paralelo aos documentos quinhentistas, inexistentes para a região associada à ocupação Guarani.

Antes disso, convém ressaltar que Egon Schaden, filho de imigrantes alemães, nasceu no estado de Santo Catarina, no ano de 1930. Formou-se em Antropologia em São Paulo, onde se destacou como pesquisador da cultura indígena e como antropólogo da comunicação. Por seu trabalho ser internacionalmente reconhecido, é confundido com europeus que consolidaram o ensino universitário no Brasil, especialmente as graduações em Sociologia e as graduações em outros cursos das humanidades.

A obra “Aspectos fundamentais da cultura Guarani”, referente à sua tese de livre docência, é uma das mais citadas entre as pesquisas publicadas, sendo utilizada pelos pesquisadores interessados nos Tupi das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil. Ela aborda, sob o viés antropológico da década de 1970, aspectos da religiosidade, economia e da cultura indígena em geral, observados pelo pesquisador com a intenção de entender os graus

de “aculturação” – enfoque teórico que correspondia ao paradigma do período, mas que foi substituído, anos mais tarde, por outro (WELTER; MARTINS, 2013, p. 175) - que as sociedades Guarani teriam sofrido após o contato com a cultura ocidental.

Entre os dez capítulos do livro, o mais pertinente para nós é o oitavo, intitulado “Elementos fundamentais da religião e da concepção do mundo”. Ele versa, entre outros temas, sobre a alma, a doença e a morte, bem como sobre o enterramento dos grupos.

Em relação à alma, Schaden destaca a crença na pluralidade dela, apontada pela maioria das lideranças Guarani. (SCHADEN, 1974, p. 111). Para os Nandéva, por exemplo, os indivíduos possuem duas (ou até mais de duas) almas, as quais são enquadradas por eles na esfera espiritual ou na vital, correspondentes, na visão do antropólogo, ao “bem e ao mal” cristão. (SCHADEN, 1944, p. 111). Esse enquadramento, se não é decorrência “*da catequese jesuítica, encontrou apoio na doutrina pregada pelos missionários*”. (SCHADEN, 1974, p. 111).

Os Guarani, qualquer que seja o subgrupo, receiam o encontro com a alma *anguêry*, tida como ruim, pois “*todo anguêry faz mal; traz doença e às vezes (..), a morte*. (SCHADEN, 1974, p. 111). De acordo com o antropólogo, não se trata da crença em uma assombração, mas sim na crença em uma alma infeliz. Quanto à alma *atsýygua* (protetora), aparece em sonhos dos vivos, podendo ensinar rezas e indicar o nascimento de novos indivíduos na família a que pertencia; pode reencarnar e se desenvolver mais ou menos nas pessoas, de acordo com o comportamento delas em vida. (SCHADEN, 1974, p. 115).

Em suma, o indivíduo Guarani pode ter uma ou mais almas “boas” e uma ou mais almas “ruins”, dependendo da sua personalidade. As crianças, por sua vez, apenas possuem a protetora, pois não apresentam “pecados”. (SCHADEN, 1974, p. 113). Entre os Mbüa de Itarati, foi verificada a crença na possibilidade de o indivíduo possuir até quatro: “*uma situada na cabeça, outra no coração e duas que ficam de fora, cuidando do indivíduo*”. (SCHADEN, 1974, p. 117).

A partir do que foi destacado acima, é possível perceber a intenção de Schaden de indicar certa influência cristã na concepção sobre a alma (dualidade: bem e mal; crianças sem pecados), ao mesmo tempo em que parece indicar que a pluralidade dela é uma noção essencialmente guaraníca (uma ou mais almas em um único indivíduo).

Quanto à doença, Schaden destacou ser um dos problemas que mais preocupa as populações Guarani, sendo comum entre elas a crença de que enfermidades são provenientes de “feitiçarias”, normalmente aplicadas por indivíduos de tribos alheias. Nesse sentido, o surgimento das pragas em um mesmo grupo tende a alterar a ordem da sociedade:

O aparecimento duma epidemia ou de apenas uma série de casos de moléstia na mesma aldeia e em curto espaço de tempo pode, por isso, acarretar consideráveis conseqüências sociais, gerar a desconfiança, a desunião ou até inimizades e lutas abertas no seio do grupo local, pondo em ação forças disruptivas da vida social existentes em estado de latência. (SCHADEN, 1974, p. 124).

Os Guarani, em geral, também temem serem enfeitizados pelos próprios membros da tribo, o que comumente motivaria um sentimento de exasperação. O rezador, presente em todas as aldeias, seria o responsável por intensificar esse receio, uma vez que, “*consciente ou inconscientemente*”, provoca preocupações por motivos pouco claros: “*pode sê-lo, por exemplo, para encontrar e apresentar razões satisfatórias que expliquem a falta de êxito de seus métodos de cura*”. (SCHADEN, 1974, p 126).

Entre os Kayová, o domínio da magia negra avança o campo das religiosidades, tendo sido verificados em suas tribos cantos para provocar o mal (“reza ruim”) e cantos para amenizar o mal (“reza boa”). (SCHADEN, 1974, p. 126). Contudo, a reza ruim, para esse grupo, não constitui feitiçaria propriamente dita, uma vez que essa também se vale dos restos de comida. (SCHADEN, 1974, p. 126). Os Kayová conhecem e praticam, igualmente, “contrafeitições”. Tais práticas foram mencionadas ao autor por um único indivíduo Guarani, tendo Schaden sido impossibilitado pelo grupo de observá-las pessoalmente.

Há em uma mesma aldeia Guarani a aceitação de diferentes “receitas” para uma única doença, o que seria, de acordo com o antropólogo, um reflexo da desintegração cultural, resultante do contato interétnico. Os problemas atuais já não são resolvidos pelos métodos antigos, havendo necessidade de se adotar também práticas “estranhas”. (SCHADEN, 1974, p. 128). A partir dessa constatação, é possível inferir que Schaden se deparou com a coexistência de práticas de cura ameríndias e práticas estrangeiras ou inteiramente novas, possivelmente movidas ou provocadas pelas culturas ocidentais. Na visão do pesquisador, as diferentes técnicas aceitas pelas populações “*chocaram-se no espírito dessa pobre gente, produzindo um estado mental de insegurança e às vezes quase de desespero*”. (SCHADEN, 1974, p. 128).

Em relação ao entendimento da morte para os Guarani, Schaden verificou, mais uma vez, indícios de crenças cristãs, as quais teriam sido transmitidas pelos jesuítas do século XVII. Creem, conforme apontado no texto, que os indivíduos morrem porque Deus surgiu com a finalidade de morrer. Porém, a concepção de morte passou por ressignificações, adaptando-se à lógica guaraníca: “*a doutrina da morte de Cristo se tornou pagã; sofreu interpretação, para adaptar-se à concepção-do-mundo guaraníca*”. (SCHADEN, 1974, p. 130).

A constatação de que creem na existência da alma, conforme já mencionado, é indício de que a morte biológica não é considerada o fim da vida. Todavia, os indivíduos também temem uma aniquilação total, que implica na extinção da alma. Tal aniquilação pode ocorrer durante a trajetória para o além, mas também acometerá “*os infelizes que se encontrarem sobre a Terra quando esta for destruída*”. (SCHADEN, 1974, p. 131).

Em geral, a temática da morte e das práticas mortuárias é tabu nas aldeias, fato que Schaden relacionou ao medo extremo da(s) alma(s) dos defuntos. Sobre a morte, procurou ressaltar, ainda, que antigamente era praticado o sepultamento em urnas funerárias, as quais deixaram de existir após o contato com o europeu, embora ainda vivam na memória dos Mbüa. (SCHADEN, 1974, p. 132). Quanto às sepulturas atuais, observadas pelo pesquisador, são feitas no mato, distantes da aldeia e com espaços grandes entre uma e outra, “*havendo sobre elas pequeno monte de terra, uma choça de guaricanga e uma cruz de madeira fincada aos pés do defunto*”. (SCHADEN, 1974, p. 132). O enterro é feito no mesmo dia do falecimento, acompanhado por ritual ao som do maracá, repetido por vários dias; não há distinção entre os sepultamentos de adultos e de crianças. (SCHADEN, 1974, p. 132).

Os Ñandéva do Bananal, grupo mais “aculturado”, sob o ponto de vista do autor, enterra os mortos em cemitérios públicos. Os indivíduos são depositados em caixões feitos de tábuas e, sobre a sepultura, há uma cruz. (SCHADEN, 1974, p. 132). Enterram em associação com adorno religioso, numa distância grande da aldeia, em função do medo da alma *anguêry*. (SCHADEN, 1974, p. 131). Tais aspectos foram interpretados como indício de crenças tradicionalmente guaranícas que ainda perduram no seio do grupo.

Mbüa, Ñandéva e Kayová têm o costume de acender uma fogueira em cima das sepulturas. Para Schaden, se não fosse pela indicação dessa mesma prática em fontes antigas (as quais não foram explicitadas pelo autor), correspondentes a outros Tupi, poderia ser interpretada como de inspiração cristã. (SCHADEN, 1974, p. 133).

Entre alguns dos Guarani, a luz das fogueiras seria para iluminar a alma subindo ao Céu. Porém, esses mesmos indivíduos creem que se o morto teve vida desregrada sua alma não conseguirá entrada no Paraíso e voltará “*para vaguar na terra sem descanso*”, transformando-se “*em anguêry*”. (SCHADEN, 1974, p. 133). Essa crença, para o antropólogo, leva em conta noções “*menos primitivas*”, pois se trata de uma substituição da “*dualidade da alma humana pela noção cristã da recompensa e da condenação*”. (SCHADEN, 1974, p. 134).

No posto indígena Curt Nimuendaju (Araribá), Schaden observou o costume de se enfeitar a sepultura no Dia dos Finados, conforme fazem os cristãos. Ele também observou o

costume de se colocar sobre a sepultura todo tipo de objetos que pertenciam a ele em vida, especialmente quando se trata do sepultamento de criança. (SCHADEN, 1974, p. 134). Tais pertences ficam expostos por tempo ilimitado, até que vão se estragando; também podem ser roubados por pessoas interessadas, especialmente pelos indivíduos mais velhos que não temem a presença da alma *anguêry*. (SCHADEN, 1974, p. 134). Entre os Kayová, apenas observou o costume de depositar sobre a sepultura a vara utilizada para carregar a rede com o corpo até a área de enterramento. Schaden diz desconhecer se os Guarani realmente creem que o *anguêry* se vale dos objetos expostos. (SCHADEN, 1974, p. 134).

Conforme relata Schaden, sepultam os mortos em posição deitada, com os pés para o nascente, para que assim a alma encontre o caminho do Sol. Nas palavras do autor, “*trata-se de ida para o yvý mará eý, o Paraíso mítico dos Guarani, que muitos acreditam estar situado na direção de leste*”. (SCHADEN, 1974, p. 135).

A partir da leitura do capítulo, ficou evidente que Schaden considera benéfica a influência ocidental sobre as sociedades guaranílicas. Nesse sentido, relembramos o emprego da expressão “menos primitivas” para se referir à inexistência da crença na alma plural, verificada entre um dos grupos. O trabalho, sob esse viés, apresenta os filtros norteadores da Antropologia da época.

Também é evidente que Schaden procurou separar o que seria originalmente Guarani do que seria uma prática influenciada pela cultura ocidental, de forma a ressaltar os graus de aculturação de cada grupo. De modo geral, concluiu que os Guarani observados não foram totalmente “aculturados”, pois, mais ou menos, são grupos apegados ao seu sistema religioso tribal. (SCHADEN, 1974, p. 136). A forma como o autor elencou os graus de aculturação, permite que se compreendam, hoje, certos processos de ressignificações da crença ocidental, feitos a partir de uma lógica ameríndia, ou mesmo guaranílica.

5.2.1 Projeção Etnográfica: Cruzamento entre Dados Etnográficos e Arqueológicos

Ainda que Schaden tenha observado e estudado noções sobre a alma, doença, morte e enterramentos que representam as reais práticas guaranílicas da década de setenta, conforme sugere a pesquisa Welter e Martins (2013), cabe nos perguntarmos se elas funcionam para pensar os achados arqueológicos de tempo remoto, especialmente os associados à região Guarani. Dessa forma, é interessante refletirmos sobre se a fonte apresenta subsídios para uma projeção etnográfica que, em alguma medida, permita problematizar esses achados.

Para responder essa questão, convém destacar por primeiro que nenhum sepultamento semelhante aos encontrados nos sítios arqueológicos foi descrito por Schaden. Nesse sentido, não seria possível realizar uma projeção etnográfica nos moldes da anterior, feita a partir das fontes etno-históricas. Esse resultado, no entanto, já era esperado, uma vez que as sociedades observadas e estudadas pelo antropólogo – ainda que este tenha concluído que elas não adotaram a cultura ocidental - passaram por intensos e sucessivos contatos com o homem branco e sua religiosidade ao mesmo tempo em que continuaram interagindo com outras etnias ameríndias.

É interessante destacar, por outro lado, que a observação referente à crença na pluralidade da alma aponta a presença de elementos cristãos, mas, principalmente uma lógica ameríndia (e, talvez, uma lógica essencialmente guaraníca). Nesse sentido, possui potencial para a elaboração de hipóteses que problematizem as deposições intencionais feitas pelos antigos Tupi. Estamos cientes, contudo, que tais hipóteses podem não corresponder, sob nenhum aspecto, aos costumes e intenções dos ascendentes dos Guarani, bem como não corresponder a todos os períodos ou grupos que praticaram os sepultamentos encontrados nos sítios arqueológicos. Trata-se, em suma, de um exercício de problematização, que não deve ser tomado como verdade absoluta.

Entre as constatações sobre a alma, é interessante a noção de que para alguns grupos existem mais de uma em um único indivíduo, que se desenvolveriam de acordo com a personalidade das pessoas. Um relato em específico sugere que podem existir até quatro almas, as quais residiriam na cabeça, no coração e, outras duas, externas ao corpo. Em geral, os Guarani temem as que não vão para o Paraíso e que permanecem na terra, por serem “ruins”.

Em certos sentidos, tais informações combinam com a coerência dos sepultamentos associados aos vasilhames, encontrados nos sítios arqueológicos. Isso porque as vasilhas, que inicialmente interpretamos como sendo para isolar da terra, poderiam ser uma “prisão” para a alma, ou almas, ruins. Conforme a necessidade, esta urna receberia uma cobertura (tampa ou vasilha sobre o crânio), a qual garantiria o aprisionamento da alma que reside na cabeça.

Sob esse viés, os sepultamentos em urnas da região associada à ocupação Guarani não teriam relação com os status do indivíduo, como no caso Tupinambá, mas sim com a noção de alma do grupo. A suposição de que a cobertura é uma proteção contra o retorno da alma, é coerente com o que teria proposto Schmitz em trabalho citado por Müller e Souza (2011).

Também é interessante destacar que os Guarani recentes depositam sobre as sepulturas uma série de objetos, ou ao menos a vara que serviu para levar o morto na rede, o que foi

relacionado pelo autor à intenção de que a alma ruim os utilize. Pensamos, contudo, que poderia ser para garantir que o *anguêry* não retornasse ao ambiente dos vivos, a fim de buscar os seus antigos pertences. Sob esse viés, é possível supor que os achados arqueológicos eram acompanhados pelos objetos perecíveis e não perecíveis, sendo a presença dos adornos, do tembetá, do machado e das cerâmicas (comumente encontrados nos sítios, por resistirem no tempo) um indício dessa intenção, conforme teriam sugerido Müller e Souza.

Sepultamentos de imaturos também são verificados no interior de vasilhas que servem de urnas. Assim, supomos que seguiam a mesma lógica do aprisionamento, ainda que Schaden tenha apontado que os Guarani do período observado por ele não acreditavam que as crianças possuíssem a alma ruim. Essa crença, porém, pode ser recente e apresentar influência cristã, conforme ele mesmo indicou ao elencar a expressão “sem pecados” para definir os imaturos.

É interessante considerar, ainda, que a presença da fogueira associada aos sepultamentos combina com o que aparece no contexto arqueológico associado ao Tupinambá, conforme vimos anteriormente. Contudo, os sepultamentos em sítios arqueológicos atribuídos ao Guarani não estão acompanhados por elas. Nesse sentido, pensamos que esse elemento, observado por Schaden, não forneça uma projeção etnográfica.

5.3 Considerações Acerca das Projeções Etnográficas

A presente Dissertação de Mestrado se preocupou em abordar em detalhes as fontes quinhentistas, analisando-as e colocando-as em comparação para perceber, primeiramente, os dados que teriam valor etnográfico. Apenas após a reflexão é que tais dados foram utilizados, nesse capítulo, para iluminar as práticas mortuárias encontradas nos sítios arqueológicos. A fonte produzida por Egon Schaden, por sua vez, como se trata de uma categoria diferente, não pôde ser analisada a partir dos mesmos parâmetros, tendo sido elencada mais para discutir os motivos e a validade de os arqueólogos se valerem dela, do que para fornecer hipóteses nos moldes das fornecidas pelos dados etno-históricos.

Cabe ressaltar, contudo, que as projeções fornecidas pelos dados etnográficos quinhentistas referem-se a aspectos distintos daqueles fornecidos a partir dos dados etnográficos recentes. Nesse sentido, nos perguntamos se as hipóteses feitas a partir da observação dos Tupinambá podem ser estendidas aos achados arqueológicos de áreas associadas a outros grupos Tupi, e se, por sua vez, as hipóteses feitas a partir da observação

dos Guarani podem ser estendidas aos achados arqueológicos de áreas associadas aos demais grupos Tupi.

De forma geral, os achados humanos, associados aos sítios Tupiguarani de todo o território nacional, seguem uma mesma lógica. Assim, as projeções etnográficas, realizadas com base nas duas categorias de fontes escritas, serviriam para pensar os sepultamentos Tupi como um todo, sem necessidade de considerar os territórios a que os achados arqueológicos estariam associados. Por outro lado, é preciso destacar que as projeções etnográficas apresentam uma divergência significativa: Os dados etno-históricos sugerem que os sepultamentos em urnas funerárias representam uma minoria entre as formas de sepultamentos, feitos apenas para os filhos das lideranças; enquanto que as hipóteses com base nos dados de Schaden apontam, com menor precisão, que as vasilhas que serviam de urnas, bem como as demais cerâmicas dos conjuntos funerários, teriam relação com a alma do indivíduo (não sendo possível verificar nuances, conforme o status do indivíduo dentro do grupo).

Dentro desse contexto, também se faz necessário destacar que buracos de estacas, que poderiam ter sustentado as redes das lideranças, nunca foram encontrados nos sítios arqueológicos de outras áreas, além da área atribuída ao Tupinambá, o que indica particularidades entre as regiões. Tais particularidades nos modos de sepultamentos também podem indicar particularidades no entendimento da morte, da alma e dos rituais empregados no contexto mortuário.

Cabe lembrar, por fim, que não foi possível testar o valor etnográfico dos aspectos descritos por Schaden, uma vez que não foram elencadas outras fontes, da mesma época e com os mesmos atributos, capazes de problematizar as informações selecionadas.

Por essas razões, pensamos que não seja seguro e viável estender as hipóteses a todos os grupos, sendo necessário, antes disso, a realização de novas pesquisas que ampliem a fundamentação das mesmas. A fim de evitar que as suposições das projeções etnográficas sejam tratadas como verdades absolutas ou como hipóteses que abarcariam todos os grupos Tupi, independentemente da região a que estariam associados, pensamos ser imprescindível acompanhá-las das contextualizações e análises das suas respectivas fontes, conforme tentamos realizar nessa pesquisa.

5.4 Tratamento Dado aos Possíveis Inimigos em Oposição ao Tratamento Destinado aos Membros da Aldeia

Os sepultamentos arqueológicos Tupi, analisados anteriormente e problematizados nesse capítulo, parecem referir-se, na sua totalidade, à forma de tratar os mortos que em vida pertenciam à aldeia. É interessante ressaltar, porém, que as técnicas relacionadas a estes indivíduos cuidados, preparados e sepultados pelos vivos, não parece contemplar todas as práticas do universo mortuário das sociedades Tupi.

Já é sabido, através de trabalhos que analisam fontes do início da colonização do território pelos europeus (entre elas, as que analisamos no terceiro capítulo) e de fontes missionárias, que os Tupinambá praticavam rituais antropofágicos, os quais consistiam, basicamente, em capturar e consumir um inimigo da tribo, pertencente ou não à etnia Tupi. Ao ingerirem esse inimigo, o corpo do Tupinambá funcionava como uma espécie de abrigo (ou mesmo sepultura) para as atribuições do morto, uma vez que acreditavam que as características admiradas pelos vivos podiam ser absorvidas do indivíduo, dessa vez não pela terra, mas por aquele que o consumiu.

Assim, resta nos perguntarmos, inspirados por estas constatações, se as sociedades de tempo anterior à Conquista também poderiam ter praticado ritos mortuários semelhantes. Em resumo, há indícios arqueológicos de que as práticas mortuárias nos moldes das que abordamos até aqui, não eram as únicas realizadas entre os Tupi?

Para respondermos com precisão essa questão, seria necessário que todo o território abrangido pelos Tupi tivesse recebido amplas escavações, as quais contemplassem as casas, pátios, lixeiras e espaços diversos, além dos sítios-cemitério e áreas com achados humanos fortuitos, o que não é o caso. Contudo, ao longo da pesquisa, deparamo-nos com uma fonte que contém dados sobre ossos humanos não sepultados, mas com indícios de manipulação humana. Embora sejam escassos, referentes a apenas um único sítio arqueológico, pertencem ao universo mortuário, permitindo contribuir na tarefa de problematização da temática. Essa mesma fonte possui, em anexo, algumas informações sobre um segundo sítio com ossos humanos descartados em lixeiras e com marcas de manipulação humana, os quais também serão mencionados.

Os ossos humanos da fonte bibliográfica foram localizados em um sítio do município de Candelária, no Rio Grande do Sul, região associada pelos pesquisadores à ocupação Guarani (e não ao Tupinambá, já amplamente reconhecido como antropofágico). Esse sítio foi estudado pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas, resultando em trabalho publicado

na revista “Documentos 04”, editada por Pedro Ignácio Schmitz, em 1990. A publicação, intitulada “Uma aldeia Tupiguarani, Projeto Candelária, RS”, classificou os vestígios como “*extremamente escassos dentro dos núcleos*”, sugerindo aos autores “*que deveria ter havido um lugar específico para enterrar os mortos, o qual não foi atingido pelas escavações*”. (SCHMITZ et al., 1990, p. 94).

É interessante destacar que estavam associados aos ossos de outros animais, apresentando, inclusive, as mesmas características das caças: “*os ossos longos tiveram as diáfises estilhaçadas, permanecendo as epífises com claras marcas de fratura, feitas quando o osso ainda era fresco*”. (SCHMITZ et al., 1990, p. 94). Os vestígios humanos compõem-se de

uma epífise proximal de um úmero direito, uma epífise distal de um fêmur direito, queimada num dos lados, uma epífise proximal de um rádio direito, três falanges, dente incisivo inferior muito desgastado e um cuboide intermédio do pé fortemente queimado. (SCHMITZ et al., 1990, p. 94).

Conforme indicado na citação acima, são de apenas o lado direito do corpo, correspondentes quase em sua totalidade a apenas fragmentos - com exceção dos ossos pequenos, que foram localizados inteiros. (SCHMITZ et al., 1990, p. 94). Também é interessante a observação dos pesquisadores de que os remanescentes estavam espalhados e associados à uma fogueira.

O fato de corresponder a apenas um lado do corpo é interpretado pelos autores como intencional, devendo ter relação com a forma de distribuição de alimentos do grupo. Para Shmitz et al., está representado, nesse sítio, o hábito de consumir a carne humana:

Todos esses dados nos levam a propor o registro de canibalismo, envolvendo ao menos um indivíduo adulto, e só um, pedaços do qual parecem ter sido distribuídos pelos ocupantes das três habitações. Aachamos ainda que o fato de se encontrarem apenas restos identificáveis do lado direito pode não ser casual, mas estar dentro de um ritual de distribuição de alimentos. (SCHMITZ et al., 1990, p. 95).

Quanto ao material elencado em apêndice, é referente a achados humanos de outro sítio, localizado em Viamão, Rio Grande do Sul, na beira do lago Guaíba. Conforme descrição da autora que elaborou o material, não se conhece

a cronologia desse sítio pré-colonial, nem sua estrutura, porque o material que veio a nossas mãos para examinar estava depositado num Museu de Porto Alegre, sem essa documentação. Trata-se de uma escavação de quadrículas, em níveis artificiais. Os autores nunca se interessaram pelo seu estudo. (GAZZANEO, 1990, p. 131).

Os resquícios presentes, conforme apontaram as análises, são de dois indivíduos, sendo um jovem e outro adulto. Trata-se de ossos quebrados e queimados, de forma parecida aos encontrados no sítio de Candelária, os quais correspondem a “*fragmentos de crânio e da mandíbula, fragmentos da pélvis, fragmento distal de fêmur, calcâneo e falanges.*” (GAZZANEO, 1990, p. 131). Para a autora, “*os ossos humanos indicam novamente na direção de canibalismo e não de sepultamento dos falecidos da aldeia*”. (GAZZANEO, 1990, p. 132).

A conclusão de que os remanescentes humanos de ambos os sítios representariam a prática do consumo de carne humana foi feita após estudo detalhado dos ossos, o qual permitiu compreender as evidências de manipulação (semelhantes às marcas das demais caças, as quais também estavam associadas à fogueira).

Os autores parecem ter interpretado tais achados como indícios de canibalismo (relacionado à carência alimentar), e não de ritual antropofágico¹, em função das características da área: local associado ao consumo e descartes de alimentos do dia a dia, sem evidências de práticas especiais ou ritualísticas. É preciso, ponderar, no entanto, que a pouca quantidade de restos humanos em cada um dos sítios indica que este não era um alimento frequentemente consumido entre os membros. Também é preciso considerar que muitas ações e gestos dos vivos não se preservam nos sítios arqueológicos, dificultando a identificação e interpretação exata dos rituais. Dessa forma, o que é facilmente interpretado como canibalismo, poderia ter tido, também, uma função ritualística, relacionada com as crenças míticas e religiosas do grupo, não acessíveis ao arqueólogo.

De qualquer forma, é preciso concordar com os autores sobre o fato de este não ser o tratamento dado aos membros da aldeia, uma vez que os sítios arqueológicos Tupi, incluindo os da região associada ao Guarani, apresentam locais específicos para as deposições humanas, as quais apresentam inúmeros indícios de gestos dos vivos no destino do corpo, configurando sepultamentos. Inclusive os achados fortuitos, localizados fora da área de cemitérios, apresentam, igualmente, indícios da interferência dos vivos. Por esses motivos, é consenso entre os arqueólogos que o abandono dos corpos em lixeiras ou em outras áreas, não era uma forma de tratamento dos corpos referentes a indivíduos da aldeia.

Ainda que represente apenas uma região do Brasil, associada ao território Guarani, os ossos humanos com evidências de consumo alimentício servem para matizar o universo

¹ Sobre as diferenças entre as formas de antropofagia (ritual e canibal), ver a obra “O apetite da antropologia, o sabor antropofágico do saber antropológico: alteridade e identidade no caso Tupinambá”, de Agnolin (2005, p. 17).

mortuário Tupi, na medida em que apontam o tratamento dado aos possíveis inimigos. Trata-se de evidências que se opõem às práticas mortuárias relacionadas aos membros da comunidade ameríndia, estudados ao longo do trabalho.

Tais remanescentes humanos descartados em lixeiras também podem servir para instigar os arqueólogos a estudarem detalhadamente os vestígios faunísticos, presentes em áreas específicas dos sítios Tupi. É possível que restos humanos sejam comuns não só entre os sítios associados ao território Guarani, como também nas demais regiões brasileiras, conforme apontado pelas fontes históricas, mas raramente chegam a ser identificados ou abordados nos trabalhos produzidos pelos pesquisadores por motivos variados. A falta de profissional adequado para manipular esses materiais, por exemplo, bem como a falta de interesse dos arqueólogos por eles podem ser algumas das razões.

6 CONCLUSÃO

O trabalho foi desenvolvido com a intenção de estudar as práticas funerárias de sociedades Tupi antigas - e de eventuais grupos que possam ter adotado costumes dessa família linguística e étnica -, que começaram a desenvolver sua cultura material em solo brasileiro a partir do século I da nossa Era. Dentro desse objetivo central, outros quatro específicos foram elegidos, norteando cada um dos capítulos do trabalho. Nesse espaço, retomaremos esses aspectos pesquisados, elencando as conclusões a que chegamos.

“Os sepultamentos Tupi a partir das fontes bibliográficas produzidas pela Arqueologia”, primeiro capítulo, procura apontar e apresentar as principais produções bibliográficas que abordam os achados humanos Tupi. Entre seus objetivos, esteve a intenção de refletir sobre como as áreas de enterramentos e as deposições intencionais foram descritas, interpretadas e explicadas pela Arqueologia brasileira. Como resultados, evidenciou-se que há, em geral, uma preocupação pela descrição dos sepultamentos em detrimento das interpretações; a fundamentação teórica, referente à morte e às práticas mortuárias, comumente é suprimida das pesquisas, assim como o diálogo com outros autores; as narrativas de época são citadas sem prévia crítica ao documento; e relatos etnográficos referentes aos grupos recentes também são usados nessas fontes, mas, para o caso do Sul do Brasil, desacompanhados de crítica. Nesse sentido, aponta a necessidade de ampliar o conhecimento já existente sobre os achados humanos, através da comparação entre os dados, e a necessidade de rever noções e interpretações inconsistentes ou equivocadas, enraizadas na literatura arqueológica.

O segundo capítulo, intitulado “Os dados mortuários: análise e comparação” avalia uma amostra de sepultamentos, escolhida entre as fontes bibliográficas discutidas no primeiro capítulo. Foi desenvolvido com a intenção de destacar a importância das deposições intencionais para o estudo das populações Tupi e para ampliar a compreensão existente acerca das práticas mortuárias. Como resultados, destacamos a observação de 6 tipos diferentes de formas de sepultamentos Tupi (a, b, c, d, e, f), as quais apresentam numerosas variações. Todas elas, contudo, possuem um elemento em comum: a ocorrência da cerâmica. O capítulo também evidencia que não há elementos suficientes para inferir sobre a prática do sepultamento secundário (apesar de alguns autores se apoiarem no tamanho das vasilhas para indicá-lo). Comparar os dados, permitiu um avanço nas interpretações já feitas pelos arqueólogos. É possível notar que o capítulo também funciona como um corpo de dados, onde

as informações presentes nas fontes bibliográficas foram uniformizadas, a partir de um questionário prévio.

O terceiro capítulo, “Os sepultamentos e demais práticas mortuárias Tupinambá a partir de fontes etno-históricas”, foi elaborado com a intenção de testar se os documentos de época apresentam valor etnográfico, podendo ser utilizadas, de fato, pelos arqueólogos. Após análise individual e comparação entre as retóricas da alteridade, chegamos à conclusão de que os conteúdos repetidos entre elas e os elementos singulares, mas sem presença de filtros ocidentais, são os que teriam maior valor etnográfico e, conseqüentemente, potencial para iluminar os achados arqueológicos de tempo remoto.

Por fim, o quarto capítulo, intitulado “O universo mortuário Tupi”, teve como intenção problematizar a temática da pesquisa, abordada ao longo da dissertação. Nesse sentido, preocupou-se em cruzar os dados etnográficos (presentes nas fontes etno-históricas) com os dados arqueológicos, dando origem a hipóteses para pensar as práticas mortuárias Tupi de tempo anterior à Conquista. Também discutiu a validade de os arqueólogos se valerem de dados etnográficos recentes, fornecidos por Egon Schaden, para compreender os achados associados ao território Guarani. Por último, elencou informações sobre sítios arqueológicos com presença de remanescentes humanos descartados em lixeiras, possibilitando o entendimento de que ‘o universo mortuário Tupi’ vai além dos sepultamentos e do tratamento destinado aos mortos pertencentes à aldeia. Em suma, o capítulo procurou evidenciar os resultados da pesquisa.

Através do diálogo entre dados arqueológicos e dados etno-históricos, o quarto capítulo apontou, entre outros resultados, que as práticas mortuárias em associação com a cerâmica Tupi podem não corresponder a todos os sepultamentos da região atribuída aos Tupinambá. Isso por que as deposições intencionais das lideranças e das pessoas comuns seriam em redes, desassociadas de peças cerâmicas, conforme as observações de Soares de Souza sugerem. O cruzamento entre dados etnográficos recentes e dados arqueológicos, por sua vez, indicou que hipóteses acerca do medo da alma ruim e do aprisionamento dela, podem ser feitas pelos arqueólogos, mas tomando-se as devidas precauções para que não sejam confundidas com verdades absolutas.

O capítulo de fechamento também apontou a necessidade de novas pesquisas que permitam ampliar ou fundamentar ainda mais as hipóteses fornecidas pelas projeções etnográficas, feitas com base em ambas as categorias de fontes (especialmente em relação aos dados etnográficos recentes, explorados em menor medida no trabalho). Elas podem ser elencadas, contudo, desde que se evitem generalizações a todo território ocupado pelos Tupi e

desde que sejam acompanhadas da contextualização das suas respectivas fontes, conforme tentamos destacar.

O capítulo também sugere que a retórica de Soares de Souza é mais segura para cotejar com os dados arqueológicos, uma vez que tal narrativa apresenta observação próxima do que é encontrado nos sítios. Na medida em que consideramos as suas “piscadelas”, de acordo com Hartog, como os conteúdos mais coerentes, as observações de Soares de Souza serviram para outras projeções etnográficas, sem que necessitássemos utilizar, na mesma proporção em que utilizamos os dados desse cronista, as ressalvas dos demais autores de época. No entanto, pensamos que novas pesquisas, ou novas reflexões acerca do que já iniciamos a discutir, poderão apontar a validade das demais retóricas da alteridade para pensar outros aspectos que “coincidem” menos com os dados arqueológicos, mas que poderão se mostrar tão coerentes quanto às reflexões com base em Soares de Souza. Esperamos que seja possível, nesse sentido, decifrar as questões apontadas pela imagem elencada por Thevet, a qual apresenta semelhanças com formas de sepultamento que são encontradas entre os sítios arqueológicos.

Nas entrelinhas da dissertação, outras questões foram percorridas e apontadas (mas não resolvidas), tais como a necessidade de elucidar a tradição Tupiguarani na Amazônia (pouco explorada nesse trabalho, por falta de compreensão entre o que seria Tupi e o que não corresponderia a esta família); a necessidade de investir nas datações dos sepultamentos para melhor compreender o contexto mortuário arqueológico; continuar a investigação com base nas fontes etno-históricas, compreendendo o que poderia ser generalizado para todos os territórios Tupi e o que é específico de uma área; a necessidade de maiores estudos de fontes etnográficas tais como a de Egon Schaden, para percorrer novos caminhos que problematizem as práticas mortuárias Tupi e, conseqüentemente, ampliar o entendimento acerca dessas sociedades.

Por fim, cabe ressaltar que a maior conclusão da pesquisa é a de que as projeções etnográficas por nós realizadas, embora tímidas, de fato representam um avanço no estudo dos sepultamentos dos mortos Tupi e suas respectivas práticas mortuárias. O trabalho demonstra, nesse sentido, que é pertinente se valer das fontes documentais de época, analisadas a partir do viés da História, para responder questões que partem do viés arqueológico. Tal diálogo interdisciplinar, contudo, apenas é válido na medida em que considera como essencial a prévia crítica ao documento que serve de base para a formulação das hipóteses.

REFERÊNCIAS

- AGNOLIN, A. **O apetite da antropologia, o sabor antropofágico do saber antropológico: alteridade e identidade no caso Tupinambá.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- ALBUQUERQUE, M. Recipientes cerâmicos de grupos Tupi, no nordeste brasileiro. In: PROUS, André; LIMA, Tânia (Orgs). **Os ceramistas Tupiguarani.** Vol. I. Belo Horizonte: Sigma, 2008, p. 67-89.
- ALMEIDA, M. C. F. **Tornar-se o outro: o topos canibal na literatura brasileira.** São Paulo: Annablume, 2002.
- ARTISTAS, V. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3778/artistas-viajantes>>. Acesso em: 24 de Jul. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- BOCCARA, G. Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo. **Relectura de los procesos coloniales de etnogénesis, etnificación y mestizaje en tempos de globalización.** E-reviv. UMR 8565. Nuevo Mundo, 2001.
- BONOMO, M.; ANGRIZANI, R.C.; APOLINAIRE, E.; NOELLI, F.S. **A model for the Guaraní expansion in the La Plata Brasil and littoral zone of southern Brazil.** Quaternary Internation, nº 356, 2015, p. 54-73
- BROCHADO, J. J. J. P. 1974. **Desarrollo de la Tradición Tupiguarani (A.D. 500-1800).** Gabinete de Arqueologia da UFRGS, Porto Alegre, Publ. nº 3.
- BROCHADO, J. J. J. P. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South América.** Carbondale, University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984 (Tese de Doutorado).
- BUARQUE, A. As estruturas funerárias das aldeias Tupinambá da região de Araruama, RJ. In: PROUS, A.; LIMA, T. (Orgs). **Os ceramistas Tupiguarani.** Volume III – Eixos temáticos. Belo Horizonte: Superintendência do Iphan em Minas Gerais, p. 149-172, 2010.
- CHMYZ, I. Dados Arqueológicos do baixo rio Paranapanema e do Alto rio Paraná. In: PRONAPA. **Resultados preliminares do quinto ano, 1969-1970.** Publicações Avulsas do Museu Paranaense Emílio Goeldi, Belém: MPGE, n 10, 1974, p.95-118.
- CORRÊA, Â. A. **Pindorama de Mboia e îakaré: Continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi.** São Paulo: USP, 2014. (Tese de Doutorado).
- DIAS, O. A Tradição Tupiguarani no estado do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Ana Paula (Org.). **Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani.** Juiz de Fora: EDUFJF, 2009, p. 65-88.

ETCHEVARNE, C. Os grupos Tupi na Bahia: uma abordagem arqueológica. In: OLIVEIRA, Ana Paula (Org.). **Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2009, p. 111-130.

FARTHING, S. **Tudo sobre Arte**. Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos. Rio de Janeiro: sextante, 2010.

GAZZANEO, M. Restos de Alimentos no Sítio de Itapoã. In: **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 04**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS, 1990, p. 131, 132.

GOZZI, G.; TATUMI, S. Novo método de datação por Termoluminescência. **Research Gate**, 2015. Disponível em <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/NOVO_METODO_DE_DATACAO_POR_TERMOLUMINESCENCIA.pdf> Acesso em: 24 de Jul. 2017.

GUIMARÃES, M. B. **A ocupação pré-colonial da Região dos Lagos, RJ**: Sistema de assentamento e relações intersociais entre grupos sambaquianos e grupos ceramistas Tupinambá e da Tradição Una. São Paulo: USP, 2007. (Tese de Doutorado).

HARTOG, F. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do Outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

HARTOG, F. **Memória de Ulisses**. Narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

IPAT/UNESC. **Projeto de salvamento Arqueológico da ZPE Imbituba. Relatório Final**. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense. UNESC, 1999.

KASHIMOTO E; M., MARTINS. G. R. **Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Life editora, 2009.

KLAMT, S. C. **Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani**. Porto Alegre, PUCRS, 2004. (Tese de Doutorado).

LÉRY, J. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1961.

LOPES, M. **Ocupação Tupinambá no Vale do Paraíba Paulista**: Vista a partir da análise do sítio arqueológico Santa Marina. São Paulo: USP, 2014. (Dissertação de Mestrado).

MANO, M. Sobre as penas do gavião mítico: história e cultura entre os Kayapó. **Tellus**, ano 12, n. 22, p. 133-154, jan./jun. 2012. Campo Grande, MS.

MARANCA, S. Dados Preliminares sobre a arqueologia do estado de São Paulo. In: Resultados preliminares do terceiro ano 1967 – 1968. **Publicações avulsas n. 13**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969, p. 133-142.

MÜLLER, L.; SOUZA, S. M. Enterramentos Guarani: problematização e novos achados. In: CARBONERA, M., SCHMITZ, P. I. **Antes do Oeste Catarinense. Arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Argos, 2011, p.167-218.

OLIVEIRA, A. P. L (Org). **Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2009.

PEREIRA, E; SILVEIRA, M. C. L; RODRIGUES, M. J; COSTA, C. J. A; MACHADO, C. L. A Tradição Tupiguarani na Amazônia. In: PROUS, A.; LIMA, T. (Orgs). **Os Ceramistas Tupiguarani**. Vol. I – Sínteses Regionais. Belo Horizonte: Sigma, 2008, p. 49-66.

PESTANA, M. **A Tradição Tupiguarani na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil**. São Leopoldo: UNISINOS, 2007. (Dissertação de Mestrado).

POMPA, C. **Religião como Tradução**. Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial. Bauru: EDUSC, 2003.

PONTIM, R. L. **A Tradição Tupiguarani na Bacia do Alto Tocantins**. São Paulo: USP, 2011. (Tese de Doutorado).

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, A. **O Brasil antes dos brasileiros**. A pré-história do nosso país. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PROUS, A. Estudios sobre los portadores de la cerâmica tupíguarani en Brasil: proto-tupí, proto-Guaraní y otros... In: **Arqueología Tupiguaraní**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, 2011.

PROUS, A.; LIMA, T. (Orgs). **Os Ceramistas Tupiguarani**. Vol. I, II, III. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, 2010.

PY-DANIEL, A. **Os contextos funerários na Arqueologia da Calha do Rio Amazonas**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2015.

RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias**. Uma abordagem historiográfica. São Paulo, Alameda, 2007.

RIZZARDO, F. M. **Formas de sepultamento tupiguarani**. São Leopoldo: Unisinos, 2014. (Trabalho de Conclusão de Curso).

SCATAMACCHIA, M. C. **A Tradição Policrômica no leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá**: Fontes Arqueológicas e Etno-históricas. São Paulo: USP, 1990. (Tese de Doutorado).

SCHADEN, E. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guaraní**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SCHIAVETTO, S. **Arqueologia regional e educação: Propostas de estudo sobre “um passado excluído” de Araraquara, SP**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007. (Tese de Doutorado).

SCHMITZ, P. I; BARBOSA, A. S; MIRANDA, A. S; MIRANDA, A. F; RIBEIRO, M. B; BARBOSA, M. O.. Arqueologia nos cerrados do Brasil central – Sudoeste da Bahia e Leste

de Goiás. O Projeto Serra Geral. **Pesquisas, Antropologia n. 52**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas. 1996.

SCHMITZ, P. I; JACOBOS, AL. L; GAZZANEO, M; ROGGE, J. H; MARTIN, H. E; BAUMHARDT, G. Uma aldeia Guarani. Projeto Candelária, RS. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 04**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS, 1990.

SILVA, A. P. **Narradores Tupinambá e etnosaberes nas crônicas francesas do Rio de Janeiro (1555-78) e do Maranhão (1612-15)**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011. (Dissertação de Mestrado).

SOARES DE SOUZA, G. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Terceira Edição. São Paulo: BPB, 1938.

STADEN, H. **Duas viagens ao Brasil**. Tradução de Guiomar de Carvalho Franco. São Paulo: Publicações da Sociedade Hans Staden, 1942.

SUÑER, R. A. **Arqueologia Tupi no médio Ji-Paraná (RO): Teoria do não-equilíbrio dinâmico e abordagem multifocal dos processos de mobilidade populacional no Sudoeste Amazônico**. São Paulo: USP, 2015. (Tese de Doutorado).

TATSCH, F. G. **A Construção da Imagem Visual da América. Gravuras dos séculos XV e XVI**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011. (Tese de Doutorado).

THEVET, A. **Singularidades da França Antártica**. Tradução de Estevão Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

WELTER, T.; MARTINS, P. Atualidade da obra de Egon Schaden no centenário de seu nascimento. **Plural, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP**. São Paulo: v. 20.2, 2013, p. 173-176.